



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**“DO MELHOR POSSÍVEL AO SEMPRE ALERTA”: DISCIPLINANDO CORPOS E  
CONSTRUINDO IDENTIDADES NO ESCOTISMO EM CAMPINA GRANDE-PB  
(1980-1990)**

**ANDRESSA BARBOSA DE FARIAS LEANDRO**

CAMPINA GRANDE-PB  
2014

**ANDRESSA BARBOSA DE FARIAS LEANDRO**

**“DO MELHOR POSSÍVEL AO SEMPRE ALERTA”: DISCIPLINANDO CORPOS E  
CONSTRUINDO IDENTIDADES NO ESCOTISMO EM CAMPINA GRANDE-PB  
(1980-1990)**

**PROF. DRA. REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO  
ORIENTADORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração em Cultura, Poder e Identidades.

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2014**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L437d

Leandro, Andressa Barbosa de Farias.

“Do melhor possível ao sempre alerta” : disciplinando corpos e construindo identidades no escotismo em Campina Grande – PB / Andressa Barbosa de Farias Leandro. – Campina Grande, 2014.

171 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

“Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Coelli Gomes Nascimento”.

Referências.

1. História – Cultura – Identidade.
2. Disciplina.
3. Emergência
4. Grupos de Escoteiros. I. Nascimento, Regina Coelli Gomes. II. Título.

CDU 930.85:159.923.2 (043)

**ANDRESSA BARBOSA DE FARIAS LEANDRO**

**“DO MELHOR POSSÍVEL AO SEMPRE ALERTA”: DISCIPLINANDO CORPOS E  
CONSTRUINDO IDENTIDADES NO ESCOTISMO EM CAMPINA GRANDE-PB  
(1980-1990)**

Dissertação avaliada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Coelli Gomes do Nascimento  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira  
(Examinador Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olívia Moraes de Medeiros Neta  
(Examinador Externo)

---

Prof. Dr. Celso Gestemeier do Nascimento  
(Suplente Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silêde Leila Oliveira Cavalcanti  
(Suplente Externo)

Aos amores da minha vida:

Adriano Peixoto Leandro,  
Adriano José de Farias Leandro, e  
Amanda de Farias Leandro.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela família unida e maravilhosa que tenho e por ter permitido a realização de tantas coisas boas em minha vida, sem a sua presença e luz, nada disso seria possível.

A Adriano (meu Dião), marido, amor, amigo, incentivador, conselheiro e companheiro, que sempre esteve presente em todos os momentos dessa trajetória, desde quando esse trabalho era apenas uma ideia. Sempre disposto a me acompanhar quando eu precisava, a escutar e dar sugestões. É hora de agradecer a sua atenção, seu cuidado, a sua compreensão e o seu carinho, tão importantes durante o processo da elaboração desse trabalho. Sem você, o caminho teria sido muito mais difícil. Você me dá à base necessária para que eu possa prosseguir caminhando, na minha vida acadêmica.

Aos meus pais, Soares e Luzia, pelo amor incondicional que sempre me dedicaram, pelos valores que me ensinaram, pelo apoio, torcida e pelas incontáveis vezes que ouvi através de ligações telefônicas, devido a distância que nos separam a seguinte frase: “vai dar certo, você é muito esforçada, você vai conseguir”.

Aos dois anjos que Deus colocou em minha vida: meus filhos, Adriano (Juninho) e Amanda, pela compreensão, pelas vezes que escutaram “agora não posso” e por entenderem que esse trabalho era importante para o meu crescimento acadêmico. Agradeço a Deus, todos os dias, por ele ter me dado filhos maravilhosos, vocês são o melhor de mim, tenho muito orgulho de vocês. Sou muita grata a Juninho, por ter me auxiliado, durante as pesquisas, no Arquivo do Museu Histórico e também nas transcrições das entrevistas.

As minhas irmãs, Janaína e Brenda, que mesmo estando longe, sei que torcem por mim.

A minha avó Bastinha (in memoriam), pelas orações, pelo amor e carinho que me dedicou em vida. Infelizmente, ela partiu três meses antes da conclusão deste trabalho, mas sei que de onde ela estiver, está torcendo por mim. Fique com Deus minha avó querida.

A minha avó Nazinha pelo carinho que dedica a mim e a minha família.

Aos meus sogros, Francisca e Osvaldo, pelos quais tenho um carinho muito especial.

A minha orientadora, a professora Regina Coelli, que acreditou na minha proposta de estudo desde o primeiro momento. Agradeço pela confiança, pelo incentivo, pelos

conselhos, pelas palavras certas, nos momentos de angústia, obrigada por ter acreditado em mim. Nesses dois anos, você foi muito mais que uma orientadora, você foi uma amiga.

As amigas de longa data, Cida, Eiry, Ju, Rose e Sunara e as novas amigadas que surgiram, ao longo do curso, Andrea e Joseane, com vocês compartilhei as angústias e alegrias da vida acadêmica.

Sou grata a todos os entrevistados que aceitaram narrar as suas experiências escoteiras, contribuindo sobremaneira, para a concretização desse estudo. Em especial, sou grata a Maria de Fátima Moraes, Edmar Cícero de Melo e Oscar Henrique de Andrade Neto, que além de narrar suas experiências, gentilmente, disponibilizavam seus acervos pessoais.

A CAPES, que me possibilitou ter tranquilidade financeira, durante a realização dessa pesquisa.

A Região Escoteira da Paraíba, ao Centro Cultural do Movimento Escoteiro, aos Grupos de Escoteiros, General Sampaio, Santos Dumont e ao Baturité, por terem disponibilizado os seus arquivos, contribuindo sobremaneira, para a realização dessa pesquisa.

Ao professor Iranilson Buriti e a professora Silede Leila pelas contribuições dadas, durante a Banca de Qualificação. Reforço a minha gratidão ao professor Iranilson e ao seu filho Álef, pela tradução do resumo.

Agradeço também a professora Olívia de Moraes de Medeiros Neta, que assim, como o professor Iranilson, gentilmente, aceitou compor a Banca Examinadora da Defesa.

A Julianna, escoteira do GE 5 de novembro da cidade de João Pessoa, por ter facilitado o acesso à documentação do Centro Cultural do Movimento Escoteiro.

A Cecília do Centro Cultural do Movimento Escoteiro, pela sua gentileza e pela sua disposição em ajudar.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, por contribuírem para a minha formação, enquanto historiadora.

A Fátima funcionária do Arquivo do Museu Histórico de Campina Grande, que sempre se mostrou disposta a ajudar-me, facilitando assim, o trabalho de pesquisa.

A todos vocês, o meu sincero e emocionado, "MUITO OBRIGADA"!

LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. “Do Melhor Possível ao Sempre Alerta”: **Disciplinando corpos e construindo identidades no Escotismo em Campina Grande-PB (1980-1990)**. Dissertação (Mestrado em História) PPGH, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2014.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo problematizar as práticas escoteiras vivenciadas, na cidade de Campina Grande-PB, nas décadas de 1980-1990, refletindo sobre o disciplinamento dos corpos e a construção de identidades nos Grupos de Escoteiros (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité). Deste modo, com base, na análise de fontes orais, na documentação dos arquivos dos referidos Grupos de Escoteiros, nos registros da União dos Escoteiros do Brasil, fotografias e jornais, buscamos refletir como um movimento educativo pensado para a realidade dos jovens ingleses do início do século XX, conseguiu atrair tantas crianças para as suas fileiras na cidade de Campina Grande, na década de 1980-1990, quase cem anos depois de sua criação? Partindo da premissa de que os Grupos de Escoteiros são espaços disciplinares, cujo objetivo é a formação do jovem educado, cumpridor dos seus deveres e útil para a sociedade, refletimos sobre a aplicação do Método Escoteiro, entendido em nosso trabalho como um mecanismo que cumpre a função de disciplinar o corpo, a mente e as emoções dos escoteiros. Analisamos ainda as práticas simbólicas que perpassam o escotismo, responsáveis por estabelecerem a coesão e o sentimento de pertença entre os membros escoteiros, buscando a construção de uma identidade comum. Para a concretização desta pesquisa dialogou-se com alguns autores, a exemplo de FOUCAULT (1987) e suas reflexões teóricas sobre o poder disciplinar, BOSI (1994) e HALBWACHS (1990) acerca da memória, HALL (2005) que nos deu subsídio para discutir a produção de identidades, CHARTIER (1990) e sua análise sobre as representações sociais, CERTEAU (1994) sobre as táticas de resistência, dentre outros.

**Palavras-chave:** Disciplina. Emergência. Grupos de Escoteiros. Identidades.



LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. **"From The Best to the Always Alert": Disciplining bodies and building identities in scouting in Campina Grande-PB (1980-1990)**. LEANDRO. Dissertação (Mestrado em História) PPGH, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2014.

## SUMMARY

The following study has as objective to problematize the scouts practices lived, in the city of Campina Grande - PB, in the decades of 1980-1990, reflecting about the discipline of the bodies and the building of identities in the scout groups (General Sampaio, Santos Dumont and Batiruté). Thus, based on the analysis of oral sources, in the files documentation of the referred scout groups, in the records of the Union of Scouts Brazil, photographs and newspapers, we reflect as an educational movement thought to the reality of young Englishmen of the early twentieth century, has attracted many children to their ranks in the city of Campina Grande, in the decade of 1980-1990, nearly a hundred years after its creation? Assuming that the Scout Groups are disciplinary spaces, whose goal is the formation of an educated young, aware of their duties and availabilities to society, we reflected on the implementation of the Scout Method, seen in our work as a mechanism whose function is to discipline the body, mind and emotions of the scouts. We also analyzed the symbolic practices that pervade the scouting, responsible for establishing cohesion and sense of belonging among scouts members seeking the construction of a common identity. To achieve this research, it was discussed as some authors, like FOUCAULT (1987) and his theoretical reflections on disciplinary power, BOSI (1994) and HALBWACHS (1990) on the memory, HALL (2005) who gave us allowance to discuss the production of identities, Chartier (1990) and his analysis of the social representations, Certeau (1994) on resistance tactics, among others.

**Keywords:** Course. Emergence. Scout Groups. Identities.

## **LISTA DE SIGLAS**

ARELO- Acampamento Regional de Escoteiros Lobinhos

ARPE- Acampamento Regional de Patrulhas Escoteiras

CPTRAN- Companhia de Policiamento de Trânsito

EMC- Educação Moral e Cívica

ELO- Escoteiros Locais em Operações

FEBEMAA- Fundação Estadual do Bem Estar do Menor Alice de Almeida

FETEC- Feira de Tecnologia de Campina Grande

GAS- Grande Acampamento Sênior

GE- Grupo de Escoteiros

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB- Leis de Diretrizes Básicas da Educação

OSPB- Organização Social e Política do Brasil

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

UEB- União dos Escoteiros do Brasil

TER- Tribunal Regional Eleitoral

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reportagem sobre os escoteiros em dificuldades no Estado da Bahia no ano de 1923.....	4
Figura 2: Escoteiros ilustram livro de Moral e Cívica no final da década de 1970.....	27
Figura 3: Escoteiros do GE Baturité pousando para a foto no dia da solenidade de inauguração do Grupo no auditório da FEBEMAA.....	33
Figura 4: Escoteiros em solenidade no hasteamento da bandeira, durante as comemorações da semana da Pátria, realizada pela Prefeitura Municipal, na Praça da Bandeira em 1994.....	38
Figura 5: Escoteiros em comemoração ao dia internacional do escoteiro, no Parque do Açude Novo, em Campina Grande no ano de 1983.....	43
Figura 6: escoteiros ao lado das autoridades durante o hasteamento do pavilhão Nacional, durante a realização do IV ELO no ano de 1981, realizado no Parque de Exposições de Animais de Campina Grande.....	44
Figura 7: Distintivo do XIV ELO, entregue aos membros escoteiros que participaram do evento realizado na cidade de Campina Grande-PB em 1991.....	45
Figura 8: Escoteiros saindo em caminhada para divulgar o Movimento Escoteiro na cidade, durante a realização do XIV ELO, no Parque do Povo no ano de 1991.....	46
Figura 9: Frente da sede do GE do Ar Santos Dumont Localizada no bairro do Presidente Médici.....	48
Figura 10: Cópia do documento que reconhece o GE do Ar Santos Dumont como utilidade pública .....	49
Figura 11- Governador Ronaldo C. Lima e os escoteiros, durante a realização de solenidade de entrega do Campo Escola escoteiro, no ano de 1994.....	51
Figura 12: Saudação escoteira.....	58
Figura 13: Elementos que compõe o Método Escoteiro.....	71
Figura 14: Cerimônia de Promessa no GE do Ar Santos Dumont.....	73
Figura 15: Texto sobre a honra escoteira, publicado no periódico Informe Escoteiro, produzido pelo GE Baturité.....	74
Figura 16: Distribuição de membros por ramos no Escotismo.....	79

Figura 17: A coeducação nos ramos escoteiros .....	80
Figura 18: Acampamento do Grupo de Escoteiros Baturité na década de 1990 .....	83
Figura 19: Composição de um Grupo de Escoteiros .....	85
Figura 20: Comemoração dos 10 anos de fundação do GE do Ar Santos Dumont...	88
Figura 21: Acampamento do GE do Ar realizado, em Jenipapo, no ano de 1988.....	89
Figura 22: Informe Escoteiro, Mai/Jul, 1997.....	92
Figura 23: Ficha 120 .....	94
Figura 24: Ficha 120 (Verso) .....	95
Figura 25: Lobinhos do GE Santos Dumont no “maior cajueiro do mundo”.....	97
Figura 26: GE Santos Dumont em excursão, na cidade do Recife, no ano de 1994 .....	97
Figura 27: Programação da II Aventura Sênior Regional .....	103
Figura 28: VI Elo nacional realizado, no Parque de Exposições de Animais, em Campina Grande no ano de 1980.....	105
Figura 29: Ritual da promessa escoteira no GE Baturité.....	112
Figura 30: Aperto de mão escoteiro.....	114
Figura 31: Lobinhos do GE General Sampaio, durante acampamento, na década de 1990.....	116
Figura 32: Escoteiros do GE Santos Dumont em atividade ao ar livre.....	119
Figura 33: GE do Ar Santos Dumont Durante a realização de atividades no Açude Novo, em Campina Grande.....	121
Figura 34: Flor de lis: símbolo do Escotismo mundial.....	127
Figura 35: Emblema que representa o escotismo no Brasil.....	128
Figura 36: Símbolos dos Grupos de Escoteiros de Campina Grande.....	130

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da população, segundo a composição etária (1980) .....	31
Tabela 2: A organização em Ramos do Movimento Escoteiro.....	76
Tabela 3: Dados do Censo Escoteiro de 1991 .....	78

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
-------------------------	---

### **CAPÍTULO I**

“O Escoteiro está Sempre Alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação”: a emergência do Escotismo em Campina Grande.....	21
1.1- A emergência do escotismo em Campina Grande.....	21
1.2-“Esta organização é um tipo de bola de neve a qual ninguém pode se opor”.....	52
1.3-Características militares no Programa Escoteiro: aproximações com o Brasil....	57
1.4-O Escotismo no Brasil: uma iniciativa militar.....	61

### **CAPÍTULO II**

“O Escoteiro é obediente e disciplinado”: O Método Escoteiro disciplinando o corpo, a mente e as emoções das crianças e jovens.....	66
2.1-Escotismo: uma educação não formal.....	67
2.2-Método Escoteiro de ensino: educação e disciplinarização.....	70
2.3-Acampamentos: vigilância e diversão.....	96

### **CAPÍTULO III**

“Uma vez escoteiro sempre escoteiro”: Traços das identidades escoteiras.....	109
3.1-As práticas simbólicas escoteiras.....	109
3.2-Uniforme escoteiro: dispositivo de controle, vigilância e identificação.....	117
3.3- Peculiaridades da simbologia escoteira.....	124
3.3-“O escotismo fica no sangue?”.....	131
3.4- “O Movimento Escoteiro requer renúncias e sacrifício” .....	136

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	142
-----------------------------------	-----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	148
--------------------------	-----

### **ANEXOS**

## INTRODUÇÃO

O interesse em estudar esta temática começou a ser delineado no ano de 2008, quando tive o meu primeiro contato com o Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande. Até então, não sabia, exatamente, sobre o que se tratava o Movimento Escoteiro, como a maioria das pessoas, já tinha visto alguns filmes que faziam referências aos escoteiros, ouvido as expressões: “palavra de escoteiro”, “uma vez escoteiro sempre escoteiro” e até mesmo visto alguns escoteiros uniformizados na rua, mas não sabia maiores detalhes sobre o Movimento Escoteiro. Apesar de o meu marido, Adriano Peixoto Leandro, já ter sido escoteiro<sup>1</sup> durante a sua adolescência, nunca conversamos muito sobre esse fato, raro algumas exceções em que ele comentava sobre as experiências vividas durante os acampamentos.

Mas, a partir do momento que vimos alguns escoteiros uniformizados, na rua, no ano de 2007, acredito que as suas lembranças do tempo em que foi escoteiro, foram afloradas, assim também, como o seu interesse em “reviver”, de alguma forma, aqueles momentos. Na hora, ele comentou que queria levar nosso filho Adriano José (Juninho), que na época tinha 10 anos, para conhecer um Grupo de Escoteiros, pois achava que seria interessante para o seu desenvolvimento. Mas como fazia pouco tempo que estávamos morando em Campina Grande<sup>2</sup>, não tínhamos conhecimento do local em que os escoteiros se reuniam.

Com a correria do dia a dia, essa ideia foi sendo deixada de lado. Mas em meados de 2008, novamente nos deparamos com alguns escoteiros, então ele decidiu parar e perguntar em que local eles se reuniam. Eles eram membros do Grupo de Escoteiros (GE) General Sampaio, cuja sede funciona na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Apesar de estarmos todos os dias nessa Instituição, não tínhamos conhecimento de que ali, nas tardes de sábado, eram realizadas as reuniões de escoteiros<sup>3</sup>. Ficamos sabendo que além do GE General

---

<sup>1</sup> Meu marido foi membro escoteiro entre os anos de 1988 a 1991, do extinto Grupo de Escoteiros Bartolomeu de Gusmão, que funcionou na cidade do Natal, no Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>2</sup> Morávamos em João Pessoa, mas em janeiro do ano de 2007, nos mudamos para a cidade de Campina Grande.

<sup>3</sup> Na época eu era aluna do curso de História da UFCG e o meu marido cursava Engenharia de Minas, na mesma instituição.

Sampaio, funcionava na cidade, o GE do Ar Santos Dumont, no bairro do Presidente Médici, e o GE Baturité, no bairro do Catolé.

A partir desse contato, meu marido passou a levar o nosso filho, Adriano José, então com 11 anos, para as reuniões do GE General Sampaio. Logo, ele também ingressou no Grupo, como chefe do ramo escoteiro. Alguns meses depois, a nossa filha, Amanda, na época com sete anos, foi conhecer o Grupo. Resultado, ela também ingressou no escotismo. Todos os sábados à tarde, “fizesse chuva ou fizesse sol”, os três vestiam seus uniformes e iam para as reuniões. Posteriormente, para não ficar sozinha, em casa, comecei a acompanhá-los durante algumas reuniões e, paulatinamente fui sendo “apresentada” ao universo escoteiro, conhecendo o seu Método educativo, as regras do Movimento Escoteiro e toda a simbologia que o cerca.

Por curiosidade, comecei a realizar pesquisas na internet sobre o Movimento Escoteiro e me surpreendi com a vasta literatura que encontrei sobre o tema. Encontrei referências de vários livros que foram escritos por Baden-Powell, o idealizador do escotismo, e editados pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) <sup>4</sup>. Nesses livros estão contidos os princípios, a pedagogia e as regras do escotismo. Outro fato que também chamou a minha atenção foi o número de pessoas que faz parte desse Movimento mundial<sup>5</sup>.

À medida que lia esses livros, cada vez mais aumentava os meus questionamentos. Como um movimento educativo pensado para a realidade dos jovens ingleses do início do século XX, pautado em uma rígida disciplina, conseguiu atrair tantas crianças para as suas fileiras, na cidade de Campina Grande, na década de 1980 e 1990, quase cem anos depois de sua criação? Eu tinha o

---

<sup>4</sup> A UEB é uma sociedade civil de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública, que congrega os Grupos de Escoteiros no Brasil. Ela está organizada em três níveis: nacional, com autoridade em todo território brasileiro, regional denominado Região Escoteira, podendo abranger uma ou mais unidades da federação, ou parte delas, com autoridade sobre a área que lhe for fixada (normalmente compreende os Estados da Federação), já o nível local é constituído pelos Grupos Escoteiros e Seções Escoteiras Autônomas, que são as organizações locais para a prática do Escotismo. A UEB é reconhecida de utilidade pública Federal pelos decretos nº 3.297 de 11/07/1917, reiterada pelo decreto nº 5.497 de 23/07/1928 e como instituição de educação extraescolar e órgão máximo do escotismo brasileiro pelo Decreto-Lei nº 8.828 de 24/01/1946.

<sup>5</sup> Segundo a UEB (União dos Escoteiros do Brasil), atualmente o Movimento Escoteiro reúne mais de trinta milhões de pessoas (30.000.000) distribuídas em 216 países e territórios, já no Brasil existem cerca de setenta mil (70.000) escoteiros, no estado da Paraíba em torno de 900 escoteiros e em Campina Grande, 180 escoteiros. (Dados disponíveis em <http://www.escoteiros.org/institucional/> acesso em 05/05/2013).



exemplo em casa, meus dois filhos mesmo com toda a rigidez disciplinar que o escotismo exigia, eles continuavam firmes no propósito de serem membros do Movimento Escoteiro. Então, como explicar tal fato? Como explicar a permanência de crianças e jovens em um Movimento, cujo discurso se fundamenta, sobretudo, na disciplina, civismo, moral e altruísmo?

Outro fato que aguçou a minha curiosidade foi constatar que, a maioria dos membros voluntários- os chamados chefes escoteiros- dos Grupos de Escoteiros da cidade de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité), já terem sido escoteiros durante o período da infância e/ou adolescência. Assim, como o meu marido, depois de adultos, eles retornaram para o Movimento Escoteiro, trazendo os filhos. Quais são as experiências vividas dentro desses Grupos de Escoteiros? Até que ponto elas marcam as vidas de seus membros? Por que a maioria deles retorna ao Movimento Escoteiro?

Quando surgiu a oportunidade de fazer o projeto para a seleção do Mestrado, não tive dúvidas, decidi que era a hora de levar para o âmbito acadêmico, as minhas indagações e inquietações sobre o Movimento Escoteiro.

Escolhida a temática de nossa pesquisa, faltava fazer algumas delimitações como o espaço e a temporalidade. Algumas fontes reforçaram a hipótese de que o Escotismo era praticado no Estado da Paraíba desde a década de 1920, como por exemplo, a obra, **A História do Escotismo no Brasil** (1994), de autoria do almirante David Blower, onde é discutida a implantação e expansão do Escotismo em nosso país. O autor nos dá uma pista sobre a prática do Escotismo no Estado, ao afirmar que, no ano de 1915, o Movimento Escoteiro já existia em quase todos os Estados, inclusive no estado paraibano.

Encontramos ainda uma reportagem do Jornal **Correio da Manhã**, do ano de 1923, que cita o nome de dois escoteiros paraibanos, Jayme Ferreira e Floriano Mendes, conforme imagem a seguir:

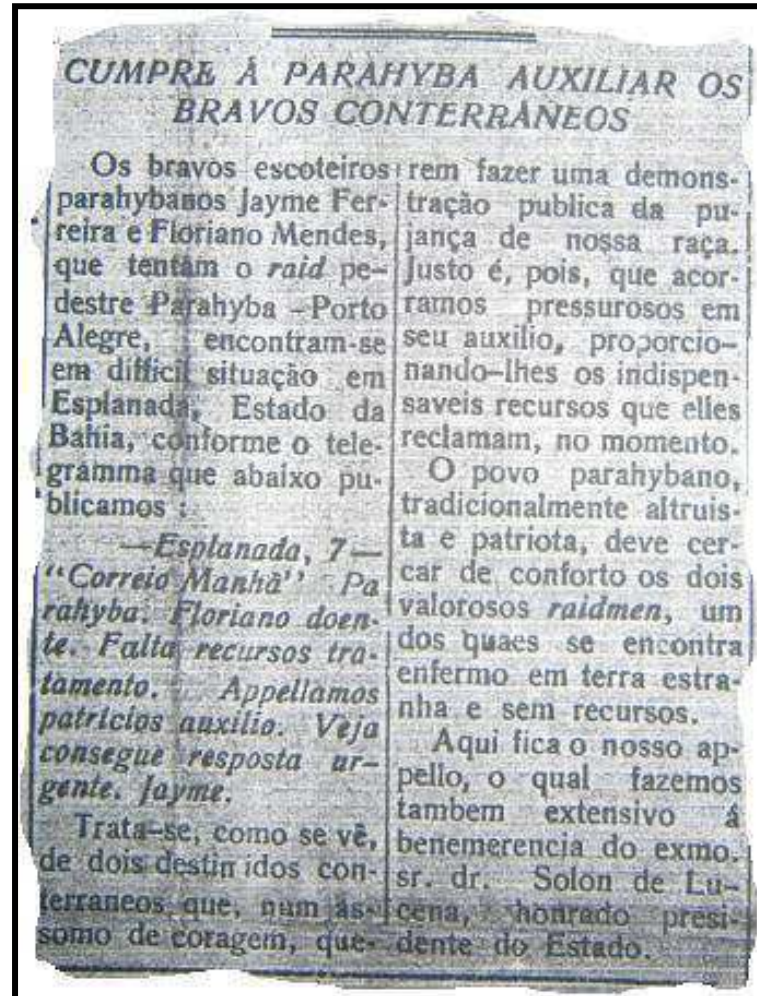


Figura 1- reportagem sobre os escoteiros em dificuldades no Estado da Bahia no ano de 1923 (Fonte: Jornal Correio da Manhã, 09/11/1923. (Consultado no arquivo da UEB).

Embora a reportagem cite o nome de dois escoteiros paraibanos que se encontravam em dificuldades no Estado da Bahia, ela não faz nenhuma referência a nome de Grupos de Escoteiros da Paraíba. Observamos também, que a reportagem usa o adjetivo “bravo” e “distinto” para se referir aos escoteiros, denotando assim, certa exaltação a figura dos escoteiros, ou seja, nesse período os escoteiros eram representados como exemplo de força, coragem e obediência. Sendo um “exemplo da pujança de nossa raça”, os mesmos mereciam receber a ajuda do povo paraibano e também do Presidente do Estado, Sólton de Lucena.

O primeiro Grupo do Estado da Paraíba registrado na UEB foi o GE do Mar Almirante Barroso, fundado no ano de 1968, na cidade de João Pessoa. Provavelmente, já existiam Grupos de Escoteiros, contudo eles não eram registrados. O levantamento dessas informações foi necessário para que

podéssemos delimitar o nosso recorte temporal e espacial<sup>6</sup>.

Deste modo, o presente trabalho tem como temática o Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande, durante as décadas de 1980-1990. Este recorte espacial foi escolhido, porque foi na convivência com os Grupos de Escoteiros dessa cidade, que surgiram as indagações e questionamentos que levaram à escolha da temática. Poder-se-ia pensar em pesquisá-la e problematizá-la junto a outros espaços, visto que, o Movimento Escoteiro é praticado em outras cidades do Brasil, dentre elas a capital do Estado, João Pessoa, onde a quantidade de Grupos de Escoteiros é superior à encontrada em Campina Grande<sup>7</sup>, o que leva algumas pessoas a considerarem que em virtude disso, o Movimento Escoteiro seja mais relevante nessas cidades. Não obstante, levamos em consideração que as relações de sociabilidades desenvolvidas com as pessoas que fazem parte do Movimento Escoteiro, em Campina Grande, facilitariam o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que, as mesmas poderiam nos fornecer pistas, através de fotos, recortes de jornais e até mesmo relatos orais sobre a prática escoteira que fora desenvolvida na cidade nesse período.

Quanto ao recorte temporal, as décadas de 1980-1990, se justificam por abarcar a emergência, desenvolvimento e a consolidação dos Grupos de Escoteiros na cidade de Campina Grande. Deste modo, esta dissertação constrói-se com o objetivo de problematizar as práticas do escotismo, na cidade de Campina Grande durante as décadas de 1980-1990, refletindo sobre o disciplinamento do corpo e a construção de identidades, nos Grupos de Escoteiros.

De acordo com Blower (1994), o Movimento Escoteiro se expandiu para quase todo território brasileiro, no período de 1910-1924. Essa expansão foi impulsionada pela promulgação do Decreto de Poder Legislativo de nº 3297, de 11 de julho de 1917, no qual o Movimento Escoteiro é considerado de utilidade pública. O discurso escoteiro pautado na disciplina, na honra, no civismo e no altruísmo entusiasmou as entidades cívicas, estabelecimentos de ensino, clubes esportivos, Igrejas e as autoridades constituintes que vislumbraram, no Movimento de Baden-Powell, uma maneira de incentivar a disciplina e o civismo no meio da juventude brasileira.

---

<sup>6</sup> Informação consultada nos arquivos da Região Escoteira da Paraíba.

<sup>7</sup> Em João Pessoa funcionam, atualmente, seis Grupos de Escoteiros.

Apesar da evidenciada experiência do Movimento Escoteiro em muitas cidades brasileiras, nota-se, conforme assinalou Nascimento (2008), que as pesquisas realizadas sobre o tema são muito recentes e se restringem fundamentalmente à prática escoteira nos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Nesse sentido, destacamos os trabalhos produzidos pelo historiador Adalson de Oliveira Nascimento, que abordam o Movimento Escoteiro, no Estado de Minas Gerais, a sua monografia intitulada, **Sempre Alerta! O Movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**, defendida no ano de 2002, o artigo **Educação e Civismo: Movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**, publicado no ano de 2006, e por fim, a dissertação de mestrado intitulada **Sempre Alerta: O movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**, defendida em 2004, na qual analisa a estruturação do escotismo em um contexto de valorização do nacionalismo e do civismo, demonstrando que a consolidação das práticas escoteiras no Estado de Minas Gerais esteve atrelada a grupos organizados e aos Poderes Públicos estaduais e federais, que almejavam uma educação voltada para a valorização do civismo e do patriotismo. Segundo o autor, o discurso do escotismo fundamentado no civismo e no patriotismo, atraía grupos de projetos educacionais diferentes, tais como, ligas nacionalistas, católicos, escolanovistas, integralistas, militares e grupos gestores de sistemas públicos educacionais.

Bruno Raposo Martins também escreveu sobre o escotismo, no Estado de Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Juiz de Fora. Sua dissertação, **Escotismo e educação integral em Juiz de Fora: O Grupo Cayuás do Instituto Metodista Granbery (1927-1930)**, defendida no ano de 2008, problematiza a aproximação entre a ideologia escoteira e os propósitos da pedagogia metodista. O autor argumenta que a proximidade entre as ideias de Baden-Powell e a pedagogia metodista, levou os dirigentes do Instituto Metodista Granbery a adotarem o escotismo, para complementar a educação dos filhos da elite da cidade de Juiz de Fora.

Outra pesquisadora, que se dedicou à temática escoteira, foi Cinara Lino Colonetti Bergmann, em sua dissertação, defendida no ano de 2011, intitulada, **A pedagogia escoteira no Grupo Escoteiro Tangará pelas memórias do guardião**

**de sua história em Criciúma/SC (1963-1973)**, onde é problematizada a pedagogia escoteira, vivenciada no Grupo Escoteiro Tangará do Colégio Marista, do extremo sul catarinense. Auxiliada pelas memórias do Sr. Theobaldo Sausen, sujeito que, para ela, se confunde com a própria história do Grupo de Escoteiros Tangará, a autora busca recompor os vestígios da prática escoteira, na cidade de Criciúma, no Estado de Santa Catarina. Segundo a autora, o Grupo de Escoteiros Tangará, através dos seus preceitos e ideologias, intencionou fabricar sujeitos para suprir a necessidade da sociedade criciumense, que precisava de homens civilizados e doutrinados. Deste modo, a pedagogia escoteira serviu para estabelecer uma identidade nacional entre os seus membros, fundamentada no civismo e nos valores religiosos.

O pesquisador Nilson Thomé, escreveu vários artigos sobre as práticas escoteiras: **Movimento Escoteiro: projeto educativo extra-escolar** (2006), **Escotismo em Caçador (SC): História de uma Instituição extra-classe** (2005), **Escotismo: História de uma prática educativa extra-escolar** (2005). O autor analisa o escotismo na cidade de Caçador, no Estado de Santa Catarina, problematizando como a prática escoteira, concebida como extraescolar, foi utilizada nos estabelecimentos de ensino, para complementar a educação formal.

Maria de Fátima Souza, no artigo intitulado, **A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira** (2000), trata sobre o escotismo, no Estado de São Paulo, evidenciando como este se constituiu em uma escola de civismo, cujo papel era militarizar as crianças, nas décadas de 1910-1920. Os autores Judith Zuquim e Roney Cytrynowicz também estudam a trajetória do Movimento Escoteiro em São Paulo, na pesquisa **Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo** (2002).

Antonio Boulanger escreveu a bibliografia de Baden-Powell, intitulada, **O Chapelão: histórias da vida de Baden-Powell**, onde são narrados vários fatos da vida do general inglês, principalmente o momento da criação do Escotismo. Já o almirante Bernard David Blower escreveu o livro, **A história do Escotismo no Brasil (1994)**, no qual são abordados a emergência, desenvolvimento e consolidação do Escotismo no Brasil. O autor Laszlo Nagy lançou em 1987, ano em

que era comemorado os 80 anos de escotismo, o livro **250 milhões de escoteiros**, que narra a trajetória e a expansão do Movimento Escoteiro. Os livros, que apontam para a temática abordada, trazem uma leitura de cunho, meramente informativo e de exaltação ao Movimento Escoteiro, contudo, ao que parece, esses autores não materializam, em suas produções, uma leitura crítica sobre o Movimento Escoteiro.

Citamos também o livro de Jorge Carvalho do Nascimento, intitulado, **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado** (2008). O autor argumenta que o escotismo trata-se de uma pedagogia ativa que foi inserida nas reformas educacionais de diversos países europeus e americanos, durante as primeiras décadas do século XX, exercendo um papel muito relevante para a História da Educação. Evidencia que, no Brasil, existiram dois tipos de Escotismo: o das associações voluntárias e do escotismo de Estado, dois modelos culturais, praticados em diferentes momentos históricos, que atenderam a propósitos diversos.

Por fim, citamos a bibliografia escrita por Baden-Powell, fundador do escotismo. São diversos livros, que evidenciam a aplicação do Método Escoteiro. A leitura desses livros nos ajudou a compreender os fundamentos e a funcionalidade do método educativo de Baden-Powell.

A maioria das pesquisas, que localizamos, aborda o escotismo, nas décadas de 1920-1940, com exceção das pesquisas de Thomé (2005-2006) que analisa as práticas escoteiras no Estado do Rio Grande do Sul, em um recorte temporal que se estende até a década de 1960, e o estudo de Bergmann (2011) que investiga o escotismo no Estado de Santa Catarina, entre os anos de 1963-1973.

Indo na contramão dessas pesquisas, pretendemos abordar o escotismo em um recorte temporal mais recente, privilegiando as décadas de 1980 e 1990. Outra inovação em nosso estudo é analisar as práticas escoteiras fora do eixo das regiões Sul e Sudeste.

Ao constatarmos a carência de trabalhos sobre a temática escoteira, no Estado da Paraíba, nos sentimos estimuladas a realizar a pesquisa e responder as dúvidas que nos inquietavam. Desse modo, esse estudo vem propor novos debates sobre esse tema, que conforme observou Zuquim e Cytrynowicz (2002), tem sido

menosprezado pela historiografia brasileira. Não obstante, as informações levantadas, na pesquisa, tais como, dados, identificação de arquivos, conclusões, poderá servir de base a pesquisadores que possam vir a se interessar pelo tema.

O presente trabalho escreve mais uma página na historiografia da cidade de Campina Grande, registrando fragmentos de sua história que ainda não havia sido explorada. A nossa pesquisa se aproxima da perspectiva da História Cultural, visto que, vem lançar novos olhares para a história da educação como também, para os debates historiográficos acerca da identidade. Não obstante, considerando a análise dos discursos de poder, disciplina e identidade que perpassam o Movimento Escoteiro, esta pesquisa se articula à proposta da Linha de Pesquisa II: “Cultura, poder e Identidade”, do programa de pós-graduação em História, cuja área de concentração é “História, Cultura e Sociedade”, da Universidade Federal de Campina Grande.

Cito ainda a relevância que essa pesquisa traz para mim, visto que ela é fruto da minha experiência pessoal, de indagações surgidas a partir do estabelecimento de laços de sociabilidade entre minha família e o Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande.

A nossa pesquisa se insere na História do Tempo Presente, campo de pesquisa que se interessa pelos “fatos recentes”. Durante muito tempo, se considerou que a história era definida pela longa distância temporal entre o historiador e seu objeto de análise, sendo, portanto, o contemporâneo, dessa forma, “matéria das ciências sociais em geral, mas não da história” (FERREIRA, 2000, p.6).

Entretanto, as transformações que ocorreram no campo da Historiografia na virada dos anos 1970 para os anos 1980, aprofundaram os debates sobre a relação entre passado e presente na história e rompeu com a ideia que identificava o objeto histórico e o passado, definido como algo morto e impossibilitado de ser interpretado em função do presente (FERREIRA, 1994). A partir de então, se observa na Historiografia a revalorização das análises qualitativas, o resgate das experiências individuais, um impulso a história do político e à incorporação do contemporâneo.

É na esteira dessa revolução historiográfica, desencadeada pelos historiadores da Escola dos Annales, que entra em cena a História Cultural, abrindo, assim, um

leque de possibilidades para a historiografia:

[...] a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não-visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas (PESAVENTO, 2005, p. 69).

A História Cultural inaugura um novo modo de pensar a cultura, que passa a ser vista como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para pensar o mundo. A partir dessa nova concepção historiográfica surgem outros modelos epistemológicos de análise da História, propostas de novas correntes com a incorporação de novas categorias de campo de pesquisa, como a História Oral e História do Tempo Presente.

A História do Tempo Presente tem suscitado muitos debates nos meios acadêmicos e ainda é vista com ressalvas por parte de alguns historiadores, que veem, na proximidade temporal, uma limitação para a história do presente. Ao privilegiar o tempo presente, em suas pesquisas, o historiador se vê na condição de sujeito de seu objeto; contemporâneo do mesmo contexto e dos acontecimentos que envolvem o seu estudo, o que para alguns críticos, poderia comprometer a análise histórica. Mas, apesar das críticas, nota-se que atualmente vem crescendo o interesse dos pesquisadores pelas pesquisas que privilegiam o curto recuo temporal.

Para Chauveau e Tétard (1999, p. 31) a proximidade temporal entre sujeito e objeto não significa um impedimento para a produção do conhecimento histórico, não obstante, defendem que a proximidade física entre o pesquisador e o seu objeto pode se configurar em uma nova relação entre o pesquisador e o seu campo de pesquisa, um privilégio que não pode ser vivenciado por historiadores que estudam o passado remoto, já que esses devem recompor realidades que lhe escapam fisicamente. Já Chartier (2006, p. 216) defende que:

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói.



“A atualidade nos persegue, não nos poupa: há uma demanda social e disso somos testemunhas” (RÉMOND, 2006, p. 206), contudo a linha divisória entre o presente/passado ainda é bastante problemática. A fronteira entre passado e presente se desloca em um movimento constante, “condenada a uma eterna transfiguração, uma pretensa ciência do presente se metamorfosearia, a cada momento de seu ser, em ciência do passado” (BLOCH, 2001, p. 60).

Entendemos que passado e presente fazem parte do ofício do historiador, que busca no passado, ainda que este seja “recente”, as respostas para as suas inquietações do presente. Foi procurando responder sobre as nossas indagações atuais atinentes ao Movimento Escoteiro, que enveredamos pelas tramas do passado, pois acreditamos que, o historiador constrói a representação do passado, através do seu presente. Inserir a nossa pesquisa, no campo da História Cultural e na História do Tempo Presente, nos permite recuperar parte das representações que foram construídas sobre o Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande-PB, nas décadas de 1980-1990.

Ao escolhermos o campo da História Cultural, estamos cientes de que a nossa pesquisa se desenvolverá através da atribuição de sentidos conferidos por determinadas pessoas e época, que são manifestadas de diversas formas sejam através de discursos, imagens, práticas sociais e culturais, dentre outras, ou seja, através do que Chartier (1990) denominou de representação. Coadunando com essa ideia, Pesavento (1995, p. 116) assevera:

A Categoria de “representação” tornou-se central para as análises da Nova História cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de ideias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade.

Assim, a História Cultural possibilita identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-7). Para Chartier (1990) as representações são discursos que apreendem e estruturam o mundo. Nesse sentido, consideramos que o conceito de representação formulado pelo historiador francês, será de fundamental importância para o entendimento da nossa pesquisa, haja vista, que estamos lidando com as práticas sociais produzidas, nas décadas de 1980-1990.

O conceito de “tradição inventada”, elaborado por Hobsbawm e Ranger (1997), foi de fundamental importância para pensarmos o escotismo como uma tradição inventada. O escotismo é permeado por um conjunto simbólico, composto por rituais, mitos, símbolos e normas de comportamentos, que são constantemente, ensinados e repetidos aos novos membros, a fim de dar legitimidade e continuidade ao Movimento Escoteiro.

Também nos apropriamos das discussões de Gohn (1998, 2006), sobre educação não formal, que nos deram subsídios para compreendermos a modalidade educativa ministrada nos Grupos de Escoteiros de Campina Grande. Entende-se por educação não formal, “os processos educativos que ocorrem fora das unidades escolares [...] abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área do social” (GONH, 1998, p.511), a exemplo do escotismo.

Outro conceito utilizado em nosso estudo é o de poder disciplinar, que pretendemos discutir com o suporte teórico proposto pelas investigações de Foucault (1987, 1998). Em sua obra *Vigiar e Punir* (1987), o filósofo francês se preocupou em estudar as instituições penais, analisando o poder e a nova tecnologia de controle dos corpos que incidia sobre os prisioneiros. Durante as suas análises Foucault percebeu que esse tipo de controle não se restringia apenas as prisões, e sim, permeava em torno de toda a sociedade.

As suas considerações sobre o poder disciplinar nos permite pensar os Grupos de Escoteiros como espaços disciplinares, onde o sujeito é moldado e educado para agir de acordo com a norma estabelecida. No Movimento Escoteiro, o poder é exercido em forma de disciplina, assim, os escoteiros são vigiados e normatizados, através dos dispositivos disciplinares, que controlam o tempo, o espaço, o movimento e os gestos.

O discurso escoteiro, caracterizado pelo seu teor disciplinador, coadunava com os anseios do Poder Público, que almejava a manutenção da ordem. Desse modo, partindo das contribuições teóricas de Foucault (2007) sobre a análise do discurso, entendemos que a produção do discurso escoteiro era selecionada, organizada e distribuída como uma estratégia de disciplinamento e controle dos corpos.

Nesse sentido, nos apropriamos dos estudos de Louro (1999), sobre o corpo, para discutirmos como o corpo escoteiro é significado e alterado pelo discurso do Movimento Escoteiro. “O corpo como o primeiro plano de visibilidade humana, como lugar privilegiado das marcas da cultura, [...] o lugar onde a mão adulta marca a criança, como imposição de limites psicológicos e sociais” (SOARES, 1999, p. 5). Partindo desse pressuposto, entendemos o corpo como uma construção histórica e social, que é influenciado pela cultura, pelo ambiente, e porque não citar também, pelos mecanismos disciplinares. Sendo um produto da cultura, o mesmo é significado pelo discurso.

A fim de compreendermos as articulações tecidas por alguns sujeitos escoteiros, que ora se deixavam moldar pelas normas estabelecidas pelos Grupos de Escoteiros, ora atribuíam outros sentidos para essas práticas escoteiras, aproximamo-nos do referencial teórico de Certeau (1994), que busca investigar as microresistências presentes no cotidiano dos consumidores da cultura popular, ou seja, o autor analisa as operações dos consumidores supostamente entregues à passividade e à disciplina, mas que se utilizam de táticas, de “maneiras de fazer” para empregarem um sentido diferente aos produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

Outro aspecto que chamou a nossa atenção durante a pesquisa foi perceber o sentimento de pertença que une os membros escoteiros e uma suposta identidade escoteira. Nesse processo, identificamos a existência de um conjunto de símbolos que perpassa o Movimento Escoteiro, tais como, a promessa, a Lei Escoteira, o lema, saudação, dentre outros, que contribuem para criar laços de pertencimento e desenvolver uma identidade de grupo.

Segundo Silva (2005), há entre a identidade e a diferença uma relação de estreita dependência, ambas são resultados de criação simbólica e discursiva. Se existe uma identidade que une os membros desses Grupos de Escoteiros, é porque existe a marcação de uma diferença. A partir dessas reflexões, chegamos ao seguinte questionamento: Os escoteiros se sentiam pessoas diferentes? Será que a sociedade os percebiam como “os outros”? O que dizem os integrantes do Movimento?

Ao buscar respostas para estes questionamentos, nos deparamos com a possibilidade de dialogar com as fontes orais (FRANK, 1999), haja vista, que somos contemporâneos da temporalidade cotejada em nossa pesquisa:

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p. 4).

A história oral está diretamente associada à memória e a sua capacidade de rememorar o passado como testemunha do tempo vivido, contudo estamos cientes de que, “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com ideias e imagens de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Para Rouso (2006), a memória é a reconstrução psíquica e intelectual de uma representação seletiva dos fatos passados.

O passado rememorado nunca é somente do indivíduo, já que ele encontra-se inserido em um contexto familiar, social e nacional, ou seja, toda a memória é por definição coletiva (ROUSSO, 2006). Nesse sentido, Halbwachs (1990, p. 26) atesta:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Para Halbwachs (1990), a dimensão da memória extrapola o plano individual, uma vez que, a memória individual nunca pode existir apartada da sociedade. A memória individual está intrinsecamente ligada à memória coletiva, uma vez que, ela é construída em diferentes contextos e com a presença de diferentes sujeitos, sendo assim, a memória sempre remete a um grupo. “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 1990, p. 72).

Partindo do pressuposto de que a memória nos aproxima do que está submerso, seja do indivíduo seja do grupo, recorreremos à metodologia da História

Oral, aos seus pressupostos teóricos e metodológicos, que nos possibilitaram pensar as experiências dos sujeitos que fizeram parte do Movimento Escoteiro nas décadas de 1980-1990, representadas pelo ato da rememoração. Entendemos, por experiências, aquilo que nos passa, nos acontece e que nos deixam marcas (LARROSA, 2002).

Segundo Larrosa (2002), o sujeito da experiência é caracterizado pela sua passividade, disponibilidade, receptividade e por sua abertura, ou seja, a experiência só nos acontece, quando nos expomos, quando deixamos ser tocados pelos acontecimentos. Mas se a experiência é adquirida através do vivido, do acontecido, então as pessoas que vivenciaram o mesmo acontecimento terão as mesmas experiências? Provavelmente não, pois de acordo com o autor, o acontecimento pode ser comum as duas pessoas, no entanto, a experiência é algo individual e intransponível, não é algo que possa ser transmitido de uma pessoa a outra, pois a experiência não é aquilo que acontece, mas, sim, o que nos acontece.

Mesmo que a experiência vivida seja singular e impossível de ser repetida, optamos por trabalharmos com a metodologia da História Oral, a fim de analisarmos as experiências dos sujeitos que fizeram parte dos Grupos de Escoteiros de Campina Grande, pois entendemos que essas experiências, ainda que sejam individuais, à medida que forem sendo rememoradas, trarão a tona elementos constitutivos do contexto, no qual o sujeito está inserido.

Ao se dedicar ao estudo do escotismo, Nascimento (2008) também ressaltou a importância de se utilizar como fonte as memórias dos membros do Movimento Escoteiro, os quais consideram como:

[...] sujeitos históricos que atuaram tomando por base o projeto do fundador do Movimento e as limitações que a realidade lhes impunha, em faces das condições de cada tempo e lugar, dos valores que portavam e das escolhas feitas por estes em distintas oportunidades (NASCIMENTO, 2008, p. 7).

Nascimento (2008) argumenta que somente através da comparação das memórias dos participantes do Movimento Escoteiro com outras fontes, o historiador poderá entender as inadequações das interpretações generalizantes que privilegiam apenas as fontes produzidas pelo Estado. Para o autor, o processo de organização e as práticas escoteiras percorreram diferentes caminhos. Nem sempre houve

unanimidade entre os militantes escoteiros no que concerne aos princípios escoteiros estabelecidos por Baden-Powell, e, portanto, isso levou os escoteiros a divergirem entre si, estabelecendo diferentes formas de alteridade e identidades diversas.

Sabemos que o processo de implantação do Escotismo nas cidades brasileiras não ocorreu de forma idêntica, mesmo porque não se deu em uma mesma temporalidade e em um mesmo contexto, ademais, o escotismo se adequou às peculiaridades e necessidades de cada local. Assim, ouvir as experiências, tratar as memórias dos escoteiros e escotistas é buscar entender as relações que eles estabeleceram com o discurso escoteiro, que os produziram, enquanto sujeitos históricos. Entretanto, estamos cientes de que não podemos através das fontes orais, assim, como em qualquer outro tipo de fonte, recuperar a totalidade dos fatos vividos, já que a memória é um fragmento representativo do passado:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1993, p. 55).

Trabalhar com a memória é lidar com as subjetividades, com os silêncios, os esquecimentos e os “não ditos” (POLLAK, 1989). Isso ficou nítido, durante a realização das entrevistas. Observamos que nossos entrevistados buscavam evidenciar fatos que consideraram importantes de serem registrados e evitaram falar de alguns temas, como por exemplo, as divergências de opiniões entre os membros dos Grupos de Escoteiros em Campina Grande. Esses silêncios podem nos apontar caminhos, que nos possibilitem nos aproximar das relações sociais desenvolvidas entre os membros dos Grupos de Escoteiros nesse período, e das possíveis fragilidades do Movimento Escoteiro, na cidade.

Foram realizadas entrevistas temáticas<sup>8</sup>, com oito pessoas que participaram do

---

<sup>8</sup> Ao discorrer sobre a História Oral, ALBERTI (2010) afirma que dependendo dos propósitos da pesquisa, o historiador pode optar por dois tipos de entrevistas: a entrevista temática ou de história de vida. As entrevistas

Movimento Escoteiro, no recorte temporal cotejado, nesse trabalho. A escolha dos entrevistados deu-se a partir do resultado de conversas prévias com alguns dos atuais membros do Movimento Escoteiro, da cidade de Campina Grande, que indicaram alguns nomes. Outros nomes foram surgindo, durante as realizações das entrevistas, constituindo assim, o corpo documental das fontes orais.

Fizemos um cruzamento entre os relatos orais e as fontes documentais pesquisadas nos arquivos da Região Escoteira da Paraíba e nos arquivos dos três Grupos de Escoteiros da cidade (GE General Sampaio, GE do Ar Santos Dumont e GE Baturité). Nesses arquivos, tivemos acesso a cartas de fundações, livros de atas, relatórios de atividades anuais, registros dos membros, ofícios, recortes de jornais, fotografias e periódicos, produzidos por esses Grupos. Esses documentos contribuíram para que pudéssemos compreender como se deu a fundação desses Grupos, quem foram os seus fundadores, o número de membros, dentre outras coisas.

Tivemos acesso ainda, a documentação do Centro Cultural do Movimento Escoteiro e aos arquivos pessoais dos entrevistados, Edmar Cícero de Melo, Maria de Fátima Morais e Oscar Henrique de Andrade Neto, que, gentilmente, cederam fotografias e materiais impressos sobre o Movimento Escoteiro, a exemplo, dos periódicos produzidos pelo GE Baturité, durante a década de 1990. Esse material foi de fundamental importância para à concretização desse estudo.

As fotografias que nos foram cedidas retratam algumas atividades realizadas nos Grupos de Escoteiros (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité), tais como, desfiles cívicos, acampamentos, ações sociais, dentre outras. Convém ressaltar que, não utilizamos essas imagens como meras ilustrações, para fortalecer os argumentos apresentados ao longo do texto, mas, sim, para fazer uma análise iconográfica dessas imagens, problematizando a sua produção.

Sabemos que a fotografia é um produto social e, em o sendo tal, ela é resultado de escolhas de seus produtores e demais agentes que influenciaram em

---

temáticas são aquelas que versam necessariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, já a entrevista de história de vida tem como principal interesse a trajetória do próprio indivíduo, incluindo desde a sua infância e os diversos acontecimentos que presenciou e participou ao longo de sua trajetória, assim, as entrevistas temáticas constituem em parte as experiências vividas.

sua produção. Para Kossoy (2002), a fotografia é um artefato cultural, no qual foram registrados do tempo, acontecimentos sociais de diversas naturezas, ou seja, é um fragmento da realidade passada, que carrega em si marcas de um grupo social em um determinado espaço e temporalidade da história:

[...] o congelamento do gesto e da paisagem e, portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível (KOSSOY, 2001, p.155).

Embora o registro fotográfico carregue em si a pretensão de ser um registro “fiel” dos fatos, ele não corresponde à realidade histórica, mas sim, a um indício, um vestígio da materialidade passada. Para Kossoy (2002, p. 131), “a imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades”. A primeira face constitui a realidade exterior, seria o visível, o que está impresso, imóvel no documento, as demais faces, que constituem a realidade interior, seria o invisível, o que não podemos ver, mas podemos deduzir, e que é passível de múltiplas interpretações:

[...] imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou explícita dela. Há, como já disse antes, lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. (PAIVA, 2002, p.19).

A fotografia comunica através da linguagem não verbal, revelando um tempo, um espaço e um acontecimento que fazem sentidos. A produção da fotografia é intencional, sendo fabricada para um determinado fim, seja ele individual ou coletivo, desse modo, cabe ao historiador, problematizar as representações que foram construídas no tempo passado, decodificando seus signos, seus silêncios e suas intencionalidades.

Outra fonte privilegiada, em nossa pesquisa, foram os jornais, entendido aqui, não como mero veículo de informações, um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, mas sim, “como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO e PRADO apud LUCA, 2010, p. 118). Foram realizadas ainda, pesquisas no Museu Histórico de Campina Grande, onde tivemos acesso aos acervos do Jornal da Paraíba e do Diário da Borborema.



Além dos jornais citados, também tivemos acesso aos periódicos, que datam da década de 1990, produzidos pelo Grupo Baturité, cedidos gentilmente pelo nosso entrevistado, Edmar Cícero de Melo. Esses periódicos nos permitiram uma aproximação das representações construídas sobre o referido Grupo, como também, com o Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande. A nossa intenção, ao analisarmos os jornais foi buscar perceber, como os escoteiros eram representados para a sociedade.

O jornal sendo considerado um documento histórico é portador de um discurso, portanto, não pode ser analisado como algo que é isento de intencionalidades, por isso, em nossa análise, tivemos o cuidado de “relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378).

Não obstante, gostaríamos de ressaltar que, todas as fontes utilizadas nesse trabalho, foram percebidas em uma perspectiva horizontal, pois partimos do pressuposto que todas têm o mesmo grau de relevância para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Deste modo, estabelecemos uma relação dialética entre sujeito, fontes e objeto, de maneira que a comunicação entre os mesmos nos possibilitasse nos aproximarmos das representações sobre as práticas escoteiras, na cidade de Campina Grande, nas décadas de 1980-1990.

Quanto à organização dessa dissertação, optamos por dividi-la em três capítulos. No primeiro capítulo, discorremos sobre a emergência do Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande, através de narrativas escritas, orais e imagéticas. Analisamos as fundações dos Grupos de Escoteiros da cidade, relacionando-as com o contexto político, social e econômico da época que possibilitaram a emergência da prática escoteira em Campina Grande. Problematicamos como o discurso disciplinador do Movimento de Baden-Powell foi recebido pelo Poder Público, buscando perceber até que ponto esse “acolhimento” contribuiu para a divulgação e expansão do Movimento Escoteiro na cidade. Fizemos ainda um breve histórico sobre o surgimento do escotismo na Inglaterra, evidenciando a sua rápida expansão pelo mundo e, sobretudo, a sua chegada ao Brasil.

Ao longo do segundo capítulo investigamos o Método Escoteiro, elaborado por Baden-Powell, utilizado nos Grupos de Escoteiros de Campina Grande, problematizando a disciplinarização do corpo, da mente e das emoções das crianças e jovens campinenses. Ainda nesse capítulo, analisamos os acampamentos, uma atividade comumente praticada no Movimento Escoteiro, que apesar de ser considerada pelos membros juvenis<sup>9</sup> como um momento de lazer e diversão, se constituem em um momento de disciplinamento dos jovens escoteiros.

No terceiro e último capítulo, problematizamos as práticas simbólicas que perpassam o escotismo, buscando compreender qual a relevância dessas representações para a coesão do Grupo e para o processo de construções identitárias dos sujeitos escoteiros. Nesse sentido, analisamos os símbolos, mito e ritos escoteiros, evidenciando assim, as peculiaridades da simbologia escoteira. Discorreremos ainda, sobre os significados do uniforme escoteiro, dispositivo de identificação, controle e vigilância dos membros escoteiros.

---

<sup>9</sup> O termo utilizado para designar as crianças e jovens que fazem parte do Movimento Escoteiro.

## CAPÍTULO I

### “O ESCOTEIRO ESTÁ SEMPRE ALERTA PARA AJUDAR O PRÓXIMO E PRÁTICA DIARIAMENTE UMA BOA AÇÃO”<sup>10</sup>: A EMERGÊNCIA DO ESCOTISMO EM CAMPINA GRANDE-PB

#### 1. A recepção e as primeiras impressões do escotismo

Campina Grande, 18 de setembro de 1987, manhã de segunda-feira. O sol brilhava no céu azul, os pássaros cantavam, o cheiro de café exalava pelas janelas das casas, os adultos se preparavam para iniciar mais uma semana de trabalho, as crianças que estudavam no turno da manhã tomavam café e preparavam as mochilas para se dirigirem à escola, um dia comum como os outros dias da semana. Mas, não para os escoteiros, que naquela manhã, se preparavam para a prática de mais uma “boa ação”.

Enquanto as pessoas se preparavam para as suas atividades rotineiras, cerca de quarenta escoteiros colocaram os seus uniformes e se dirigiram ao centro da cidade para por em prática o 3º artigo da Lei Escoteira, que diz que: “o escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação”. Entre os dias 18 a 28 do corrente mês, os mesmos distribuíram-se entre as ruas Marquês do Herval, Floriano Peixoto e a 7 de setembro, dentre outras, onde subsidiaram os guardas de trânsito em suas atividades, não obstante, eles aproveitaram a ocasião para informarem aos motoristas e pedestres a importância do respeito às leis de trânsito, sobretudo, no perímetro urbano, a fim de que acidentes fossem evitados<sup>11</sup>.

Provavelmente, houve certo estranhamento por parte da população campinense ao se depararem com crianças e jovens escoteiros circulando pelas ruas da cidade, vestidos com seus uniformes impecáveis, participando de ações sociais promovidas na cidade, haja vista, que poucas pessoas sabiam a que instituição eles pertenciam, mas, paulatinamente, os transeuntes foram se

---

<sup>10</sup> Terceiro artigo da Lei Escoteira. BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Escotismo para rapazes**. Edição comemorativa ao centenário do Movimento Escoteiro. Curitiba, PR: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, 2006.

<sup>11</sup> Escoteiros no trânsito. **Jornal da Paraíba**, 29/09/1987, p.5.

acostumando com a presença daquelas crianças que comumente eram estimuladas a ajudar ao próximo.

Mas como os escoteiros conquistaram esse lugar de visibilidade e até certa simpatia de parte da população campinense e dos Poderes Públicos? Quem eram aquelas crianças uniformizadas que além de participarem ativamente das atividades desenvolvidas na Semana do Trânsito, passaram a ter presenças confirmadas nos desfiles cívicos e em ações sociais realizadas na cidade? Como um Movimento pensado para a realidade dos jovens ingleses do início do século XX, pautado em uma rígida disciplina conseguiu obter êxito na cidade de Campina Grande nas décadas de 1980-1990?

Segundo Brasil (1984), o início das atividades escoteiras, na cidade de Campina Grande- PB, remonta ao ano de 1979, quando o deficiente físico Renilson, motivado pelos quadrinhos da Walt Disney<sup>12</sup>, pediu a colaboração do Major Damásio do quartel da 5ª companhia de infantaria, para estruturar uma tropa de escoteiros, possibilitando dessa forma, a fundação do primeiro GE da cidade, denominado General Sampaio<sup>13</sup>. Inicialmente o Grupo obteve da UEB, uma autorização provisória de funcionamento de quatro meses, após esse período foi expedido o seu certificado de Registro<sup>14</sup>. Mas como se encontrava a cidade de Campina Grande nesse momento? Qual era o seu contexto econômico, político e social? Quais fatores possibilitaram a emergência dessa prática educativa na cidade?

A emergência dos Grupos de Escoteiros na cidade de Campina Grande-PB, nos anos 1979-1980, ocorre em um contexto marcado pela recessão econômica, gerada, sobretudo, pela perda dos incentivos da SUDENE<sup>15</sup>, responsável pela

---

<sup>12</sup> Nas Histórias em quadrinhos da Walt Disney, os trigêmeos sobrinhos de Donald, Huguinho, Zezinho e Luizinho, são escoteiro-mirins. A primeira História sobre os escoteiro-mirins, cujo título é: “E quem salva o São Bernardo?” Foi criada em 1951, por Carl Barks e publicada na Walt Disney’s Comics and Stories nº 25. Nos quadrinhos, os escoteiros mirins sempre carregam consigo um exemplar do manual do Escoteiro-Mirim. Esse manual serviu de inspiração para que a Walt Disney publicasse outros manuais sobre dicas, cultura geral, fatos curiosos sobre a natureza e a vida em geral. No Brasil, o manual dos Escoteiro-Mirins, foi publicado pela primeira vez no ano de 1971, com dicas sobre fotografias, moedas antigas, cuidados com animais de estimação, acampamentos, trabalhos manuais, identificação de estrelas, dentre outras coisas. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escoteiros-Mirins>>: Acesso em 10/12/2012.

<sup>13</sup> A fonte não cita os sobrenomes de Renilson nem do major Damásio.

<sup>14</sup> A autorização provisória de funcionamento do GE General Sampaio foi concedida pela União dos Escoteiros do Brasil, em 04 de setembro de 1979 e o seu certificado de registro foi expedido em 04 de janeiro de 1980. Documentação encontrada nos arquivos da Região Escoteira da Paraíba.

<sup>15</sup> A SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, foi criada em 1959, com a finalidade de integrar a economia do Nordeste à economia nacional e redimensionar a divisão do trabalho. A cidade de

instalação de indústrias multinacionais e do Centro-Sul para o Distrito Industrial da cidade:

A década de 80 chega com o fim dos incentivos fiscais da SUDENE, muitas indústrias fecham as portas. Dá-se a diáspora do parque industrial, a transferência de capitais e empresas e um processo geral de desinvestimento com repercussões negativas no setor comercial e de serviços da cidade. As transformações nas relações de trabalho no campo, aliada a uma série de fatores conjunturais como a seca, fazem engrossar a corrente migratória para Campina Grande, que vai sendo absorvida precariamente, dentro de um quadro geral de desaquecimento da economia e aumento do desemprego, crescimento horizontal da cidade e favelização (LIMA, 2008, p.193).

Nesse período, a economia local mostrou-se incapaz de gerar empregos em quantidade e com nível de remuneração satisfatório para absorver adequadamente a mão de obra oriunda da zona rural, ocasionando assim, altas taxas de desemprego e um grande número de pessoas ocupadas em atividades eventuais de baixa remuneração (BRASIL, 1981). Essa situação econômica provavelmente contribuiu para “empurrar” para a periferia da cidade a população menos favorecida. Em seu estudo sobre a atuação do grupo de extermínio “Mão Branca” na cidade de Campina Grande, na década de 1980, Silva (2010) explicita que, cerca de 1.460 famílias campinenses (equivalente a 2,7% da população) não possuíam nenhuma fonte de rendimento, ou seja, parte da população vivia em uma situação de extrema pobreza. Ainda de acordo com a autora, é nesse contexto que se observa um aumento da violência urbana e o surgimento de grupos de extermínios, na cidade.

É nesse cenário de crise econômica e social que o discurso do Movimento Escoteiro começa a ganhar visibilidade, na cidade. Como um discurso fundamentado na disciplina, moral e nos valores cívicos, que se propunha a complementar a educação de crianças e jovens, para torná-lo um cidadão ativo e útil para a sociedade não iria interessar as autoridades políticas locais<sup>16</sup>? Nesse momento, o Movimento Escoteiro se apresenta como uma alternativa para afastar a

---

Campina Grande integrou o projeto da SUDENE, entre 1960 a 1970, o número de indústrias e mão de obra no município aumentou quase 50%, com desdobramentos significativos no setor comercial e de serviços. (LIMA, 2008, p. 193).

<sup>16</sup> Cabe citar que, no ano de 1980, a cidade campinense era administrada pelo prefeito Enivaldo Ribeiro, já o Estado da Paraíba era governado por Tarcísio de Miranda Buriti, políticos “protagonistas de luta pelo prestígio e poder entre dois grupos oligárquicos que manejaram e se revezavam historicamente no campo político local: os Arenistas X Pessedistas-peemedebistas” (SILVA, 2010, p. 28). Enivaldo Ribeiro administrou a cidade de Campina Grande no período de 31/01/1977 à 31/01/1983, já Tarcísio de Miranda Buriti governou o Estado da Paraíba nos seguintes períodos: 15/05/1979 à 15/03/1982 e em 15/03/1987 à 15/03/1991.

população infanto-juvenil das ruas e ainda inculcar os valores morais, mantendo-as longe da violência das ruas.

Segundo Lima (2008), é nesse período de crise, que se observa a reelaboração de lugares de discursos para a cidade campinense, que passa a ser apresentada como a terra do “Maior São João do Mundo”<sup>17</sup>. A festa junina surge como uma alternativa econômica, assim como, a MICARANDE (carnaval fora de época) instituindo, assim, o turismo de eventos, na cidade:

A indústria do turismo, a chamada “indústria sem chaminés”, surge como uma alternativa econômica para o município que, principalmente a partir da década de 80, assiste a um contínuo declínio econômico, após a perda de sua autonomia, principalmente de polo centralizador de comércio no interior do Estado da Paraíba e até mesmo da região Nordeste (LIMA, 2008, p.32).

A crise econômica que identificamos, na cidade de Campina Grande, nesse momento, era reflexo de um contexto muito mais amplo. No início da década de 1980, o Brasil, governado pelo general João Figueiredo, vivia o processo de abertura política, iniciado pelo governo Ernesto Geisel, no final da década de 1970.

O quadro econômico brasileiro era de dívida externa e desvalorização salarial, consequência direta do “Milagre Econômico” (1968-1973), que em um primeiro momento gera um relevante crescimento da economia, modernização da indústria e oferta de empregos, contudo os custos desse crescimento econômico provocaram uma dependência externa, ocasionando assim, uma retração econômica.

A Ditadura Militar, que vigorou no país entre os anos de 1964-1985, trouxe consequências diretas para a educação, que passou a preparar o indivíduo para a modernização do Estado, buscando cumprir o ideal de desenvolvimento da nação e apelo cívico (MARCELINO, 2009). Era preciso adequar a população à nova ordem vigente, inculcando-lhe por meio de mecanismos pedagógicos, sentimentos patrióticos e obediência às Leis.

Atuando como um dispositivo de controle ideológico, a educação cumpria a função de moldar o cidadão. Através de um ensino pautado na moral e no civismo, os governadores militares intencionavam inculcar, nas pessoas, a ideologia

---

<sup>17</sup> Para maiores detalhes sobre a festa junina em Campina Grande e a indústria do turismo criada entre 1980/90 ver LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

dominante, afastando assim, qualquer foco de resistência. Foi nesse período que o Conselho Federal de Educação implementou a reforma de ensino de primeiro e segundo graus proposta pela Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB) de nº 5692/71, de 11 de agosto de 1971, que dentre outras determinações, estabeleceu mudanças curriculares, que afetou diretamente o ensino de História:

O regime ditatorial preocupava-se muito com o ensino de História, pois esta disciplina tem por característica a análise crítica dos conteúdos e a formação de pessoas com visão crítica não interessava aos militares. Um indício dessa preocupação está no fato de que a disciplina de História foi substituída nas séries iniciais pela disciplina de Estudos Sociais, que englobava conhecimentos de História e Geografia. Já nas séries do Ensino Fundamental e Secundário pela Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil - OSPB (GHIRALDELLI, 1991 apud MARCELINO, 2009, p.16).

Aleixo (2013) assevera que, com as mudanças curriculares, o ensino de História e de Geografia foi diluído na disciplina de Estudos Sociais que passou a constar no ensino de primeiro grau. Já no segundo grau, estas disciplinas tiveram as suas cargas horárias reduzidas, devido à introdução das disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Essa Lei determinou, ainda, o período de escolaridade obrigatória prevista na Constituição Federal (7 a 14 anos), período referente ao primeiro grau, ou seja, o ensino de 1ª a 8ª série. Já o ensino de 2º grau fora destinado à habilitação profissional dos/as alunos/as. Dessa forma, a sua prioridade era a formação específica para a capacitação de mão de obra destinada ao trabalho. No Estado da Paraíba, as Reformas Curriculares, que instituiu as disciplinas de EMC e OSPB, foram recebidas com entusiasmo por parte dos gestores paraibanos, que organizaram [...] “diversos seminários, visando a adequar gestores/as e professores/as ao que identificavam como ‘a grande revolução’ dos últimos anos no âmbito educacional” (ALEIXO, 2013, p. 63).

Nesse contexto, os livros didáticos, sobretudo, os de Estudos Sociais, EMC e OSPB cumpriam a função de propagar os padrões de conduta pretendidos pelo regime militar. A discussão, em torno da moral e do civismo, era uma das grandes preocupações das autoridades militares, que procuravam construir entre a população um ideário patriótico, um Estado forte e harmonioso. Assim, a disciplina de EMC:

[...] cumpria a tarefa de reduzir os conceitos de moral, liberdade e democracia aos de civismo, subserviência e patriotismo. Além disso, há uma simplificação da formação moral a mera docilização dos corpos, a repressão do pensamento no livre debate de ideias e ao culto aos heróis e datas nacionais (ALEIXO, 2013, p. 82).

A intenção do governo era ajustar o indivíduo à ordem vigente, através de uma educação que desenvolvesse uma postura de conformidade e resignação. Nesse sentido, o discurso escoteiro, caracterizado pela disciplina, obediência e amor a Pátria atendia aos interesses das autoridades militares. Naquele momento, isso elucidava a utilização da imagem dos escoteiros para ilustrar o livro da disciplina de EMC. Vejamos um trecho do prefácio do livro, onde a autora Lucia Bortoli Groth faz referência aos escoteiros:

A você, estudante: [...]. Você estudará Moral e Civismo de uma forma diferente e agradável, através de métodos modernos. Para acompanhá-lo em seu curso escolhemos os escoteiros, pois eles agem sempre com total respeito à moral e ao civismo. Além disso, o escotismo é reconhecido por Decreto Federal como uma instituição de educação extra-escolar. [...]. Escotismo- Educação Extra-Escolar. Por Decreto Federal, o escotismo no Brasil foi reconhecido como instituição destinada à educação extra-escolar (BORTOLI, 1979 apud TOHOMÉ, 2006, P. 173).

A apropriação da imagem dos Escoteiros pelo Estado pode ser entendida como mais uma estratégia das autoridades militares para tentar incutir, na população, o patriotismo e a obediência às Leis. Reconhecida como uma instituição destinada a complementar a educação, o escotismo comungava com os ideais cívicos, morais e religiosos, pretendidos, naquele momento:





Figura 2: Escoteiros ilustram livro de Moral e Cívica no final da década de 1970. (Fonte: BORTOLI, 1978 apud MARCELINO, 2009, p.25).

Nas páginas do livro da disciplina de EMC, os escoteiros são representados como bons cidadãos, comprometidos com Deus, a Pátria e com o próximo, um exemplo, portanto, a ser seguido. A ilustração mostra os escoteiros cumprindo com os seus deveres, reforçando, assim, a ideia de que os cidadãos deveriam obedecer à ordem vigente. Na tentativa de legitimar a ideologia dominante, o discurso da autora cita que “todos nós temos deveres para cumprir com Deus, para com a Pátria e para com o nosso semelhante”, fazendo, dessa forma, uma alusão aos deveres dos escoteiros, expressos na Promessa escoteira: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e a minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à Lei Escoteira” (BADEN-POWELL, 2006, p. 24).

A imagem dos escoteiros, ao lado da bandeira nacional brasileira representava a ideologia ao patriotismo, a exaltação aos símbolos cívicos<sup>18</sup>, propagada pelos governos militares. Outro aspecto que chama a atenção são os exercícios elaborados com o propósito de condicionar o aluno a memorizar, a decorar e a repetir. A educação mecanizada tolhia o senso crítico do aluno, transformando-o em um simples contemplador da realidade, condicionando-o a uma postura de passividade e de aceitação da ordem imposta. Segundo Aleixo (2013, p.65), a cidade de Campina Grande também vivenciava essa “cruzada cívica empreendida pelos projetos educacionais em voga”, sendo assim, certamente o livro de EMC, era amplamente utilizado nas instituições educacionais campinenses.

É nesse cenário de propagação do discurso nacionalista e recessão econômica que ocorre a fundação do GE General Sampaio, na cidade de Campina Grande-PB. Exercendo suas atividades aos sábados à tarde no quartel da 5ª Companhia de Infantaria<sup>19</sup> e participando ativamente de ações sociais promovidas na cidade, o referido Grupo passa a interagir com a sociedade, despertando o interesse de outras crianças e jovens. De acordo com Maria de Fátima Moraes<sup>20</sup> que atuou como

---

<sup>18</sup> Ao longo da história da educação nacional, o civismo figurou entre os elementos constitutivos do ensino brasileiro, sobretudo em períodos, como o Estado–Novo (1837-1945) e a Ditadura civil militar (1964-1985). (ALEIXO, 2013, P. 79-80).

<sup>19</sup> A 5ª Companhia de Infantaria Motorizada do Exército funcionava no bairro da Palmeira, foi extinta no início da década de 1980. Em 1982, foi instalado no mesmo local o 31º batalhão de Infantaria Motorizado. Disponível em <[http://www.stemes.org.br/infra\\_estrutura.html](http://www.stemes.org.br/infra_estrutura.html)>: Acesso em 01/12/2013.

<sup>20</sup> Maria de Fátima de Moraes tomou conhecimento da existência do GE General Sampaio no ano de 1985, através de dois jovens irmãos, Vinicius e Karina, que participavam do Grupo na condição de aspirantes de escoteiros. Na época eles convidaram a sua filha Fabrícia de seis anos para conhecer o Grupo, por causa da

escotista, no GE General Sampaio:

O Grupo participava muito de atividades extras, importante para a comunidade, o Grupo participava muito, muito, muito mesmo, principalmente nesse início de criação. Eu lembro que a gente já fez atividade no Pedregal [...] a gente participou de campanha de agasalho, a gente saía na comunidade junto com Polícia, junto com Exército, teve muitas atividades brilhantes que o Sampaio fez.<sup>21</sup>

As atividades do Grupo não se restringiam às reuniões aos sábados. Sempre que podia o Grupo participava de ações sociais, onde era possível interagir com a comunidade e também com outras instituições como a Polícia Militar, os Bombeiros e o Exército. Ademais, parece-nos que a parceria entre GE General Sampaio e essas instituições em prol de ações sociais, tais como, campanha de agasalho, campanha de arrecadação de alimentos para ajudar às comunidades carentes, dentre outras, tinha outra finalidade que ia muito além da ajuda ao próximo.

Praticar boas ações é uma constante no universo escoteiro (BADEN-POWELL, 2006), mas será que a participação dos escoteiros, nesse tipo de atividades, também não era uma estratégia para divulgar o Grupo e o Movimento Escoteiro, na cidade, e assim, atrair novos membros para o escotismo? O GE General Sampaio participava ativamente de campanhas de vacinação contra raiva<sup>22</sup>, da semana do trânsito<sup>23</sup>, vacinação infantil, visita a asilos dentre outras atividades que os colocavam lado a lado com a sociedade e com as instituições públicas, construindo assim, uma imagem de um Movimento educacional ordeiro preocupado com os problemas sociais. Desse modo, era conveniente para o Grupo participar desses eventos, visto que o mesmo se constituía, enquanto uma vitrine, cujo objetivo era expor os escoteiros à sociedade campinense.

Convém citar, que no relatório da Secretária da Educação do Município<sup>24</sup> do ano de 1981, os escoteiros são mencionados, ao lado de outras organizações tais, como: Clube de Mães, sociedade de amigos de bairros, Rede Feminina de combate ao câncer, Clube de Jovens, Loja Maçônica, Lyons Clube, Rotary Clube, Loja da

---

idade, a nossa entrevistada não permitiu, mas posteriormente, foi convencida pelos irmãos e aceitou acompanhar a filha para participar de uma reunião. Em março de 1986, ambas foram promessadas e ficaram no grupo por mais de 20 anos.

<sup>21</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.

<sup>22</sup> Lutando contra a raiva. **Jornal da Paraíba**, 26/09/1987, p.1.

<sup>23</sup> Semana da Pátria é aberta hoje. **Diário da Borborema**, 01/07/1987, p. 7.

<sup>24</sup> BRASIL. **Educação Municipal em Campina Grande**, 1981, p. 14.

Amizade, ambas citadas como organizações que se empenham em solucionar os problemas de natureza social, cultural e educacional. Isso reforça a construção de uma imagem de escoteiros prestativos, ou seja, somos “bons”, disciplinados e estamos ao lado do governo e de instituições beneficentes “Sempre Alerta para servir”<sup>25</sup>.

Não podemos deixar de considerar que em 1981, o GE General Sampaio estava apenas no seu segundo ano de funcionamento, contudo, a impressão que temos é que o Grupo já tinha conquistado um lugar social perante os Poderes Públicos da cidade, pelo menos é o que sugere o Relatório Anual da Secretária de Educação, citado anteriormente, e os convites para o Grupo colaborar com ações sociais promovidas pela Prefeitura Municipal e por outros órgãos institucionais da cidade, como Polícia Militar, Exército e Corpo de Bombeiros.

Mas será que o empenho dos membros do GE General Sampaio em ajudar o próximo foi suficiente para conquistar a “simpatia” dos Poderes Públicos? Por que o Movimento Escoteiro em Campina Grande tomou essa visibilidade em um curto intervalo de tempo? Por que se tornou interessante para as autoridades a presença dos escoteiros nesses eventos? A nossa hipótese é a de que a proposta educacional do Movimento Escoteiro atendia aos anseios da época, visto que, em meio à crise política por que o país passava, nesse momento, tornava-se interessante para os Poderes Públicos “apoiarem” um Movimento infanto-juvenil, cujo discurso disciplinador cumpria a função de moldar os sujeitos, contribuindo assim, para a manutenção da ordem.

Nesse sentido, o Movimento Escoteiro se aproxima do que Foucault (1987) denominou, de instituição disciplinar, na medida em que através do seu método de ensino escoteiro, faz um investimento no corpo de crianças e jovens, controlando-os por meio de exercícios, gestos e atitudes para produzir corpos submissos, exercitados e dóceis, estabelecendo assim, uma relação de docilidade e utilidade, o que era conveniente para os governantes, levando-se em consideração o contexto político e social do Brasil, no início da década de 1980.

Outro fato relevante que pode justificar a rápida aceitação do Movimento

---

<sup>25</sup> Lema utilizado pelos membros dirigentes do Movimento Escoteiro.

Escoteiro, em Campina Grande é o alto índice de crianças e adolescente na faixa etária que compreende entre os sete aos quatorzes anos. De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>26</sup> (IBGE), no ano de 1980, a população da cidade de Campina Grande era de 247.964 habitantes, sendo que 26,7% dessa população era constituída de crianças, nas idades dos 7 aos 14 anos, um número bastante significativo, se comparado com os números das outras faixas etárias, conforme observamos no quadro a seguir:

<b>GRUPOS ETÁRIOS</b>	<b>POPULAÇÃO</b>	<b>%</b>
0-3	36.922	14,8
4-6	18.250	7,14
7-14	66.082	26,7
15-18	24.300	9,8
19-24	24.846	10,0
25-29	14.902	6,0
30-39	22.590	9,1
40-59	29.012	11,7
60 e mais	11.060	4,5
<b>TOTAL</b>	<b>247.964</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 1: Distribuição da população, segundo a composição etária (1980).**  
(Fonte: Relatório anual da Educação Municipal de Campina Grande, 1981, p. 7).

O alto índice dessa faixa etária, sugere que, era interessante para as autoridades contar com um Grupo de Escoteiros na cidade que absorvia justamente a população infanto-juvenil<sup>27</sup>, oferecendo-lhe uma educação complementar, através de atividades diferenciadas praticadas ao ar livre, como brincadeiras e jogos educativos, afastando as da rua e inculcando-lhe valores morais e também cívicos.

Cabe ressaltar que, no início década de 1980, as atividades cívicas estavam entre as metas a serem alcançados pela Secretária de Educação do Município,

<sup>26</sup> BRASIL. **Educação Municipal de Campina Grande**, 1981, p.14.

<sup>27</sup> Apesar do GE General Sampaio abranger a faixa etária dos 7-18 anos, 95% dos seus membros tinha entre 7 e 14 anos (Fonte: Ofício de nº 13/81 consultado, no GE General Sampaio).

assim também, como o estímulo às práticas da educação física e desporto<sup>28</sup>, elementos presentes, no projeto educativo escoteiro. A ênfase da Secretaria da Educação do Município em estimular, nos estudantes, a prática de exercícios físicos e a valorização dos símbolos cívicos é justificada pelo contexto em que o Brasil se encontrava, pois como já foi citado, nesse período o país ainda estava sob os ditames do regime militar, e sendo assim, era necessário que as crianças desde a mais tenra idade, fossem condicionadas ao sentimento cívico.

É nesse contexto que o escotismo vai ganhando visibilidade em Campina Grande, e no final do ano de 1984<sup>29</sup>, o Movimento Escoteiro começa a se expandir na cidade, com a fundação do GE do Ar<sup>30</sup> Santos Dumont, fundado em 22 de dezembro de 1984, por Justino Bezerra<sup>31</sup>, e em 7 de abril de 1990, é fundado o GE Baturité, por iniciativa de Joilson Barbosa de Brito<sup>32</sup>.

Entretanto, segundo os nossos entrevistados, a expansão do Movimento Escoteiro, na cidade de Campina Grande-PB, ocorre devido a desmembramentos dos Grupos. Justino Bezerra era escotista do GE General Sampaio, mas devido a divergências de opiniões entre os membros, ele, juntamente com os quatro filhos, deixa o Grupo e decide fundar o GE do Ar Santos Dumont<sup>33</sup>. Caso semelhante ocorreu com a fundação do GE Baturité, o seu fundador era membro do GE do Ar Santos Dumont, mas após alguns desentendimentos com os outros membros, resolveu sair e fundar um novo Grupo. Essas desavenças sinalizam para uma fragilidade interna do Movimento Escoteiro, em Campina Grande, e que,

<sup>28</sup> BRASIL. **Plano Municipal de Educação-biênio 1984-1985**, p.100.

<sup>29</sup> Foram fundados dois Grupos de Escoteiros na cidade de Campina Grande que funcionaram por um curto intervalo de tempo, provavelmente, entre os anos de 1981 e 1983, não podemos precisar o tempo: o GE do Mar Almirante Saldanha e o GE Tiradentes. Entretanto as fontes são escassas. Elas poderiam informar sobre as fundações e tempo de funcionamento desses Grupos. Tomamos conhecimento da existência desses Grupos, através de algumas referências encontradas no arquivo do GE General Sampaio. Por isso, optamos em não trabalhar com eles.

<sup>30</sup> O Escotismo se divide em três modalidades: a modalidade básica, que enfatiza as atividades em terra e o ambiente mateiro; modalidade do mar (surgiu em 1909) que dá ênfase às atividades orientadas para a especialização em marinaria e ambiente náutico, e por fim, a modalidade do ar, onde se prioriza as atividades para especialização em aviação e ambiente aeronáutico. A modalidade do ar se originou, no Brasil, na década de 1930 por iniciativa de integrantes da aeronáutica e se consolidou entre as décadas de 1960-1980 com o Curso de Adestramento do Ar (CATAR) para adestrar os escoteiros e chefes (NASCIMENTO, 2008, p. 68). Tal fato demonstra a influencia dos militares no Escotismo brasileiro. Fica a critério dos Grupos de Escoteiros a escolha pela modalidade a ser seguida. O GE General Sampaio e o GE Baturité são da modalidade básica, já o GE Santos Dumont segue a modalidade do ar.

<sup>31</sup> Registro da União dos Escoteiros do Brasil nº 002/85.

<sup>32</sup> “Escoteiros da Borborema”. **Jornal da Paraíba**, 22/03/1993, p. 4.

<sup>33</sup> Entrevista de Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, concedido à autora, no dia 29/05/2013.

provavelmente, por isso, os nossos entrevistados preferiram silenciar, não dando maiores detalhes.

Quando o GE Baturité foi fundado, no início da década de 1990, o Movimento Escoteiro, em Campina Grande, já agregava 213 membros<sup>34</sup>, entre escoteiros e membros voluntários<sup>35</sup>, distribuídos nos Grupos, General Sampaio e Santos Dumont. Entretanto, o GE Baturité foi fundado com apenas 11 membros: seis seniores e cinco escoteiros<sup>36</sup>. A escotista Janaína Maria da Costa Ferreira<sup>37</sup>, atual Diretora-Presidente do GE Baturité explica que, posteriormente, é que o ramo Lobinho começou a funcionar e assim mesmo, com apenas quatro crianças<sup>38</sup>:



**Figura 3: Escoteiros do GE Baturité posando para a foto no dia da solenidade de inauguração do Grupo, no auditório da FEBEMAA. (Fonte: jornal da Paraíba, 10/04/1990, p.5).**

O registro fotográfico marca o dia da solenidade de inauguração do GE Baturité, que aconteceu no auditório da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEMAA). Apesar das fragilidades internas que perpassavam o Movimento Escoteiro campinense, O GE General Sampaio e o GE Baturité foram prestigiar o

<sup>34</sup> Dados consultados no Relatório anual da União dos Escoteiros do Brasil da região da Paraíba, 1991, p. 7.

<sup>35</sup> Os membros voluntários também são considerados escoteiros, assim como as crianças e jovens, eles também fazem a Promessa escoteira, onde se comprometem a seguir os princípios do Escotismo.

<sup>36</sup> “Campina Grande ganha o terceiro Grupo de Escoteiros”. **Jornal da Paraíba**, 10/04/1990, p.5.

<sup>37</sup> Janaína Maria Costa Ferreira entrou no GE Baturité como escotista, em 07/05/1990, ou seja, um mês após a sua fundação. Permaneceu no Grupo durante oito anos, se afastando devido à disponibilidade de tempo. Retornou no início de 2006, assumindo a presidência do Grupo.

<sup>38</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

evento, passando assim para a sociedade, a ideia de um Movimento unido. Na solenidade, houve o hasteamento da bandeira, o momento de oração e a realização de jogos<sup>39</sup>. Os símbolos do Grupo estão representados, no lenço e na bandeira, que é segurada com orgulho pelos escoteiros. Analisando o registro fotográfico, percebemos que os escoteiros estão com as pernas juntas e as mãos sobre as coxas, postura semelhante à posição de sentido, utilizada pelos militares, isso evidencia a disciplina que era imposta a esses garotos. Outro fato que chama a atenção é que o GE Baturité foi fundado apenas com membros do sexo masculino.

Mas apesar do GE Baturité ter sido fundado com um número reduzido de membros, observa-se em um curto intervalo de tempo um aumento nesse número. Segundo os arquivos da Região Escoteira da Paraíba, no ano de 1991, o Grupo já congregava 58 membros, dentre eles, algumas meninas. Na década de 1990, se observa uma grande demanda de crianças que queriam participar dos Grupos Escoteiros da cidade, chegando até a existir uma lista de espera, como atesta o escotista, Edmar Cícero de Melo<sup>40</sup>:

Já que o Movimento naquele tempo era tão grande e era um Movimento diferenciado aqui dentro da cidade e naquele tempo você não tinha acesso à internet como tem hoje, acesso a esses meios de diversão que os meninos têm, ou seja, esses meios caseiros, aí já que tinha aquela novidade aqui, existia a lista de espera de Grupos.<sup>41</sup>

Provavelmente, a demanda pelos Grupos de Escoteiros seja explicada pelo fato das crianças e jovens vislumbrarem, no Movimento Escoteiro, uma forma de lazer e diversão, uma vez que, no período de 1980-1990 o acesso à internet era restrito, já que a mesma só sai do nicho acadêmico, passando a ser comercializada para o público em geral, no ano de 1994<sup>42</sup>. Mas será que o interesse em integrar esses Grupos partia apenas das crianças e jovens ou será que eram os pais que

<sup>39</sup> Campina Grande ganha o terceiro Grupo de Escoteiros. **Jornal da Paraíba**, 10/04/1990, p.5.

<sup>40</sup> Edmar Cícero ingressou no Movimento Escoteiro aos 13 anos de idade, em 17 de abril de 1990, no GE Baturité, onde integrou o ramo escoteiro e sênior, passando posteriormente, a ser membro voluntário, ao todo foram 22 anos no Grupo. Atualmente ele é Diretor Técnico e chefe de seção do ramo sênior do GE General Sampaio.

<sup>41</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/03/2013.

<sup>42</sup> No Brasil, a internet passa a ser comercializada em dezembro de 1994, em caráter experimental pela EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telefonia). Foram escolhidos cinco mil usuários para participarem da fase experimental. Somente em 1995, é que o serviço foi disponibilizado de forma definitiva. Devemos considerar ainda, que mesmo assim, o acesso à internet ficava restrito às pessoas que tinham certa condição financeira. Ver o artigo 20 anos de internet no Brasil: aonde chegamos? Disponível em <<http://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm>>: Acesso em 07/08/2013.



queriam que seus filhos participassem, por que viam, no Movimento Escoteiro, uma instituição que disciplinaria os seus filhos? Chegando até mesmo a associar o escotismo ao militarismo:

Tinha muita mãe que botava o seu filho no Movimento Escoteiro pensando que quando ele chegasse aos 18 anos ele ia servir o Exército, porque pensava que o Movimento era uma preparação para o Exército. Muitas mães pensavam que quando os filhos completassem 18 anos o filho ia direto para o Exército, muita gente quando o filho completou 18 anos que não foi para Exército, tirou o filho do Movimento Escoteiro com raiva, eu tinha um colega que a mãe fez isso. Realmente naquele tempo quando olhava o Movimento, pensava que era militarista.<sup>43</sup>

Mas o que levavam alguns pais a associarem Movimento Escoteiro com organizações militares? Como essas representações foram construídas? Será que os chefes escoteiros explicavam aos pais que o escotismo não era requisito para ingressar no Exército, ou será que eles usavam isso como uma estratégia para manter os jovens no Movimento? Não temos como precisar uma resposta, mas o fato é que, o Movimento Escoteiro alimentava essas representações:

Quando vemos uma turma de jovens fardados, marchando garbosamente, pelas ruas, imaginamos que sejam soldados mirins. No entanto, a realidade é outra, se bem que, o jovem praticante do escotismo desperta para a vida militar quando serve uma das armas nacionais o faz com muito garbo e patriotismo.<sup>44</sup>

Partindo do pressuposto de que as representações são elaboradas através de imagens e símbolos, que são construídos em determinados contextos sociais, ou seja, são maneiras que os sujeitos encontram para explicar a realidade em que vivem (CHARTIER, 1990), entendemos que as representações, que associavam o escotismo e o militarismo, foram sendo construídas a partir de determinadas semelhanças, tais como o uso de uniformes, distintivos e disciplina, comuns a ambos.

Assim, como os militares usam, frequentemente, distintivos para indicar qualificações que são obtidas através de alguns treinamentos, os escoteiros também os usam para indicar o Grupo do qual fazem parte e também como mérito por terem cumprido as etapas de uma dada especialidade<sup>45</sup>. Essas semelhanças contribuíram

<sup>43</sup> Entrevista de Edmar Cícero de Melo, concedida à autora, no dia 24/03/2013.

<sup>44</sup> SILVA, Dário Bonfim da. Escotismo um Método Educativo. **Escotismo Campinense**. Publicação trimestral: jul./set. de 1981, nº 2, p. 4.

<sup>45</sup> O Movimento Escoteiro incentiva o jovem a desenvolver e a conquistar especialidades, que é o conhecimento

sobremaneira para essa associação que os campinenses faziam entre o escotismo e o militarismo. Nesse sentido, Rômulo Raimundo Maranhão Valle<sup>46</sup> explica que, tinha uma visão preconceituosa do Movimento que só foi desfeita depois que o seu filho ingressou no GE General Sampaio:

No país, os grupos que foram criados na época da Ditadura, ficaram muito ligados aos militares, o próprio Sampaio nasceu ligado ao Exército, acho que a criação iniciou inclusive através desses contatos, e como eu fui um cara que me envolvi muito com política estudantil na época que eu era jovem, eu via o Movimento de forma muito superficial, mas eu sempre via como sendo um Movimento ligado aos militares, porque em geral os grupos naquela época eram praticamente feitos dentro dos quartéis.<sup>47</sup>

Essa associação entre o escotismo e o militarismo também é justificada pelo fato de o GE General Sampaio ter recebido o nome de um general do Exército brasileiro<sup>48</sup> e de ter entre os seus fundadores um militar. Ademais, a solenidade de fundação do Grupo ocorreu nas dependências do Quartel da 5ª Companhia de Infantaria, onde ficaram sendo realizadas as reuniões do Grupo<sup>49</sup>. Joilson Barbosa de Brito, um dos fundadores do GE Baturité, também era militar, conforme explica a escotista, Janaína Maria da Costa Ferreira:

Nosso fundador é militar do Exército e a gente não pode dizer que não existia essa associação, nossos meninos eram bem disciplinados nesse sentido do militarismo, então no começo era mais enraizado, mas, depois com advento do novo programa de jovem, essa coisa mais pedagógica, é que nos fomos tentando desassociar. [...] ele mesmo viu que a coisa tinha

---

ou habilidade sobre determinado tema, para isso, disponibiliza um programa de especialidades, que é estimulado por um sistema de distintivos. As especialidades abarcam cinco áreas do conhecimento, tais como, ciência e tecnologia, cultura, desportos, serviços e habilidades escoteiras, podendo ser conquistadas em três níveis de progressão, com graus de dificuldades diferenciadas: denominados de nível 1 (cor verde), nível 2 (cor amarela), e nível 3 (cor rosa). Para cada especialidade conquistada é concedido um distintivo, que será utilizado no uniforme. Ver UEB (União dos Escoteiros do Brasil) **Guia de Especialidades e da Insígnia Mundial do Conservadorismo**, 12º ed.- Curitiba, 2008.

<sup>46</sup> Rômulo Raimundo Maranhão Valle começou a participar do Movimento Escoteiro em meados da década de 1990, após o ingresso do seu filho Wladimir no GE General Sampaio. Durante cerca de oito anos, o nosso entrevistado atuou como escotista na parte administrativa do Grupo. Devido a motivos profissionais ele se afastou do Movimento, contudo continuou registrado na UEB e acompanhando o Grupo de longe, atualmente é diretor de relações do Grupo, para tratar de assuntos referentes ao Grupo e a UFCG.

<sup>47</sup> Entrevista concedida à autora no dia 02/07/2013.

<sup>48</sup> Antonio Sampaio foi um militar do Exército Brasileiro, nasceu em 24 de maio de 1810, em Tamboril no Ceará, ingressou no Exército aos 20 anos, onde galgou todos os postos da carreira militar. Participou das principais campanhas militares ocorridas durante o século XIX, como Cabanagem, Balaiada, Guerra dos Farrapos, Revolta Praieira, Guerra contra Oribe Rosas, Guerra do Aguirre e a Guerra do Paraguai, onde faleceu em combate. O General Sampaio foi consagrado em 1962, o Patrono da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro. Ver CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Sampaio: um homem de dois mundos. **Revista Da Cultura (FUNCEB- Fundação Cultural do Exército brasileiro)** Ano XI, nº 18, Maio de 2011, p. 43-53.

<sup>49</sup> Inicialmente as reuniões eram realizadas no Quartel da 5ª Companhia de Infantaria do Exército, depois a sede provisória ficou sendo no Colégio Estadual da Palmeira, em seguida as reuniões passaram a ser realizadas no Centro Social urbano do bairro do Monte Santo, posteriormente, nas dependências da Escola Redentorista e atualmente o Grupo se reúne na Universidade Federal de Campina Grande.

que ser desvinculada do militarismo [...] a gente não pode negar que a raiz foi o militarismo.<sup>50</sup>

Assim como ocorreu com o GE General Sampaio, que realizava as suas reuniões em um espaço militar, o GE Baturité tinha a sua sede provisória localizada no 2º Batalhão de Polícia Militar<sup>51</sup>. Provavelmente, o fato de os seus fundadores serem militares, tenha facilitado o acesso dos referidos Grupos a esses espaços. É evidente também que os fundadores dos supracitados Grupos, pelo menos, inicialmente, não conseguiram desvincular as práticas escoteiras das práticas militares, isso ajuda a explicar a associação que algumas pessoas faziam entre os Grupos de Escoteiros e os militares.

Dessa forma, acreditamos que os próprios militares percebiam o escotismo como um simulacro do treinamento militar. Isso justifica o apoio ao Movimento Escoteiro, não só na cidade de Campina Grande, mas também em todo o país, sobretudo, na época da vigência da Ditadura Militar. Como foi citado, anteriormente, na cidade de Campina Grande, os escoteiros comumente realizavam atividades sociais em parceria com os militares. A esse respeito o escotista, Claudio Souza de Carvalho<sup>52</sup>, relembra:

Nós fomos uma vez entregar alimentos em uma comunidade carente com os soldados do Exército em uma cidade pequena, eu não lembro direito onde era, mas, sei que, era uma comunidade localizada entre Queimadas e Boqueirão. Nós fomos de caminhão, foi o máximo aquela atividade, foi só para entregar cestas básicas para as pessoas carentes, mas, foi o máximo.<sup>53</sup>

Essa aproximação entre os escoteiros e os militares alimentava ainda mais as representações que associavam o escotismo ao militarismo. Não obstante, os escoteiros eram convidados pelo comandante do quartel para participarem de solenidades de homenagens ao dia do soldado, onde participavam de forma ativa, nas solenidades de hasteamento e arriamento da Bandeira<sup>54</sup>. A participação, nos

<sup>50</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

<sup>51</sup> Informações consultadas no Relatório de Fundação do Grupo.

Depois do 2º Batalhão de Polícia Militar, a sede do GE Baturité passou a ser na FEBEMAA, em seguida no Clube do Trabalhador, Colégio Motiva, Escola Municipal Felix Araújo, atualmente o GE Baturité realiza as suas reuniões no Grupo Escolar Gustavo Adolfo Cândido.

<sup>52</sup> Claudio Souza de Carvalho ingressou no GE do Ar Santos Dumont, no ano de 1989 e se afastou em 1993. Nesse período, passou pelo ramo Lobinho e pelo ramo Escoteiro. Retornou ao Grupo em 2008, como chefe de seção. No início de 2013, se desligou do Grupo e ingressou no GE General Sampaio. Atualmente é chefe de seção do ramo Lobinho.

<sup>53</sup> Entrevista concedida à autora no dia, 15/06/2013.

<sup>54</sup> Informação consultada na Ata de reunião do dia 31/08/85 do GE General Sampaio.

desfiles de 7 de setembro, era outro evento que colocava os escoteiros lado a lado com os militares. Os escoteiros eram presenças confirmadas tanto nos desfiles cívicos, quanto nas comemorações da Semana da Pátria, evento promovido pela Prefeitura Municipal, realizado todos os anos:

Ontem pela manhã, 8 horas, o hasteamento dos pavilhões foi feito pelo gerente do jornal A União, sucursal campinense, jornalista Deusariana Vidal Monteiro Gomes; representante dos escoteiros, Edson Marques e o tenente Porto, do 31º BIMtz. O arriamento dos pavilhões ocorreu às 18 horas. Presentes à solenidade cívica, na parte da manhã, o chefe de Gabinete municipal Mário Araújo, Lenira Rita Gomes, chefe de divisão de cultura; alunos do Grupo Escolar Santo Afonso; membros do Corpo de Bombeiros; banda de música da Polícia Militar que executou os hinos, Nacional e da Independência, além de dobrados; escoteiros; policiais militares entre outros.<sup>55</sup>

A presença de Edson Marques representando os escoteiros, na cerimônia de hasteamento da bandeira, reforça a ideia de que o Movimento Escoteiro era reconhecido pelo Poder Público e tinha conquistado um lugar social que lhe assegurava todos os anos o convite para participar dos eventos cívicos, ao lado de outras autoridades e de outras instituições, como observamos na imagem, abaixo:



**Figura 4: Escoteiros em solenidade no hasteamento da bandeira, durante as comemorações da semana da Pátria, realizada pela Prefeitura Municipal, na Praça da Bandeira em 1994. (Fonte: jornal da Paraíba, 07/09/1994, p. 5).**

Os escoteiros, devidamente uniformizados durante a cerimônia de hasteamento da bandeira nacional, ajudavam a compor o espetáculo de sacralização da pátria. A realização da Semana da Pátria cumpria o objetivo de exaltar os símbolos cívicos e os heróis nacionais, uma tentativa de despertar na

<sup>55</sup> Desfile cívico-militar encerra as comemorações à Pátria. **Jornal da Paraíba**. 07/09/1994, p 5.

população, o sentimento de amor à nação e para isso, a imagem de escoteiros obedientes, disciplinados e respeitadores dos deveres cívicos, atendia a esses propósitos, uma vez que os mesmos “eram vistos como soldados mirins”<sup>56</sup>.

Para os membros escoteiros, esses eventos cívicos se configuravam em um momento de grande relevância, uma vez que, os mesmos tinham a oportunidade de cumprir com os seus deveres cívicos, um dos princípios do Movimento Escoteiro, expresso na sua promessa<sup>57</sup>. A promessa escoteira sintetiza o embasamento moral do Movimento Escoteiro, nela identificamos os princípios que guiam o escotismo: o dever para com Deus, o dever para com a pátria e o dever para com o próximo. Observamos que a pedagogia escoteira está alicerçada em valores religiosos e cívicos, justificando a presença dos escoteiros não só nos eventos cívicos, mas, também em eventos religiosos, realizados na cidade:

O Movimento Escoteiro em Campina era muito respeitado [...] teve uma época que teve uma divulgação muito boa, a gente ia para a Catedral na hora da missa. Quando o padre Ribamar era o pároco da catedral, ele sempre nos dava muito apoio e a sociedade sempre nos recebeu bem, até porque a gente sempre trabalhava para a comunidade, tanto a gente (o GE General Sampaio) quanto os outros dois Grupos, principalmente nas atividades no dia da padroeira daqui. Na procissão, os três grupos participavam, era quem fazia ali uma fila indiana, até ficava bonito e ficava muito emocionante de ver os meninos trabalharem, fazerem isso. Já aconteceu, de vir uma santa de outro lugar e a gente ir receber, eu acho que a gente foi muito bem aceito pela sociedade.<sup>58</sup>

A presença dos escoteiros na Catedral para assistirem à missa, além de significar o cumprimento de um princípio do Movimento, que é o “dever para com Deus”, também se constituía em uma forma de divulgação do Escotismo na cidade, haja vista, que de acordo com a nossa entrevistada Maria de Fátima Morais, os escoteiros assistiam à missa uniformizados, destacando-se desse modo, das demais pessoas que se encontravam, na Igreja. Também fica evidente que os Grupos participavam ativamente das atividades religiosas, ajudando na organização do evento. Relembrando a participação do Movimento Escoteiro nesses eventos, o escotista, Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, afirma:

Vários grupos já deram esse suporte, principalmente no dia 08 de dezembro que é quando tinha a festa da padroeira da cidade, tinha a procissão e os

<sup>56</sup> Entrevista de Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>57</sup> Ao ingressar no Movimento Escoteiro os membros escoteiros se comprometem de forma voluntária a agirem de acordo com o embasamento moral do Movimento.

<sup>58</sup> Entrevista de Maria de Fátima Morais, concedida à autora, no dia 18/03/2013.

escoteiros eram solicitados pra questão do cordão de isolamento e era uma forma de divulgação [...] a catedral não dava nenhum apoio financeiro, então nunca existiu apoio financeiro, pelo menos aqui em Campina Grande. O fato de ter a solicitação era porque precisavam de gente pra questão do apoio no cordão de isolamento, no transporte, para ajudar as pessoas que estavam precisando se passassem mal. Não existiam grupos de voluntários como hoje tem, (grupo de jovens, o grupo de crisma) não existia isso. Então eles percebiam no Movimento Escoteiro, um Movimento de jovens que estava ali pra fazer o seu melhor, para fazer sua doação, para poder ajudar como apoio.<sup>59</sup>

O Movimento Escoteiro se respalda em um discurso que objetiva disciplinar o corpo, a mente e as emoções das crianças e jovens. No universo escoteiro, observamos a exaltação da honra, lealdade, fraternidade, altruísmo, civilidade, elementos que ajudam a compreender porque os escoteiros eram sempre solicitados para colaborar, nas atividades sociais promovidas, na cidade. Um exemplo disso, era a festa da padroeira da cidade. Segundo Baden-Powell (2000, p. 92), o idealizador do Escotismo, a prática da boa ação era fundamentada, no princípio religioso, por isso, fazia questão de lembrar aos jovens que: “Cumprir o dever para com Deus não consiste, unicamente, em inclinar-se a face à sua infinita bondade, mas em executar sua vontade pela prática do amor a nossos semelhantes”.

Baden-Powell acreditava que, a religiosidade era essencial para o desenvolvimento espiritual do caráter do ser humano, contudo não definiu uma religião específica para o escotismo, por considerar que todas as religiões se referem ao mesmo Deus. O fato de não ter definido uma religião no seu projeto escoteiro, agregando no Movimento pessoas de religiões diferentes, contribuiu para que o escotismo fosse aceito pela sociedade. Apesar do Movimento Escoteiro não privilegiar nenhuma religião, observamos que no período estudado (1980-1990), a grande maioria dos membros dos Grupos de Escoteiros de Campina Grande era católica, isso explica porque em nossas pesquisas não encontramos registros da participação dos escoteiros em eventos promovidos por outras religiões<sup>60</sup>.

A participação dos escoteiros nos eventos junto à comunidade contribuía para

<sup>59</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>60</sup> Essa ausência pode ser explicada pela atuação do Clube dos Desbravadores, movimento juvenil ligado a Igrejas Adventistas. Semelhante ao Escotismo o clube dos Desbravadores se destina a Educação de crianças e jovens e são adeptos das atividades campestres e comunitárias, contudo o principal elemento diferenciador entre eles é a religião, visto que o Escotismo não privilegia nenhuma religião. Ou talvez, os escoteiros tenham participado de eventos de outras religiões, contudo a imprensa não noticiou.

consolidar a imagem de escoteiros disciplinados, altruístas e patriotas. Nesse sentido, citamos a solicitação feita pelo Tribunal Regional Eleitoral (TER) ao GE do Ar Santos Dumont, para que mesmo trabalhassem durante o pleito das eleições municipais no ano de 1992 <sup>61</sup>:

Teve uma época que nos trabalhamos até nas eleições, eu fiquei no Polivalente com outros dois escoteiros, ficamos lá dando informação, indicando as seções, organizando as filas e ate dizendo as pessoas que não podiam entrar com camisas de candidatos. [...] Tinha outros escoteiros distribuídos em outros locais [...] não fazíamos apologia a nenhum partido político, era um apoio à eleição em si, era uma atividade voltada para a sociedade.<sup>62</sup>

Teoricamente o Movimento Escoteiro é apolítico, portanto, não deve se envolver em questões políticas. Convidado pelo TRE, o GE do Ar Santos Dumont colaborou, no citado pleito eleitoral, contudo essa participação não tinha nenhum vínculo político partidário, conforme o nosso entrevistado fez questão de enfatizar. Além da participação em ações sociais, os escoteiros ainda utilizavam de outros meios para divulgarem o Movimento Escoteiro, na cidade. Relembrando as atividades de divulgação do GE General Sampaio, Rômulo Raimundo Maranhão do Valle explica:

O que a gente fazia era um esforço de divulgação, tinha evento, por exemplo, de Semana do Meio Ambiente, então os meninos vinham durante a semana, dois grupos vinham distribuíam sacolinha de lixo para colocar dentro do carro com o símbolo do Grupo, os meninos ficavam ali, na entrada principal da Universidade distribuindo. Todos eles fardados com a farda do Grupo na entrada distribuindo essas coisinhas, às vezes participando de eventos, fazia campanha de limpeza, aqui dentro, então o Grupo fazia um esforço para aparecer. [...] tinham uns cartazes do Movimento Escoteiro que a UEB distribuía e que a gente colocava no prédio da reitoria para fazer a divulgação.<sup>63</sup>

Notadamente, havia o interesse em divulgar o Movimento Escoteiro na cidade, entretanto, cabe-nos indagar o porquê de tanto empenho em se fazer presente, diante da sociedade? Entendemos que para esses Grupos a divulgação era um meio de serem reconhecidos como um Movimento altruísta e útil à sociedade. Esse reconhecimento de certa forma significava a manutenção dos Grupos, como percebemos na citação anterior, ou seja, como o GE General Sampaio tinha sede

<sup>61</sup> Portaria do Fórum Eleitoral de 15/10/1992, consultada no arquivo do GE do Ar Santos Dumont.

<sup>62</sup> Entrevista de Claudio Souza de Carvalho, concedida à autora, no dia 15/06/20013.

<sup>63</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 02/07/2013.

provisória na Universidade Federal da Paraíba<sup>64</sup>, fazia-se necessário que o mesmo mostrasse que era útil à sociedade, para justificar a sua presença naquele local. Nesse sentido, a divulgação podia resultar em algum tipo de benesse para o Grupo.

Ainda, no que concerne a divulgação, faz-se necessário mencionar também, o dia internacional do escoteiro, comemorado em 23 de Abril<sup>65</sup>. Essa data se constituía em mais um momento para divulgação do Movimento, uma vez que, neste dia, os escoteiros eram e ainda são incentivados a usarem seus lenços em suas atividades cotidianas, como por exemplo, para irem à escola ou ao trabalho, no intuito de mostrarem para as outras pessoas que fazem parte do Movimento Escoteiro.

A divulgação não é uma prática exclusiva dos escoteiros campinenses, mas sim, de todos escoteiros em todos os países, ou seja, a divulgação do escotismo se dá em nível mundial. Nesse sentido, encontramos uma reportagem do Jornal da Paraíba do ano de 1983<sup>66</sup> que descreve as comemorações do dia internacional do escoteiro realizada no Parque do Açude Novo, onde os escoteiros fizeram algumas demonstrações ao longo do dia, como a armação de barracas, prática de boas maneiras, além de várias atividades físicas. A reportagem ainda cita que, as comemorações poderiam se estender ao longo da semana, uma vez que, o número de pessoas que foram prestigiar o evento, havia superado as expectativas:

---

<sup>64</sup> Até o ano de 2002, a Universidade Federal da Paraíba era formada pelos *campi* de João Pessoa, Areia, Bananeira, Campina Grande, Patos, Cajazeiras e Souza, mas com a promulgação da Lei 10.419, foi desmembrada para a criação da Universidade Federal de Campina Grande, que passou a abranger os *campi* de Campina Grande, Patos, Souza e Cajazeiras e ficou com os *campi* de João Pessoa, Areia e Bananeiras, sendo criado posteriormente o *campus* do Litoral Norte, formado por duas cidades: Mamanguape e RioTinto. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade\\_Federal\\_da\\_Para%C3%ADba](http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_da_Para%C3%ADba)>: Acesso em 15/01/2013.

<sup>65</sup> O dia 23 de Abril é comemorado o dia internacional do escoteiro. Nessa data também se comemora o dia de São Jorge, escolhido como o padroeiro dos escoteiros. Nascimento (2008) afirma que, ao escolher São Jorge como padroeiro, Baden-Powell transferiu para o Escotismo alguns elementos da tradição religiosa inglesa, como culto de São Jorge, padroeiro da Cavalaria e um santo de especial devoção na Inglaterra.

<sup>66</sup> “O dia/inter” do nosso escoteiro. **Jornal da Paraíba**, 24/04/83, p. 4.





**Figura 5: Escoteiros em comemoração ao dia internacional do escoteiro, no Parque do Açude Novo, em Campina Grande no ano de 1983 (Fonte: Jornal da Paraíba, 24/04/1983, p. 4).**

Nessas comemorações, os escoteiros tentavam reproduzir as suas atividades, como armar barracas, hastear a bandeira nacional e também do Estado, além de mostrar as habilidades físicas através de jogos. Essas demonstrações, em espaço público, era uma forma de mostrar o escotismo para toda a sociedade.

O Escotismo em Campina Grande, ainda era divulgado em eventos como a FETEC<sup>67</sup> (Feira de Tecnologia de Campina Grande), nas rádios da cidade<sup>68</sup> e também nos jornais impressos, em eventos promovidos pelo próprio Movimento Escoteiro, como por exemplo, o ELO Nacional<sup>69</sup> (Escoteiros Locais em Operações), um evento que acontece simultaneamente em várias cidades do país e segue a

<sup>67</sup>Feira de Tecnologia de Campina Grande era realizada na casa de show Spazzio, evento foi realizado pela primeira vez no ano de 1988.

<sup>68</sup> Era comum os Grupos de Escoteiros solicitarem o apoio das rádios da cidade (Caturité, Borborema, Campina FM) para divulgarem o Movimento na cidade, assim, também como o apoio do jornal da Paraíba e Diário da Borborema. (Fonte: Ofícios consultados no arquivo do GE General Sampaio e do GE do Ar Santos Dumont).

<sup>69</sup>Diante da dificuldade financeira em realizar um grande acampamento, algumas regiões escoteiras propuseram realizar acampamentos simultâneos em vários pontos, o primeiro ELO ocorreu no Rio Grande do Sul em 1978. Assim, para promover a fraternidade entre os membros do Movimento Escoteiro, foi iniciada a realização dos ELOS nacionais, que ocorriam todos os anos em uma mesma data e com a mesma programação para todas as regiões escoteiras. Até o ano de 1991 o ELO nacional era anual, a partir de então o evento passou a ser realizado de dois em dois anos. Disponível em <[http://www.uebm.org.br/noticias\\_historia\\_dos\\_elos.html](http://www.uebm.org.br/noticias_historia_dos_elos.html)>: Acesso em 10/12/2012.

mesma programação. A UEB elege, previamente, um tema e a partir dessa temática, prepara uma programação de atividades para serem realizadas. A articulação da UEB com as Regiões Escoteiras possibilitam que, os escoteiros de todo o país realizem as mesmas atividades, em uma mesma data.

A primeira vez que a cidade de Campina Grande sediou um evento dessa natureza foi no ano de 1981, quando foi realizado o IV ELO nacional do Estado da Paraíba, no Parque de Exposições de Animais. O evento, que teve início, na sexta-feira e encerrou-se no domingo, contou com a participação de dezesseis Grupos de Escoteiros do Estado paraibano:



**Figura 6: escoteiros ao lado das autoridades durante o hasteamento do pavilhão nacional, durante a realização do IV ELO no ano de 1981, realizado no Parque de Exposições de Animais de Campina Grande. (Fonte: Jornal Diário da Borborema, 20/09/1981, p.8).**

Estiveram presentes no local, várias autoridades da cidade, dentre elas, a assessora Elizabete<sup>70</sup> e o major Álvaro Vitorino, representantes da 5ª Companhia de Infantaria, além de representantes do prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro. Ambas participaram da solenidade de abertura do evento, isso demonstra que o Movimento Escoteiro tinha conquistado certo prestígio na cidade ao mesmo tempo em que confirma que era conveniente para as autoridades locais apoiarem os Grupos de Escoteiros, uma vez que, os mesmos se voltavam para a educação de

<sup>70</sup> A reportagem não cita o sobrenome da assessora.

crianças e jovens, contribuindo para afastar a população infanto-juvenil da rua, disciplinando-as e inculcando-lhe valores morais e cívicos. Era interessante para as autoridades mostrarem para a sociedade que apoiavam um movimento educativo, que estavam preocupados com a educação das crianças e jovens paraibanos.

A cidade campinense também sediou o XIV ELO Nacional, cujo tema era “Junto à comunidade”. Realizado no mês de agosto de 1991, o evento promoveu intensas atividades comunitárias, objetivando assim, aproximar os escoteiros de suas comunidades. No final do XIV ELO, todos os escoteiros receberam um certificado de participação<sup>71</sup> e um distintivo produzido pela UEB nacional. No centro do distintivo, observamos o logotipo da UEB, ao redor dele várias pessoas de mãos dadas, simbolizando a integração dos escoteiros com a comunidade:



**Figura 7: Distintivo do XIV ELO<sup>72</sup>, entregue aos membros escoteiros que participaram do evento realizado na cidade de Campina Campina Grande-PB em 1991.**

Diferentemente, do evento realizado no ano de 1983, os escoteiros não acamparam. O XIV ELO Nacional foi realizado durante dois finais de semana<sup>73</sup>, no Parque do Povo, local que serviu como um tipo de base, de onde cerca de 300 escoteiros<sup>74</sup> saíram para realizarem atividades junto à comunidade. Sobre a dinâmica do evento, o nosso entrevistado Sérgio Menezes explica:

A abertura oficial foi no Parque do Povo, no sábado pela manhã, dali os três

<sup>71</sup> Ver anexo 1.

<sup>72</sup> Fonte: < <http://museucobras.wordpress.com/2012/11/09/xiv-elo-nacional-1991/>>: Acesso em 27/06/2013.

<sup>73</sup> O XIV ELO foi realizado nos dias 17, 18, 24 e 25 de agosto do ano 1991.

<sup>74</sup> Escoteiros abrem atividades do XIV ELO Nacional da cidade. **Jornal da Paraíba**, 18/08/1991, p.4.



grupos cada um se dirigiu pra o ponto alto onde estava destinado para trabalhar em acordo com a prefeitura de Campina Grande, no final do dia retornávamos pra o Parque do Povo, onde era feito o encerramento. No domingo o mesmo procedimento, íamos para o Parque do Povo. Não acampamos lá, lá era o ponto de partida, foram dois finais de semana e no segundo final de semana houve o encerramento geral, no domingo, no pátio da catedral, com os três grupos reunidos. [...] foi uma atividade comunitária.<sup>75</sup>

Durante o evento, os três Grupos de Escoteiros da cidade realizaram campanha de arrecadação de livros (que foram doados a bibliotecas da comunidade); participaram juntamente com a Secretária de Saúde do Programa de Educação para orientar os moradores da Ramadinha sobre os cuidados com a higiene pessoal e o asseio com o ambiente doméstico; fizeram a arborização na área; visitaram os idosos do asilo São Vicente de Paula dentre, outras atividades<sup>76</sup>:



**Figura 8: Escoteiros saindo em caminhada para divulgar o Movimento Escoteiro na cidade, durante a realização do XIV ELO, no Parque do Povo no ano de 1991. (Fonte: Jornal da Paraíba, 18/08/1991, p.4).**

Observamos que a abertura do XIV ELO foi em um dia chuvoso, contudo, isso não impediu que os escoteiros após a cerimônia de abertura do evento realizassem uma caminhada, que foi denominada de “Caminhada da Amizade”, pelas principais ruas do Centro para divulgar o Escotismo na cidade. Isso demonstra que existia certo planejamento para essa divulgação e também que o corpo, a mente e as

<sup>75</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>76</sup> Escoteiros abrem atividades do XIV Elo Nacional da cidade. **Jornal da Paraíba**, 18/08/1991, p.4.

emoções das crianças e jovens haviam sido disciplinados para enfrentar qualquer dificuldade que se apresentasse.

Outro aspecto que chama a atenção é a faixa do GE General Sampaio, onde está escrito o nome do político Tota Agra<sup>77</sup>, o que reforça a ideia de que os escoteiros eram reconhecidos como um movimento educacional pelas autoridades políticas, sugerindo ainda, que havia certo apoio destes para com o escotismo na cidade de Campina Grande-PB, mas será que esse apoio era desinteressado? Provavelmente não, pois apesar de o Movimento Escoteiro ser apolítico, não podemos esquecer que ele é formado por sujeitos e que parte deles (membros voluntários, jovens que votavam) certamente, cumpria com os seus deveres eleitorais e sendo assim, esse apoio poderia ser revertido em votos tanto dos integrantes do Movimento quanto de seus familiares.

De acordo com o escotista Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas<sup>78</sup>, não havia apoio financeiro, o apoio que os políticos davam aos escoteiros era o de “negociar” a participação do Movimento Escoteiro nas atividades realizadas pela prefeitura. Entretanto, constatamos que a Prefeitura Municipal no ano de 1999, na gestão do prefeito Cássio Cunha Lima, doa um terreno<sup>79</sup> localizado no bairro do Presidente Médici, para o GE do Ar Santos Dumont, construir a sua sede<sup>80</sup>.

---

<sup>77</sup> Aristóteles Agra, conhecido como Tota Agra, foi vereador e também deputado estadual na cidade de Campina Grande-PB, nas décadas de 1980 e 1990.

<sup>78</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>79</sup> A sede foi construída no terreno que mede 600<sup>2</sup>, localizado na Rua Sinhá Alves nº 85, no bairro do Presidente Médici.

<sup>80</sup> Inicialmente as reuniões ocorriam no terreno próximo ao colégio Estadual da Liberdade, posteriormente passaram a ocorrer no parque do açude Novo, depois na Escola Raul Córdula, e nas dependências da Faculdade de Direito.



**Figura 9: Frente da sede do GE do Ar Santos Dumont localizada no bairro do Presidente Médici.(Fonte: arquivo pessoal de Sérgio Rodrigo de Freitas Menezes).**

Além da doação do terreno, a Prefeitura Municipal ainda contribuiu com materiais para a construção do alicerce da sede, com esse gesto, provavelmente o prefeito da cidade suscitou o sentimento de gratidão dos escoteiros, o que posteriormente, poderia vir a ser convertido em votos. Ainda de acordo com o nosso entrevistado, a comunidade também apoiou essa doação, uma vez que, o terreno estava sendo utilizado por marginais para outros fins<sup>81</sup>.

O GE do Ar Santos Dumont é o único que tem sede própria, até hoje, o Grupo de GE General Sampaio e o GE Baturité, realizam as suas reuniões em espaços cedidos por outras instituições públicas<sup>82</sup>, mas só o fato da disponibilização de um local para a realização das suas atividades, evidencia que os Grupos de Escoteiros de Campina Grande eram reconhecidos pela sociedade. As fontes pesquisadas apontam que no ano de 1988, o prefeito Ronaldo Cunha Lima sanciona a Lei nº 1.791 que reconhece o Grupo de Escoteiros do Ar Santos Dumont como sendo de utilidade pública:

<sup>81</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>82</sup> Atualmente o GE General Sampaio realiza as suas reuniões na Universidade Federal de Campina Grande, localizado na Rua Aprígio Veloso em Bodocongó, já os membros do GE Baturité se reúnem no Grupo Escolar Gustavo Adolfo Cândido, localizado à Rua Luiz Sodré Filho, no bairro do Catolé.

ESTADO DA PARAIBA  
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE

Em 24 de Novembro de 1988

CABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 1.791

De 24 de novembro de 1988

RECONHECE DE UTILIDADE PÚBLICA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE,

Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou, e eu sanciono a seguinte,

L E I.

ART. 1º - Fica reconhecida de utilidade pública o 179 GRUPO ESCOTEIRO DO AR " SANTOS DUMONT" desta cidade.

ART. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

ART. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

RONALDO CUNHA LIMA  
Prefeito

Figura 10: Cópia do documento que reconhece o GE do Ar Santos Dumont como utilidade pública (Fonte: arquivo do Grupo de Escoteiros do AR Santos Dumont).

Na prática esse reconhecimento, por parte do Poder Público, significava que os Grupos de Escoteiros tinham que estar à disposição das entidades públicas, sempre que fossem requisitados. Era muito comum, principalmente na década de 1980, ver os escoteiros participando de atividades em conjunto com a Prefeitura Municipal. Para os escoteiros essas atividades se constituíam em oportunidades de realizarem uma boa ação, visto que, os mesmos eram disciplinados para estar “Sempre Alerta”<sup>83</sup> para ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião. Ademais, como citamos anteriormente, esses eventos possibilitavam a interação entre os escoteiros e a sociedade, dando visibilidade ao Movimento Escoteiro. O apoio ao escotismo não se restringia apenas à cidade campinense, uma vez que, constatamos a doação de um terreno para a Região Escoteira da Paraíba, conforme atesta a citação abaixo:

Dando prova de grande visão no futuro e apostando na conscientização dos jovens para que se tornem cidadãos ativos, o governador do Estado Ronaldo da Cunha Lima, fez, no último dia 25, a entrega da escritura de posse definitiva do Campo - Escola à Região Escoteira da Paraíba. Contando com as presenças de autoridades civis e escoteiras, essa solenidade, que teve o apoio do diretor de eventos da Fundação Espaço Cultural, Ricardo Verginelli, reuniu escoteiros dos quatro cantos da Paraíba, como Cajazeiras, Bananeiras, Mamanguape, Campina Grande e outras cidades do interior, para o desfecho de uma luta nossa que durava já 37 anos.<sup>84</sup>

A cerimônia de entrega de posse definitiva do Campo-Escola<sup>85</sup> foi um grande acontecimento para os escoteiros da Paraíba, muitos deles prestigiaram o evento, inclusive os escoteiros de Campina Grande. A reportagem também destaca o lado visionário do governador Ronaldo da Cunha Lima, por este investir na educação complementar do Movimento Escoteiro na Paraíba. Fica evidente que, o evento foi transformado em um espetáculo público para atender aos interesses da política paraibana. Na imagem, observamos a satisfação dos escoteiros no dia da entrega da posse definitiva do Campo-Escola:

---

<sup>83</sup> O Sempre Alerta é a tradução do Be Prepared (“Esteja Preparado”), o lema foi criado pelo fundador do Escotismo, Baden-Powell, e não é coincidência que a palavras tenham as iniciais B.P, pelas quais o fundador era chamado, pelos escoteiros.

<sup>84</sup> MALHEIROS, Marcelo. Escoteiros recebem campo de formação das mãos de governador. **Jornal Correio da Paraíba**. Campina Grande, 30 Mar. 1994. Caderno 2, p.2.

<sup>85</sup> O terreno onde foi construído o Campo- Escola da Região Escoteira da Paraíba localiza-se no bairro de Mangabeira na capital do Estado. A área que mede 18 hectares foi doada no ano de 1956, pelo então governador em exercício da Paraíba, José Américo de Almeida, contudo a escritura do terreno só foi entregue aos escoteiros no ano de 1994, na gestão do governador Ronaldo Cunha Lima.





**Figura 11- Governador Ronaldo C. Lima e os escoteiros, durante a realização de solenidade da entrega do Campo Escola escoteiro, no ano de 1994. (fonte: Jornal Correio da Paraíba, 30/03/1994, p. 2).**

O gesto de beijar a mão da criança escoteira pode ser entendido como mais uma estratégia política, passando dessa forma, para a população a imagem de uma autoridade paternal, que se preocupa com o futuro das crianças e jovens do Estado da Paraíba. A entrega dos terrenos para a construção do Campo-Escola e para a construção da sede do GE do Ar Santos Dumont, dentre outros indícios, confirmam que o Movimento Escoteiro era reconhecido pela sociedade e que algumas autoridades “simpatizavam” com o discurso escoteiro. Cabe destacar ainda, que, posteriormente, a artéria pública que dá acesso ao Campo-Escola passou a ser denominada de Avenida dos Escoteiros. De acordo com o Projeto de Lei nº 152/2005, essa denominação cumpria objetivo de “prestigiar os participantes do escotismo, no nosso Estado, pois os mesmos sempre se empenham pelas causas nobres da sociedade”, ou seja, estavam *Sempre Alerta para servir*.

Deste modo, o Movimento Escoteiro foi conquistando o seu espaço na sociedade, como um Movimento educacional que auxiliava, na educação das crianças e jovens campinenses, buscando divulgar um discurso que estava contribuindo para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres. Entretanto, apesar de o Movimento Escoteiro ser novidade para os campinenses, o Escotismo já era praticado no Brasil desde o ano de 1910. Mas como esse Movimento chegou ao

Brasil? Em que circunstância Baden-Powell idealizou esse Movimento?

**1.2- “Esta organização é um tipo de bola de neve a qual ninguém pode se opor”<sup>86</sup>**

**“A educação tal como eu a entendo não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo” (BADEN-POWELL).**

O Movimento Escoteiro em Campina Grande-PB, nas décadas de 1980-1990, buscou disciplinar o corpo, a mente e as emoções dos escoteiros. Esse discurso disciplinador, que acentua a honra, a lealdade, a fraternidade, o altruísmo e o patriotismo, foi gestado, na Europa, mais precisamente na Inglaterra, no ano de 1907. Revisitando alguns autores que trabalham com a temática do escotismo, como Nagy (1987); Boulanger (2011); Nascimento (2008); Blower (2010), constatamos que a emergência do discurso disciplinador do Movimento Escoteiro ocorre em um momento de crise dos valores morais que acometia toda a Europa.

A expansão imperialista do século XIX, não foi suficiente para evitar a recessão que afetava toda a Europa, marcada naquele momento pelo discurso nacionalista da direita política, que vislumbrava, no fortalecimento da nação, uma solução para os males nacionais. Todos os recentes Estados nacionais passaram a se preocupar com a infância e a juventude, pois acreditavam que as crianças e jovens seriam essenciais para a regeneração da sociedade, isso resultou na popularização de várias organizações educacionais, na Europa, que procuravam difundir valores nacionais, caros à sociedade, naquele momento (NASCIMENTO, 2004).

É nesse cenário que o escotismo é idealizado pelo Lorde inglês Robert Sthepson Smithy Baden-Powel. General<sup>87</sup> do Exército britânico. Baden-Powell realizou expedições militares na Índia, Afeganistão e na África para defender as possessões da Coroa Inglesa, em um momento em que as nações europeias

<sup>86</sup> Comentário do jornal Daily Graphic sobre a publicação do livro Scouting for Boys. (BOULANGER, 2011, p.183).

<sup>87</sup> A carreira militar de Baden-Powell é marcada pela rápida ascensão.

disputavam os territórios dos continentes africano e asiático<sup>88</sup>, o que o levou a se ausentar da Inglaterra por extensos períodos.

Quando retornou ao país de origem, deparou-se com uma situação desalentadora, pelo fato de o país antes conservador da era vitoriana estar vivendo um momento de crise dos valores morais, os jovens encontravam-se sem perspectivas, totalmente entregues ao vício do cigarro e da bebida. Após o término da Guerra da África do Sul, o contexto inglês era de depressão, no comércio, queda nos salários, assim como no item desemprego. Nesse período, 30% da população de Londres encontravam-se desnutridas e apenas um quarto dos dois milhões de adolescentes tinha uma “boa influência”, no período em que não estavam, na escola, ademais, muitos dos jovens encontrava-se em casas de detenção (BOULANGER, 2011).

É nesse período que Baden-Powell passou a se interessar pela educação da juventude inglesa. Em 1903, tornou-se consultor do Boys Brigade (Brigada de rapazes)<sup>89</sup>, organização para rapazes, inspirada em princípios cristãos e militares. Tentando tornar os Boys Brigade mais atrativo, Baden-Powell elabora um folheto suplementar, baseado em seu livro *Aids for Scouting*<sup>90</sup>, no qual sugere atividades individuais, a prática de esportes e a vida ao ar livre, contudo suas ideias não foram recebidas com muito entusiasmo, o que fez Baden-Powell considerá-lo um projeto independente (ZUQUIM, CYTRYNOWICZ, 2002). Posteriormente, tomando como referência o Movimento infanto-juvenil *Woodcraft indians*<sup>91</sup>, o general inglês publica um folheto, no qual propunha, para os jovens, “um programa de disciplina,

---

<sup>88</sup> Entre 1880 e 1914, o mundo com exceção da Europa e da América, foi dividido entre as potências capitalistas: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália, EUA, Japão e Rússia. Mais de um quarto do mundo estava sob o controle direto, ou como área de influência política desses países. Esse movimento foi denominado de imperialismo ou neocolonialismo. Ver HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed., 2002.

<sup>89</sup> A organização dos Boys Brigade (Brigada de Rapazes), fundada por William A. Smith em 1833, era uma das organizações educacionais de maior sucesso na Inglaterra, seus militantes se assemelhavam com soldados mirins, portavam armas de madeira e uniformes militares (NASCIMENTO, 2004).

<sup>90</sup> O **Aids for Scouting** (Ajudas ao Escotismo), publicado em 1899, é voltado para o treinamento militar, o livro sugeria que os recrutas fossem distribuídos em pequenos grupos de treinamento para que pudessem desenvolver a própria dinâmica, também defendia a prática de jogos para reforçar o caráter. O livro passou a ser utilizado para a educação de jovens (NAGY, 1987).

<sup>91</sup> Criada nos Estados Unidos em 1902, por Ernest Thompson Seton, cidadão inglês, que residia nos Estados Unidos. Escritor sobre assuntos ligado a natureza, Seton escreveu vários artigos para os jovens, que versavam sobre habilidades e destreza na natureza. Posteriormente, esses artigos foram reunidos no livro *The birch-bark roll of the woodcraft indians*. Em um encontro com Baden-powell, Seton sugeriu que ele incluísse em seu programa atividades mais dinâmicas.

observação, saúde, patriotismo, cavalheirismo e salvamento”, que tinha como alvo os jovens que já haviam participado de outro movimento infanto-juvenil. De acordo com Nagy (1987), o objetivo de Baden-Powell não era formar um novo Movimento, mas sim, tornar as organizações já existentes mais atrativas, seu intuito era:

Procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e a sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa [...] o plano estava baseado no princípio do jogo educativo, numa recreação que levava o rapaz a autoeducação (BADEN-POWELL, 1986, p. 53).

A fim de testar as suas ideias, Baden-Powell organizou no dia 9 de agosto de 1907, um acampamento experimental de oito dias na Ilha de Browsea<sup>92</sup>, com cerca de 20 garotos de vários segmentos sociais e credos diferentes. Esse acampamento é tido como o marco inicial do Movimento Escoteiro. Motivado com o sucesso do acampamento e financiado por C. Arthur Pearson<sup>93</sup>, Baden-Powell lançou o “esquema escoteiro” em seis fascículos semanais, que posteriormente, foram compilados no livro **Scouting for Boys** (Escotismo para Rapazes), realizou também várias conferências para divulgar o seu Movimento para jovens. Em pouco tempo, o livro tornou-se um Best-seller, sendo traduzido em vários idiomas, embora o livro não se tratasse de uma obra-prima literária, mas apenas “um manual singular, sobre como sobreviver em um ambiente natural e hostil” (NAGY, 1987, p. 66).

Baden-Powell defendia que a educação é um processo contínuo que acontece de dentro para fora. Argumentava ainda que se o jovem fosse estimulado de forma correta poderia desenvolver suas habilidades tanto físicas quanto intelectuais, e o escotismo poderia contribuir para a formação desses jovens, através de valores que os acompanhariam ao longo da vida. Para isso, ele propôs um processo educativo que estimulasse o jovem a buscar o seu próprio desenvolvimento, através de atividades práticas realizadas ao ar livre, pois acreditava que, os jovens, como

---

<sup>92</sup> A Ilha de Brownsea se localiza na Baía de Poole, na Costa sul da Inglaterra, possui aproximadamente três quilômetros de extensão e dois de largura, com muitos bosques e lagos, é propícia para a experiência da vida ao ar livre. Sobre a Ilha de Brownsea ver <https://www.google.com.br/#q=ilha+de+brownsea+>>: Acesso em 25/07/2012.

<sup>93</sup> C. Arthur Pearson era um editor-promotor que viu no emergente Movimento Escoteiro uma oportunidade de ganhar dinheiro, percebendo o seu potencial comercial, ele financiou uma publicação semanal intitulada o “Escoteiro”, onde foi publicado o “esquema escoteiro” de Baden-Powell, além de organizar conferências para a sua divulgação (NAGY, 1987).

peças ativas, poderiam desenvolver as suas capacidades, através das experiências vividas, do aprender fazendo. Dito de outro modo, Baden-Powell propunha um método educativo que disciplinasse o corpo, a mente e as emoções das crianças e jovens, para que os mesmos fossem condicionados a buscar o autodisciplinamento.

Ao elaborar o seu Método Escoteiro, Baden-Powell coadunava com as inovações educacionais de sua época, que visavam transformar a escola e o seu papel educativo, adequando-os à sociedade moderna. Segundo Cambi (1995), essas inovações se nutriam de um forte ideal libertário e progressista, respaldada no movimento de emancipação social e política dos indivíduos, que rejeitavam o aspecto elitista da escola. Essa renovação da educação foi chamada de “Ativismo” ou “Escola Nova”, se configurando em um movimento internacional, sobretudo, europeu e americano, que surgiu no final do século XIX e, consolidou-se, na primeira metade do século XX. O Ativismo se caracteriza por colocar a criança, no centro do processo de aprendizagem, enfatizando o aprender a fazer. Desse modo, o ensino se dá pela ação e não pela instrução, rompendo, portanto, com a instituição escolar formalista.

A instituição escolar formalista passou a ser vista como um mundo à parte, fechada dentro de seus muros, dissociada da realidade e de suas transformações sociais. Dessa forma, os conteúdos, que ela transmitia ao aluno, eram irrelevantes para a condução da vida. Fazia-se necessário, então, uma reformulação dos currículos e programas escolares, para que estes pudessem abranger os problemas atuais do mundo e também da juventude. Contudo, como apenas a reformulação dos currículos não era o suficiente, a estrutura da escola também deveria ser alterada, para torná-la um ambiente agradável, onde os jovens ficassem à vontade para conviver e discutirem seus problemas (FOUTOURA, 1960).

Tendo como base as descobertas, no campo da psicologia, que defendia que a criança tem uma psique diferenciada do adulto, os teóricos do Ativismo, como John Dewey, Ovide Decroly, Edouard Claparède, Adolphe Ferrière e Maria Montessori, objetivavam criar uma escola alternativa que ao mesmo tempo valorizasse a individualidade do aluno e desenvolvesse as suas aptidões, respeitando assim, a evolução do desenvolvimento infantil. O primeiro experimento desse tipo de

educação foi posto em prática na Inglaterra, por Cecil Reddie, no ano de 1889, à medida que abriu uma escola cujo fim era atender rapazes dos 12 aos 18 anos, oferecendo-lhes um programa diferenciado que atendesse às exigências da sociedade. Posteriormente, vários experimentos de “escolas novas” foram postos em prática, em diversos países. Para Cambi (1995, p. 521), o escotismo se constituiu em um exemplo bem sucedido da “escola nova”:

Um experimento educativo, desenvolvido na Europa e alimentado pelas lições do ativismo que resulta dos mais interessantes, foi dos escoteiros, surgido em 1908, promovido por Robert Baden-Powell (1857-1941), ex-coronel do exército inglês. Inspirado não só no colonialismo, do qual tira não só o uso do uniforme, mas também muitos princípios e o próprio espírito de aventura que o inspira, e organizado de forma quase militar, o escoteiro teve amplo sucesso e difusão mundial.

O escotismo dialogava não só com as inovações educacionais propostas pelo ativismo, mas também com a teoria da formação do caráter, inspirada na psicologia do desenvolvimento de Santley Hal<sup>94</sup>. Assim como o escotismo, outros movimentos infanto-juvenis, preocupados com a degeneração dos jovens, propunham uma educação através da intervenção do caráter. Esses Movimentos se ancoravam, na psicologia e no seu método para a formação do caráter a partir da infância pela manipulação dos instintos. O escotismo “valorizou a infância como idade autônoma, estabeleceu elos entre motivação e aprendizagem, partindo sempre da experiência concreta” (NASCIMENTO, 2008, P. 330).

Não obstante, Baden-Powell se preocupou em estabelecer um programa que atendesse às necessidades de cada faixa etária, uma vez que, o seu método se voltava para as idades dos 7 aos 21 anos, estimulando a autodisciplina através de jogos e habilidades manuais. De acordo com NASCIMENTO (2008), o escotismo foi alvo de críticas por ser um projeto ousado, que conjugava educação e desenvolvimento social. O Movimento de Baden-Powell foi acusado de esvaziar os significados dos valores e empobrecer os processos formativos, devido à ênfase nas atividades manuais.

---

<sup>94</sup> Ao estudar a infância, Stanley Hall (1844-1924) propôs três estágios básicos do desenvolvimento infantil: dos 6 aos 7 anos a criança vive em um estado de crise, dos 8 aos 12 anos a criança é pouco imaginativa e por fim, emerge a adolescência período na vida individual correspondente à época entre a selvageria e a educação. Hall comparava o adolescente com o homem antigo e medieval, dotado de imaginação e emoção, sendo capaz de viver em comunidade, mas não completamente moderno. Ver ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a psicologia escoteira e a teoria do caráter como pedagogia do civismo (1914-1937). Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 35, PP. 43-58, jul. 2002.

Muitas vezes o escotismo foi visto como uma máquina de propaganda que doutrina os jovens e difundia ideias belicosas (NASCIMENTO, 2008, p. 15). Apesar do seu fundador Baden-Powell negar qualquer semelhança militar em seu movimento educacional, encontramos dentro do programa escoteiro algumas características que o aproximam em muitos aspectos das práticas militares. Essas características militares, certamente, contribuíram para as representações que foram criadas sobre o escotismo em todo o mundo, associando o Movimento ao militarismo, como ocorreu, na cidade de Campina Grande-PB, na década de 1980.

### **1.3- Características militares no programa escoteiro: aproximações com o Brasil**

É nítido que o escotismo teve forte influência do militarismo. Nesse sentido, devemos considerar o fato de que seu idealizador era um militar do exército britânico, e deste modo, provavelmente trouxe muitos elementos da sua experiência militar para o seu programa educativo. A própria origem do nome escotismo remete às técnicas utilizadas, no exército, conforme afirma Baden-Powell (1986, p.15):

O Escotismo abrange tarefas um tanto diversas. Em poucas palavras, é a arte ou a ciência de conseguir-se informação. Antes ou durante uma guerra informar-se sobre os preparativos do inimigo, sobre sua força, suas intenções, seu terreno, suas circunstâncias e seus movimentos, é essencial e vital para que um comandante ganhe a batalha.

Apesar de Baden-Powell não concordar com a disciplina militar do Boys Brigade, chegando a propor a introdução do conceito de natureza e ar livre para torná-lo um movimento mais espontâneo (NAGY, 1987), percebemos que ele incorporou algumas características militares no seu projeto. O uso do uniforme é um exemplo disso, conforme afirma o próprio Baden-Powell (1986, p. 54):

O uniforme escoteiro é muito semelhante ao usado pelos meus soldados da Polícia da África do Sul, quando eu comandava. Eles sabiam o que era confortável, útil e capaz de oferecer proteção contra o mau tempo. Por isso, os escoteiros têm uniforme quase igual ao deles.

É relevante citar que, a polícia da África do Sul foi organizada e treinada por Baden-Powell, quando ele ocupava posto de serviço naquela localidade (1986, p.54). Além dessa semelhança, os escoteiros também usam em seus uniformes

alguns distintivos, como foi citado anteriormente.

Outras características militares são perceptíveis dentro do programa educativo escoteiro. Nesse sentido, citamos a saudação escoteira, que é realizada entre os membros do Movimento Escoteiros em qualquer situação, independente de estarem uniformizados ou não. A saudação é acompanhada do lema “Be Prepared”, traduzido no Brasil para o Sempre Alerta<sup>95</sup>, que significa que os escoteiros devem estar prontos para, servir à pátria e a ajudar o próximo, a qualquer momento. Na saudação, a mão toca ligeiramente a fronte do lado direito, lembrando muito a continência entre os militares. Além de ser utilizada para o cumprimento entre os escoteiros, a saudação é usada em cerimônias de hasteamento e arriamento da bandeira nacional e durante a execução do hino nacional, como também para cumprimentar autoridades:



Figura 12: Saudação escoteira<sup>96</sup>

Na imagem podemos perceber que além do uniforme e da continência, a postura do escoteiro é muito semelhante a dos militares. Assim como os militares, os

---

<sup>95</sup> No Brasil, o “Be Prepared” foi traduzido para o “Sempre Alerta” por Mário Cardim, grande incentivador do Movimento Escoteiro na década de 1910. Ele também traduziu o termo Scout, para escotismo (BLOWER, 1994).

<sup>96</sup> Fonte: <<http://www.escoteiros.wikia.com>: acesso em 25/05/12>.



escoteiros também se organizam em tropas<sup>97</sup>. Já os acampamentos e as excursões praticados em contato com a natureza podem ser comparados aos treinamentos de sobrevivência dos militares, uma vez que, os escoteiros tinham que por em prática a iniciativa, a coragem dentre outras coisas. A finalidade dos acampamentos segundo Baden-Powell é desenvolver os atributos do caráter em um ambiente saudável, o que também contribui para o fortalecimento da saúde:

Os acampamentos ensinavam a improvisar construções, por meio de desenvolvimento das habilidades em trabalhos manuais e da iniciativa. No campo, o escoteiro levantava barracas, escolhia os seus recantos apropriados, resolvia os problemas referentes ao abastecimento de água e de lenha, adaptava cozinhas, banheiros, privadas e fossas para fezes, gorduras e detritos, confeccionava utensílios e mobiliário rústico, aprendia sobre a natureza, desenvolvimento da saúde, do corpo e do espírito (NASCIMENTO, 2008, p. 113).

O Movimento Escoteiro é pensado para o disciplinamento das crianças e dos jovens. Para se comunicarem com as tropas, os chefes escoteiros a exemplo das Forças Armadas, fazem uso do comando de voz, apito e gestos, similar à Ordem Unida<sup>98</sup>, utilizada pelas Forças Armadas. Nesse sentido, observamos, nas práticas escoteiras, os seguintes comandos de voz: firme, descansar, cobrir. Apesar da evidência da utilização da Ordem Unida dentro do Movimento Escoteiro, Nascimento (2008, p. 12) argumenta que, Baden-Powell rejeitava a ideia da mesma, uma vez que, “não via em tal prática qualquer tipo de benefício para o desenvolvimento físico dos jovens”, além do quê, este não era o meio mais adequado para levar o jovem ao aprendizado da disciplina.

Todavia, nos parece que o escotismo foi gestado sob as bases militares; essa hipótese é justificada pelo contexto imperialista da época, que demandava jovens ingleses saudáveis que valorizassem a moral e o patriotismo, elementos caros à sociedade inglesa, naquele momento. Acreditamos que o Movimento Escoteiro ao se apropriar dessas simbologias militares para construir sua identidade, contribuiu para as representações que foram construídas acerca do escotismo, enquanto uma prática militar. Essas representações se propagaram em todo o mundo, inclusive, na cidade de Campina Grande. Isso ajuda a explicar por que os militares se

---

<sup>97</sup> Cada tropa é composta por 32 jovens, esta por sua vez é subdividida em quatro patrulhas, constituída por oito jovens cada.

<sup>98</sup> A Ordem Unida é o conjunto harmonioso, cadenciado e equilibrado dos movimentos de marcha, cujo objetivo é a disciplina, autocontrole, senso de grupo, autoestima e desenvolvimento pessoal a fim de obter padrões coletivos de uniformidade.

identificavam com o Movimento de Baden-Powell. Na cidade de Campina Grande, os militares chegavam até a emprestar barracas para auxiliarem nos acampamentos, conforme explica o escotista Oscar Henrique de Andrade Neto<sup>99</sup>:

[...] a sede do Grupo era dentro da guarnição do quartel [...] os militares Forneciam cantis pra gente, não era cantil novo, era cantil já usado, também forneciam barracas usadas, que tinham um defeito ou outro, também chegaram a emprestar barracas de praça, aquelas que cabem umas vinte pessoas.<sup>100</sup>

Além das barracas, os militares disponibilizavam ainda, caldeirões grandes, cantis, lampiões, bússolas, transporte, dentre outras coisas<sup>101</sup>, que auxiliavam nas atividades fora da sede. As chamadas barracas de praça eram utilizadas nos acampamentos para servirem de enfermaria.

Mas, por que o escotismo enquanto um movimento infanto-juvenil com características militares, pensado para a realidade inglesa, se expandiu rapidamente para vários países e fascinava tantos jovens? Reportando-nos à nossa temporalidade e espacialidade, arriscamo-nos a dizer que era justamente essa semelhança com os militares que atraíam os garotos para o Movimento, pois não podemos esquecer-nos do discurso militarista da época. Ao nos aproximarmos da teoria de Foucault (2008) sobre o discurso, entendemos que o discurso militar, registra, estabelece e reproduz valores da sociedade que deveriam ser perpetuados. Assim, provavelmente, “boa parte dos lobinhos ou escoteiros pensavam em ser um militar um dia”<sup>102</sup>, e os que não tinham essa pretensão, quando entravam no escotismo passavam a almejar a vida militar.

De acordo com Nagy (1987), o escotismo, rapidamente, chegou a outros países, já no ano de 1908. E desde então, são organizados grupos de escoteiros no Canadá, Austrália, Noruega e Nova Zelândia. Em 1910, o escotismo tinha sido implantado em diversos países como Índia, Argentina, Chile, Brasil, Estados Unidos, Bélgica, Noruega, Suécia, Dinamarca dentre outros. Para Nascimento (2004), o grande sucesso e a rápida difusão alcançada pelo escotismo, no início do século XX,

<sup>99</sup> Oscar Henrique de Andrade Neto integra o Movimento Escoteiro desde o ano de 1980, quando ingressou na condição de membro voluntário no GE Almirante Saldanha. Durante esse período, ele participou de vários Grupos de Campina Grande: Tiradentes, General Sampaio, Baturité. Aproximadamente entre 2003 e 2004, ele passa a fazer parte do Movimento Escoteiro na Região Escoteira de Pernambuco, onde atualmente é membro voluntário do GE Souza Leão.

<sup>100</sup> Entrevista concedida à autora no dia 18/08/2013.

<sup>101</sup> Informação consultada no ofício de nº 12/81, encontrado no arquivo do GE General Sampaio.

<sup>102</sup> Entrevista de Cláudio Souza de Carvalho, concedida à autora no dia 29/05/2013.

justifica-se pelo fato do Movimento contribuir com um tipo de educação que produzia sujeitos integrados aos ideais nacionais, servindo de vetor de nacionalismo político para essas nações, no período entre guerras, inclusive para o Brasil.

Para Boulanger (2011), o fascínio dos jovens pelo Movimento pode ser explicado pelo fato de o mesmo ser elaborado por um herói nacional<sup>103</sup> da época e pelos aspectos peculiares do Movimento Escoteiro que contribuíram para atrair os jovens, como o lema “Be Prepared”, a promessa e a Lei escoteira, que é elaborada em uma base não negativa.

#### **1.4- O escotismo no Brasil: uma iniciativa militar**

O primeiro Grupo de Escoteiros do Brasil foi fundado em 1910, por oficiais e praças da Marinha brasileira<sup>104</sup>. Entusiasmado com o êxito que o Escotismo lograra na Europa, os marinheiros brasileiros decidiram fundar, no Estado do Rio de Janeiro, o primeiro “centro de Boys Scouts do Brasil”<sup>105</sup>. Percebemos que o Movimento Escoteiro no Brasil também foi implantado por iniciativa dos militares, em um momento de advento da República, o que contribuiu para que o escotismo fosse bem recepcionado, no país.

Assim, como ocorreu na cidade de Campina Grande, na década de 1980, houve uma intensa divulgação do escotismo, quando este chegou ao país. Tendo como principais incentivadores, Olavo Bilac<sup>106</sup> e Mário Cardim<sup>107</sup>, o escotismo logo

<sup>103</sup> De acordo com ZUQUIM & CYTRYNOWICZ (2002, P.49) Baden-Powell tornou-se herói de guerra na Inglaterra após resistir ao Exército Boer na cidade de Mafeking, na Guerra do Transvaal, na África do Sul.

<sup>104</sup> Um núcleo de oficiais e praças da Marinha Brasileira se encontrava na Inglaterra para acompanhar a construção de contratorpedeiros, cruzadores e dos encouraçados Minas Gerais e São Paulo, quando tiveram contato com o movimento para jovens de Baden-Powell (BLOWER, 1994).

<sup>105</sup> No dia 14 de junho de 1910, em uma reunião realizada na casa nº 13 da Rua do Chichorro, no bairro do Catumbi, Rio de Janeiro, na qual estavam presentes os suboficiais da Marinha interessados em implantar o Escotismo no Brasil, foi elaborado o primeiro Estatuto do Centro de Boys Scouts do Brasil. Assim, essa data marca o dia da introdução do Escotismo no Brasil, entretanto, para a União dos Escoteiros do Brasil (UEB), a data oficial da fundação do Escotismo no Brasil é 29 de novembro de 1914, quando foi instituída a Associação Brasileira de Escoteiros com sede em São Paulo (BLOWER, 1994).

<sup>106</sup> Olavo Bilac foi um grande defensor do serviço militar, obrigatório no país, para motivar o civismo, a disciplina e o senso de organização da juventude brasileira, sendo assim, tornou-se um incentivador do Escotismo. Escreveu juntamente com Coelho Neto, a introdução do primeiro Manual Escoteiro editado no Brasil, de autoria de Arnaldo Guinle e Mario Pollo (BLOWER, 1994).

<sup>107</sup> Mário Sérgio Cardim nasceu em 1928, foi atleta, inspetor de ensino, diretor de escola, advogado, escritor, fundador e dirigente de várias entidades nacionais. Incentivador do Escotismo no Brasil escreveu vários artigos para os jornais, além de ter realizado várias conferências sobre o Movimento de Baden-Powell, propôs o Estatuto da Associação Brasileira de Escoteiros, tornando-se secretário geral da entidade juntamente com Washington

despertou o interesse das autoridades políticas e entidades civis. Os esforços empreendidos por Mário Cardim e Olavo Bilac contribuíram sobremaneira, para divulgação e expansão do escotismo no Brasil, na década de 1910.

Segundo Souza (2000), ocorreu no Brasil após a Primeira Guerra Mundial, uma onda de nacionalismo efervescente, que trouxe para o centro do debate questões como a nacionalidade brasileira, o combate à estrangeirização do Brasil, à moralização dos costumes e à regeneração da nação. Era preciso educar o cidadão para soerguer, moralmente, a nação, criar uma cultura do patriotismo e defender a nacionalidade. É nesse contexto que o escotismo se expande para todo o país, respaldado pelo discurso republicano de civilizar cidadãos através da educação do caráter para defender a pátria.

O historiador Iranilson Buriti, em seu estudo sobre a construção do conceito de família, nas décadas de 1920-1930 na cidade do Recife<sup>108</sup>, afirma que o escotismo foi utilizado para adestrar a infância, adequando o corpo do brasileiro, desde a mais tenra idade a ordem política do Estado-Novo. Através do discurso de disciplinarização do corpo e da mente, o escotismo passa a normatizar os escoteiros, referenciais de civilidade, honra e bom comportamento para os outros jovens brasileiros:

Um modelo social de educação disciplinadora e coordenadora, baseado na modernização atlética do corpo e na obediência sem questionamentos a autoridades. Constitui-se assim, um produtor do “homem ideal” necessário à pátria. Diante da constante ameaça das “mulheres-macho” que ocupavam empregos “masculinos”, desde a I Guerra Mundial, a prática do escoteirismo<sup>109</sup> passa a ser um exercício de disciplinar e de normatizar o jovem desde pequeno, para que este assuma um comportamento de defesa nacional (BURITI, 2002, p. 258).

Nesse sentido, Souza (2000) explicita que o escotismo, em São Paulo no início do século XX, se configurou como uma escola de moral e civismo, corroborando com o projeto de militarização da escola, na década de 1920, que objetivava incutir, nas crianças e jovens, o sentimento de patriotismo, civismo e disciplina corporal. Ainda de acordo com a autora, a necessidade de construir uma identidade nacional

---

Luiz Pereira de Souza. Também foi vice-presidente da UEB, posteriormente ocupou o cargo de presidente, no período de 1929-1930.

<sup>108</sup>BURITI, Iranilson. Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife moderno (1920-1930). Recife, 2002, 349f. Tese (Doutorado em História). CFCH - Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>109</sup> Era comum o uso os dois termos, Escotismo e Escoterismo, atualmente é utilizado apenas o termo Escotismo.

e desenvolvê-la, facultou o entusiasmo pelo escotismo e sua implantação nas escolas públicas paulistas<sup>110</sup>. A adoção do escotismo, na rede de ensino, foi respaldada pela Reforma da Instrução Pública realizada em 1920, que determinou que todos os alunos matriculados, nas escolas públicas de São Paulo, fossem considerados aspirantes a escoteiros.

Nascimento (2008) argumenta que a Associação Brasileira de Escoteiros fundada, no Estado de São Paulo, em 1914, ajudou a popularizar o escotismo e estimulou a sua adoção como prática escolar, na instrução pública em Estados como, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Sergipe, Ceará e Pernambuco. O autor reforça que, além desses Estados, há indícios da prática do escotismo escolar, em outros Estados. Em nossa pesquisa, encontramos indícios que confirmam a implantação do escotismo, nas escolas, no Estado da Paraíba. De acordo com as fontes pesquisadas, foi implantado no ano de 1981, o Projeto escotismo nas Escolas, nos estabelecimentos de 1º e 2º grau da rede estadual de ensino. O referido projeto teve o apoio do Ministério da Educação e da então secretária de educação e Cultura do Estado, Giselda Navarro<sup>111</sup>.

Posteriormente, surgiram várias entidades representativas do escotismo no Brasil, como a Federação de Escoteiros do Brasil, Federação Brasileira de Escoteiros do Mar, Associação dos Escoteiros Fluminenses, Associação dos Escoteiros Católicos do Brasil, Comissão Central do Escotismo, Associação Pernambucana de Escoteiros, Associação Paranaense de Escoteiros, dentre outras. Em 1924 algumas organizações se unem e fundam a UEB.

Em correspondência enviada a Mário Cardim no ano de 1928, Baden-Powell pede para que todas as entidades representativas do Movimento Escoteiro, no Brasil, se unam à UEB, para que assim, o Movimento se mantivesse unido: “A força do Movimento Escoteiro em tal país deve depender amplamente na habilidade de

---

<sup>110</sup> A adoção do escotismo escolar se respalda na Reforma de Instrução Pública realizada em 1920, sob a liderança do professor Sampaio Dória. Conforme o Decreto 3.355 de 27/05/1921 todos os alunos matriculados nas escolas públicas seriam aspirantes a escoteiros. Todavia para ser inscrito escoteiro era exigido à idade mínima de 10 anos, deliberação espontânea e o consentimento dos pais por escrito. Os professores de ginástica foram escolhidos para serem os instrutores do escotismo escolar. Ver SOUZA, Rosa de Fátima. A militarização da infância: expressão do nacionalismo na cultura brasileira. São Paulo: **Cadernos CEDES**. V. 20, nº 52, Nov, 2002.

<sup>111</sup> Informações consultadas no Boletim especial da Região da Paraíba de março de 1982 e no Ofício de nº 13/81 do GE General Sampaio.

apresentar uma frente unida e, tendo certeza que não há serviço maior, a ser prestado ao Escotismo no seu país, do que este”<sup>112</sup>. Para Baden-Powell, era mais interessante ter uma única entidade no Brasil para representar os escoteiros, porque dessa forma, seria mais fácil preservar os princípios do programa educativo que ele idealizara. Em 24 de Janeiro de 1946, a União dos Escoteiros do Brasil é reconhecida pelo Decreto-Lei nº 8.828, como instituição extraescolar e órgão máximo do escotismo brasileiro, sendo a única no país filiada a Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

É válido ressaltar que, inicialmente, os grupos de Escoteiros foram fundados apenas nas capitais dos Estados (BURITI, 2002), isso explica porque o escotismo só chega a Campina Grande, na década de 1980. O Movimento Escoteiro foi sendo adequado conforme à realidade de cada região, assim, como houve adequações que variavam conforme o país e a época, mas sempre conservando os princípios e os valores idealizados por Baden-Powell. Quando o escotismo chegou a Campina Grande, na década de 1980, certamente, ele já havia passado por algumas reformulações.

Em Campina Grande, o escotismo serviu ao propósito de afastar as crianças e jovens da rua, disciplinando-os e inculcando-lhes valores morais e cívicos, em um momento em que a cidade assim, como todo o país, passava por uma recessão econômica que resultou em desemprego, déficit habitacional e violência. Logo, o discurso escoteiro de valorização da disciplina, do patriotismo e do altruísmo ganhou a “simpatia” dos Poderes Públicos, que passou a apoiar o Movimento Escoteiro na cidade e a realizarem atividades sociais em conjunto com os escoteiros. Entretanto, devemos ressaltar que, por trás desse apoio dado ao Movimento Escoteiro, havia todo um jogo de interesses políticos.

Assim como ocorreu em outros locais, o Movimento Escoteiro em Campina Grande, apresentou características militares, inclusive os fundadores do GE General Sampaio e GE Baurité estavam diretamente ligados às práticas militares. Alguns pais chegavam até mesmo a associar o escotismo ao militarismo, mas apesar da disciplina, que perpassavam esses Grupos, havia muitas crianças que queriam se

---

<sup>112</sup> B-P pediu unidade ao Escotismo brasileiro. **Sempre Alerta! Informativo da União dos Escoteiros do Brasil**, nº 62, Fev. 2007, Edição especial (Edição Especial dos 100 anos de Escotismo), p. 8.

inserir no Movimento Escoteiro. Devido a essa demanda, havia até lista de espera, nos três Grupos de Escoteiros da cidade. Desta feita, no próximo capítulo, investigaremos o Método Escoteiro posto em prática, nos Grupos de Escoteiro de Campina Grande, buscando entender de que forma ele contribui para o disciplinamento de seus integrantes.

## CAPÍTULO II

### “O ESCOTEIRO É OBEDIENTE E DISCIPLINADO”<sup>113</sup>: O MÉTODO ESCOTEIRO DISCIPLINANDO O CORPO, A MENTE E AS EMOÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS

**A gente não sabe nem o que passa na TV na programação do sábado. Já teve situações de ter festas na minha família, aniversários e tudo, e as pessoas dizem: poxa vida! Você não pode deixar esses escoteiros pelo menos hoje? [...] O meu sábado é dedicado ao movimento escoteiro.**<sup>114</sup>

Depois da forte chuva que caíra durante a noite, o sábado amanhecera frio, nublado, dando indícios de que a chuva não iria dar trégua. Um dia propício para ficar encolhido, embaixo das cobertas, vendo TV e comendo pipocas, entretanto, finalmente era “sábado”, dia da reunião dos Grupos de Escoteiros. Assim, apesar da chuva, os escoteiros esperavam ansiosos para que a tarde chegasse<sup>115</sup> para mais um dia de “aventuras escoteiras”. Relembrando o tempo em que era membro juvenil, o escotista, Harrison de Souza Farias<sup>116</sup>, comenta: “Quando criança, a gente vive no Movimento Escoteiro um momento mágico e um momento único, porque a gente espera que chegue o sábado e chora porque o sábado acabou”<sup>117</sup>.

As reuniões é um dos momentos em que o Método Escoteiro é posto em prática. Neste capítulo, pretendemos problematizar como os Grupos de Escoteiros de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité), através da aplicação do Método Escoteiro buscaram disciplinar o corpo, a mente e as emoções de crianças e jovens<sup>118</sup>.

---

<sup>113</sup> 7º Artigo da Lei Escoteira. BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Escotismo para rapazes** ( Edição comemorativa ao centenário do Movimento Escoteiro). Curitiba, PR: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, 2006.

<sup>114</sup> Entrevista de Janaína Maria Costa Ferreira, concedida à autora no dia 24/08/2013.

<sup>115</sup> As reuniões dos Grupos de Escoteiros, em Campina Grande, são realizadas nos sábados à tarde, no horário das 14h00min às 17h30min.

<sup>116</sup> Harrison de Souza Farias ingressou no Escotismo no ano de 1987, no GE General Sampaio, no ramo Lobinho, onde ficou até o ano de 1991, passou ainda seis meses no ramo Escoteiro, mas devido a problemas pessoais, saiu do Grupo. Em 2005, ele retornou, na condição de membro voluntário (escotista), atualmente, atua como Diretor-Presidente do Grupo.

<sup>117</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 16/03/2013.

<sup>118</sup> No Movimento Escoteiro, as crianças e jovens são chamados de membros juvenis.



## 2-1. Escotismo: uma educação não formal

Os Grupos de Escoteiros de Campina Grande se inserem, na modalidade da educação não formal, visto que são espaços de formação de saber que visam à complementação da educação de crianças e jovens. Mas o que significa o conceito educação não formal? Como ocorre o processo de aprendizagem, no método de educação não formal do Movimento Escoteiro?

Um dos fenômenos mais significativos do processo social contemporâneo é a ampliação, no conceito de educação e a diversificação, nas atividades pedagógicas (LIBANÊO, 2001). A educação não se restringe à educação escolar, ela é apenas uma das modalidades de educação, pois não há um único modelo de educação, nem uma forma única de educar (BRANDÃO, 2001). A educação ocorre de diversos modos e em diversos espaços. Existem inúmeros agentes educativos que colaboram para o desenvolvimento pleno do sujeito. Segundo a UEB (2005, p. 11), a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) sugere três tipos distintos de modalidades educativas que colaboram para o desenvolvimento pleno do sujeito:

Educação formal é todo o sistema educacional hierárquico e cronologicamente estruturado, que se estende desde o ensino fundamental até o ensino superior. Educação informal é todo o processo pelo qual cada pessoa adquire atitudes, valores, habilidades e conhecimentos por meio da experiência diária, da família, dos amigos, dos grupos, pares, dos meios de comunicação e de outras tantas influências e fatores do ambiente. Educação não formal é a atividade organizada, fora do sistema formal estabelecido, que esta destinada a servir a uma determinada clientela de aprendizagem, com objetivos educativos identificados. (UEB, 2005, p.11).

Para a UNESCO, a aprendizagem se estende a diversos momentos da vida, não podendo ficar reduzida apenas a uma forma educativa. A terminologia formal/informal e não formal surgiu, na década de 1960, em um momento de “crise da educação”, nesse momento, era reivindicada uma educação permanente, capaz de abranger todas as faixas etárias e todos os aspectos sociais da vida do indivíduo ou mesmo da coletividade (FÁVERO, 2007).

A Conferência Internacional sobre Educação realizada, na Virginia, nos Estados Unidos, no ano de 1967, apontou para a necessidade de meios educativos alternativos que não fossem tão somente os escolares, contribuindo assim, para que a educação fora das instituições regulares de ensino fosse oficializada. A

modalidade de educação não formal já era praticada, no Brasil, embora fosse designada através de outros nomes como, educação alternativa, educação complementar, jornada ampliada e educação extraescolar, contudo não se inseria dentro de um campo específico do contexto educacional e sim, em diferentes áreas comprometidas com as questões sociais (LIMA; DIAS, 2008). Um exemplo disso é o Movimento Escoteiro, que antes da denominação, educação não formal, era designado como um Movimento de educação extraescolar, comprometido com as questões sociais:

O *não formal* tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área da educação para situar atividades e experiências, distintas das atividades e experiências que ocorrem nas escolas, por sua vez classificadas como *formais* e muitas vezes a elas referidas. Na verdade, desde há muito tempo classificava-se como extraescolares atividades que ocorriam à margem das escolas, mas que reforçavam a aprendizagem escolar, nas bibliotecas, no cinema, no esporte, na arte (FÁVERO, 2007, p.614, Grifos do autor).

Fica evidente que a denominação educação não formal passou a ser utilizada para designar todas as atividades de cunho educativo que ocorriam fora dos espaços de educação formal, substituindo o termo extraescolar. Desde a sua criação, o escotismo era descrito como um Movimento de educação extraescolar, na prática, o que ocorreu foi somente a substituição do termo, que passou a ser designado de educação não formal, contudo o seu sentido continua o mesmo.

Até a década de 1980, a educação não formal era um campo pouco valorizado, no Brasil, tanto para os educadores como para as políticas públicas, haja vista, que o alvo das atenções era as instituições de ensino. Mas, a partir da década de 1990, em decorrência, de mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho, “passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos” (GOHN, 1998, p. 512), ampliando assim, a necessidade de ultrapassar os conteúdos programáticos curriculares, desenvolvidos pela educação formal.

A educação não formal é um processo que abrange várias dimensões, como a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, a capacitação para o trabalho através da aprendizagem de habilidades ou do desenvolvimento das potencialidades dentre outros, contudo seja qual for a dimensão, a educação não formal “atua sobre os aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo”

(GOHN, 2006, p. 30), contribuindo para a construção de uma identidade coletiva.

Quando o escotismo foi idealizado, no século passado, a terminologia “educação não formal”, ainda não tinha sido elaborada. A própria educação estava passando por um processo de profunda e radical transformação, ou como afirma Cambi (1999, p. 513) ocorria uma “revolução copernicana”, na educação. As escolas, antes caracterizadas pelo seu aspecto exclusivamente elitista, estavam abertas às massas, nutrindo-se de forte ideal libertário, afirmando-se como instituição chave da sociedade democrática.

Nesse cenário de mudanças, foram postas em práticas as experiências educativas da “Escola Nova”, baseadas no primado do “fazer”, respaldadas, nas descobertas da psicologia que afirmava as diferenças entre a psique infantil e adulta e no movimento de emancipação de amplas massas populares, nas sociedades ocidentais, que reivindicavam participação ativa, na vida social e política.

Desse modo, o programa educativo escoteiro se constituía em um complemento para a educação formal da época, ou seja, o escotismo surge como uma solução para educar os jovens fora do estabelecimento escolar, sem a pretensão de substituir a escola. Em meio à efervescência dos debates e das experiências da renovação pedagógica, Baden-Powell idealizou um Movimento infanto-juvenil que associava educação ao ar livre, fundamentado na autoeducação, no desenvolvimento físico, moral e intelectual. Defensor da autoeducação, Baden-Powell argumentava que, ao sair da escola, os jovens ainda não estariam preparados para a vida adulta (NASCIMENTO, 2008).

No Brasil, assim como na Inglaterra, e em outros países para onde o escotismo se expandiu, ele se caracterizou como um Movimento destinado à complementação da educação formal. No Brasil, apesar de ter sido implantado, no ano de 1910, o escotismo só foi oficializado como uma instituição de educação extraescolar, em 24 de janeiro de 1946, pelo Decreto-Lei n 8.828:

Art. 1º- Fica reconhecida a União dos Escoteiros do Brasil no seu caráter de instituição destinada a educação extra-escolar, como órgão máximo do escotismo brasileiro.

Art. 2º- A União dos Escoteiros do Brasil manterá a sua organização própria com direito exclusivo ao porte e uso dos uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e terminologia adotados nos seus regimentos e necessários à metodologia escoteira.

Art. 3º- A União dos Escoteiros do Brasil realizará, mediante acordo, suas finalidades em cooperação com o Ministério da Educação e Saúde.

Art. 4º- A União dos Escoteiros do Brasil será anualmente concedida no orçamento geral da República, a subvenção necessária para a satisfação de seus fins (THOMÉ, 2006, p. 172-173).

Em terras brasileiras, o escotismo foi reconhecido como uma instituição destinada a complementar a educação das crianças e jovens, com direito ao uso de uniformes e à cooperação do Ministério da Educação e da Saúde. Esse Decreto reforça a ideia de que as autoridades brasileiras apoiaram o Movimento Escoteiro, desde os seus primórdios, pois comungava com os seus princípios. Era preciso disciplinar as crianças desde a mais tenra idade, para que assim, ela se tornasse um cidadão útil para a nação.

## **2.2- Método Escoteiro: educação e disciplinarização**

Os Grupos de Escoteiros campinenses são entendidos, nesse estudo, como instituições disciplinares, que através do seu método de ensino regulam, vigiam e normatizam as crianças e jovens. Nesse sentido, recorreremos aos estudos do filósofo Michel Foucault sobre o poder disciplinar, que nos permitirá analisar o Movimento Escoteiro como espaço de produção de disciplina e de controle do corpo.

De acordo com Foucault (1987), a formação da sociedade disciplinar remonta ao final do século XVIII e início do século XIX, impulsionada pela reforma do sistema judiciário e penal que ocorreu em vários países da Europa e do mundo. Essa reforma judiciária implicou, na deslocação do poder soberano para o corpo social. Antes a punição era uma representação do poder real, a mesma se constituía em uma forma de punir e humilhar o preso, que tinha o seu corpo supliciado e torturado, na maioria das vezes, em praça pública, servindo como exemplo para que, outros indivíduos não cometessem o mesmo erro. Após a reforma, a punição passa a ser entendida como uma forma de “adestrar”, de ensinar o preso, moldando e educando o corpo do prisioneiro, dito de outro modo, não interessava punir por punir, mas sim, punir para educar.

Ao estudar o controle disciplinar, no sistema penal francês, Foucault (1987) percebeu que, esse tipo de procedimento não se restringia apenas ao sistema carcerário, mas, se aplicava a várias instituições tais como, escolas, fábricas,

exércitos, hospitais dentre outras, com a finalidade de docilizar os indivíduos, tornando-os uteis para o sistema capitalista:

Nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna um tanto mais obediente quanto mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula, e o recompõe. Uma anatomia política, que é também igualmente uma mecânica de poder, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Para o adestramento dos corpos são utilizados mecanismos tais, como vigilância hierárquica (é a vigilância sobre o corpo alheio através de relações de controle pelo olhar), sanção normalizadora (funciona como um sistema duplo de recompensa e de punição, instituído para reduzir e corrigir os desvios) e exame (é a junção das técnicas de vigilância com as técnicas de normatização).

Esses mecanismos disciplinares são perceptíveis, dentro do Método Escoteiro de ensino, desenvolvido nos três Grupos de Escoteiros de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité). Seu objetivo é a construção de um corpo educado, civilizado e obediente. O método funciona como um sistema, com o qual os seus elementos complementam-se, formando um todo integrado e unificado. Assim, o método é composto pela promessa e Lei escoteira, desenvolvimento pessoal, aprender fazendo, vida em equipe e atividades progressivas:



**Figura 13: Elementos que compõem o Método Escoteiro**  
(Fonte: União dos Escoteiros do Brasil, 2005, p. 21)

De acordo com a UEB (2005, p. 20), cada elemento é destinado a contribuir para o processo educacional de uma maneira específica e cada elemento complementa o impacto do outro. Todos os elementos são, no entanto, necessários para que o sistema como um todo funcione e devem ser usados de forma que sejam condizentes com o propósito e os princípios do escotismo.

Ao ingressar no Movimento Escoteiro, a criança ou jovem, são denominados de noviços ou aspirantes<sup>119</sup> e passa por um período introdutório de três meses para conhecer os princípios do escotismo, onde deve cumprir quatro etapas. Na primeira etapa, denominada de **Fraternidade**, o aspirante aprende sobre a história do escotismo, a fazer a saudação, aprende o Lema, dar o aperto de mão escoteira, conhecendo o seu significado, aprende ainda, os sinais manuais e a estrutura de uma Tropa. Na segunda etapa, denominada de **Segurança**, o jovem aprende as regras de segurança em casa, na rua, na sede, em uma excursão, a fazer nós e amarras<sup>120</sup>; também é apresentado aos aspirantes o uniforme, distintivos e ensinado o manejo de faca e canivete, acessórios úteis em acampamentos. Já na etapa **Comunidade** o aspirante deve demonstrar que sabe cantar o hino nacional, hastear e arriar a bandeira nacional, conhecer o significado de economia e por fim, na etapa **Valores**, o aspirante precisa conhecer e interpretar a promessa e a Lei escoteira, assim, como os princípios de sua religião<sup>121</sup>.

Essas etapas devem ser, obrigatoriamente, cumpridas pelo aspirante. É uma iniciação ao escotismo, só após esse período o membro infanto-juvenil está apto a fazer a Promessa escoteira, onde aceita, voluntariamente, a seguir os princípios do escotismo:

---

<sup>119</sup> Atualmente não se usa mais o termo noviço ou aspirante.

<sup>120</sup> Baden-Powell (2006) argumenta que, os escoteiros devem aprender a fazer, nós e amarras, considerados essenciais para a vida no acampamento e também para o dia a dia. Ver alguns tipos de nós e amarras, no anexo 2.

<sup>121</sup> Jornal Correio Utyque Mopya-tá, I edição, outubro de 1993, p. 2. (jornal produzido pelo Grupo Baturité). Arquivo pessoal do Escotista Edmar Cícero de Melo.



**Figura 14: Cerimônia de promessa no GE do AR Santos Dumont. (Fonte: Arquivo do GE do Ar Santos Dumont).**

A promessa simboliza o momento do ingresso do jovem no escotismo, “é como se fosse uma certidão de nascimento para o Movimento Escoteiro”<sup>122</sup>. A cerimônia da promessa é realizada diante de todos os membros do Grupo, que se reúnem em um semicírculo, em forma de ferradura, no centro, a aspirante faz a sua promessa, se comprometendo a cumprir a Lei escoteira. Após proferir a promessa, a criança ganha seu distintivo de escoteiro e seu certificado de promessa<sup>123</sup>, enquanto os outros membros cantam a canção da promessa<sup>124</sup>. Desse modo, a promessa, o distintivo e o certificado se configuram em um tipo de recompensa, ou seja, se o aspirante for disciplinado, obediente e esforçado, ele terá direito a ascender à categoria de escoteiro. Não obstante, depois de “promessado”, o escoteiro tem que viver de acordo com os artigos da Lei escoteira:

I.O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que a sua própria vida; II. O escoteiro é leal; III. O escoteiro está sempre alerta para ajudar o

<sup>122</sup> Entrevista de Oscar Henrique de Andrade Neto, concedida à autora no dia 18/08/2013.

<sup>123</sup> Ver anexo 3.

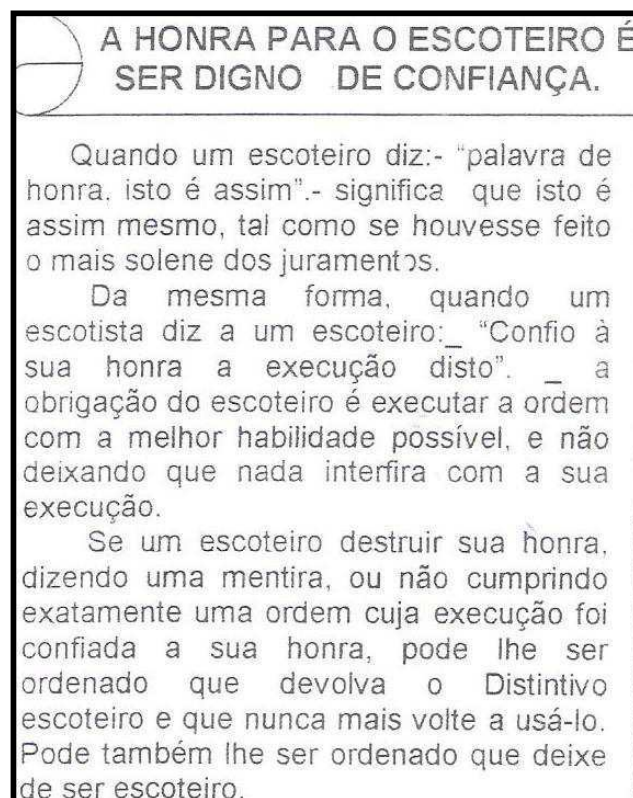
<sup>124</sup> A canção da Promessa exalta elementos como, a obediência, a fé e a pátria: Prometo neste dia seguir a Lei/ Sou teu escoteiro, senhor e rei/ Eu te amarei para sempre, cada vez mais/ Senhor minha Promessa protegerás/ Da fé eu sinto orgulho, quero viver tal como ensinaste até morrer/ Com a alma apaixonada servi-lo ei. A minha Pátria amada, fiel serei/ A promessa que um dia fiz junto a ti para toda a vida a prometi. (UEB, 2010, p. 48.).



próximo e pratica diariamente uma boa ação; IV. O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros; V. O escoteiro é cortês; VI. O escoteiro é bom para os animais e as plantas; VII. O escoteiro é obediente e disciplinado; VIII. O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades; IX. O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio; X. O escoteiro é limpo de corpo e alma (BADEN-POWELL, 2006, p. 24).

Baden-Powell (1986, p. 55), explica que, a Lei Escoteira não foi elaborada sobre uma base negativa, “ela foi imaginada para servir de guia às suas ações, mais do que de repressão às suas faltas. É simplesmente uma declaração do que se espera de um escoteiro.” Mas apesar de não ser proibitiva, a Lei Escoteira é um tipo de código de conduta, que tem a finalidade de regular e normatizar o comportamento dos jovens, isso fica nítido em todos os seus artigos. Não obstante, a palavra Lei já pressupõe algo que deve ser cumprido.

Na Lei escoteira estão expressos os valores morais que norteiam o Movimento Escoteiro, tais como honra, lealdade, presteza, integridade, cortesia, obediência e disciplina, amizade, respeito e proteção da natureza, integridade, dentre outros. A importância dos valores morais é evidenciada na citação abaixo:



**Figura 15: Texto sobre a honra escoteira, publicado no periódico Informe Escoteiro, produzido pelo GE Baturité.**



(Fonte: arquivo pessoal de Edmar Cícero de Melo)

O pequeno texto foi publicado no periódico **Informe Escoteiro**, produzido mensalmente, durante a década de 1990, pelo GE Baturité e distribuídos para os seus membros. Esses periódicos se constituíam em uma repetição de regras e normas, cujo objetivo era reafirmar o discurso escoteiro. A análise desses periódicos não só ajudam a traçar o funcionamento do GE Baturité nesse período, como também, nos apontam o caminho percorrido pelo Movimento Escoteiro, em Campina Grande, durante a década de 1990.

O texto evidencia a ênfase na honra do escoteiro, descrito como uma pessoa verdadeira, leal e digna de confiança. É possível perceber também uma ameaça velada, que advertia para uma possível punição, que seria aplicada, caso o escoteiro não cumprisse com os artigos estabelecidos, na Lei escoteira. Ou seja, se o escoteiro não agisse de acordo com o conjunto de valores morais, expressos, na Lei escoteira, ele não seria digno de ser chamado de escoteiro, pois não tinha absorvido o propósito e os princípios do escotismo, e sendo assim, poderia ser “expulso” do seu GE. Nesse sentido, devemos considerar que uma possível expulsão implicava em não poder ir para acampamentos, perder os vínculos afetivos com os seus pares, dentre outras coisas, desse modo, as crianças e jovens eram condicionados a obedecer as regras estabelecidas.

Os Grupos de Escoteiros investem em um disciplinamento contínuo de seus membros, a fim de moldá-los para o autodisciplinamento, entendido por Louro (1999), como um “investimento contínuo e autônomo do sujeito sobre si mesmo”. A esse respeito, a nossa entrevistada Maria de Fátima Morais, afirma:

A Lei do movimento escoteiro molda a vida da gente. Eu acho que molda em muitas coisas [...] eu me moldei no Movimento Escoteiro, eu hoje não tenho coragem de pegar e chupar um bombom e jogar o papel no chão. Às vezes eu abro a minha bolsa, e ela está cheia de lixo, de tanto papel que eu guardo nela para não jogar na rua. O Movimento Escoteiro molda as pessoas.<sup>125</sup>

O autodisciplinamento desenvolvido nos Grupos de Escoteiros leva a uma autovigilância, que condiciona os escoteiros a terem um comportamento adequado em qualquer lugar e em qualquer ocasião. Quanto mais disciplinado for o sujeito, mais dócil e útil para a sociedade ele será, conforme explicita Foucault (1987):

<sup>125</sup> Entrevista de Maria de Fátima Morais, concedida à autora, no dia 18/03/2013.

A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Os Grupos de Escoteiros fazem um investimento, no corpo do membro juvenil, que é adestrado, manipulado e moldado em um processo disciplinar que intenciona a produção de um corpo educado, capaz de viver de acordo com as normas sociais. Quanto antes começasse esse investimento melhor, por isso, a promessa e a Lei escoteira foram adaptadas por Baden-Powell, para que fossem compreensíveis para as crianças menores, na faixa etária dos 7 aos 10 anos, os chamados escoteiros lobinhos: “Prometo fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e minha pátria; obedecer à Lei do lobinho e fazer todos os dias uma boa ação.” (UEB, 2008, p. 9). Já a Lei escoteira foi reduzida para cinco artigos, contudo não perdeu o seu aspecto disciplinador. A Lei do lobinho tem os seguintes artigos: “I- O lobinho ouve sempre os velhos lobos; II- O lobinho pensa primeiro nos outros; III- O lobinho abre os olhos e os ouvidos; IV- O lobinho é limpo e está sempre alegre; V-O lobinho diz sempre a verdade” (UEB, 2008, P.10).

Assim, desde a mais tenra idade, o corpo, como também a mente e as emoções da criança são marcados pelo discurso disciplinador do Movimento Escoteiro. A disciplina é a palavra de ordem dos Grupos de Escoteiros aqui estudados. A organização em ramos, separando as crianças pela faixa etária, vem cumprir esse objetivo de facilitar a disciplinarização e normatização dos corpos:

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>RAMO</b>	<b>ÊNFASE EDUCATIVA</b>	<b>FUNDO MOTIVADOR</b>
7 a 10 anos	<b>RAMO LOBINHO</b>	Socialização	Livro da Jângal
11 a 14 anos	<b>RAMO ESCOTEIRO</b>	Autonomia	Aventura
15 a 17 anos	<b>RAMO SÊNIOR</b>	Identidade	Desafio
18 a 21 (incompletos)	<b>RAMO PIONEIRO</b>	Projeto de vida	Serviço

**Tabela 2: A organização em ramos do Movimento Escoteiro. (Fonte: UEB, 2007).**

O Movimento Escoteiro está organizado em ramos, que apesar de seguirem a mesma metodologia e o mesmo princípio, tem programas e atividades diferenciadas para se adequarem a cada faixa etária. Entretanto, constatamos que nos Grupos de Escoteiros da cidade de Campina Grande-PB, não existe o ramo Pioneiro, devido à escassez de membros dessa faixa etária. Ao completar 18 anos, os jovens passam a ter outros interesses, muitos deles começam a busca pelo primeiro emprego, também é o momento de ingressarem em um curso superior. Devemos considerar ainda, que no caso dos garotos, há o fator da obrigatoriedade do serviço militar, ou seja, esse é o momento que o jovem está ingressando na vida adulta, é a fase das expectativas, de escolhas e de assumir novas responsabilidades. Isso justifica a ausência de membros dessa faixa etária, nos Grupos de Escoteiros (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité).

Esses Grupos de Escoteiros até empreenderam alguns esforços, no sentido de criar um clã pioneiro<sup>126</sup>, mas não obtiveram êxito. A estratégia dos referidos Grupos era incentivar os membros do ramo Sênior, para que estes, ao completarem 18 anos, ingressassem no ramo Pioneiro, para que assim, pudessem atrair outros jovens da mesma faixa etária, entretanto, nesse período o ramo Sênior também apresentava um número reduzido de membros, conforme mostra o censo escoteiro do ano de 1991:

---

<sup>126</sup> O clã pioneiro é o nome dado à soma de patrulhas do Ramo Pioneiro.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL - CENSO ESCOTEIRO 1991, REGIÃO DA PARAÍBA												
Grupo	RAMO LOBINHO		RAMO ESCOTEIRO		RAMO SÊNIOR		RAMO PIONEIRO		TOTAL	CHEFE E ASSISTENTE		Total Geral
	M	F	M	F	M	F	M	F		M	F	
Almirante Barroso	14	0	34	0	17	0	0	0	65	17	6	88
5 de Novembro	8	0	8	5	12	0	0	0	33	9	6	48
Mascarenhas Morais	12	04	41	13	13	4	2	0	89	16	11	116
6 de Junho (S.I)	0	0	12	0	0	0	0	0	12	8	3	23
Bom Guerreiro	8	0	9	0	11	0	0	0	28	12	2	42
<b>Baturité</b>	6	0	18	0	11	0	0	0	35	15	8	58
Tenente Lucena	14	2	23	3	4	3	0	0	49	11	7	67
<b>General Sampaio</b>	11	0	31	27	13	7	0	0	89	10	15	114
Pedro V. Costa	04	4	15	0	2	0	0	0	25	6	5	36
Barão de Araruna	10	0	22	0	8	0	0	0	40	10	5	55
Padre Otaviano	20	0	25	0	13	0	0	0	58	12	11	81
Dragões do Mar	11	05	13	04	9	03	0	0	45	15	9	69
<b>Santos Dumont</b>	25	0	21	9	14	3	0	0	72	13	14	99
Total	143	15	272	61	127	20	02	0	640	154	102	896

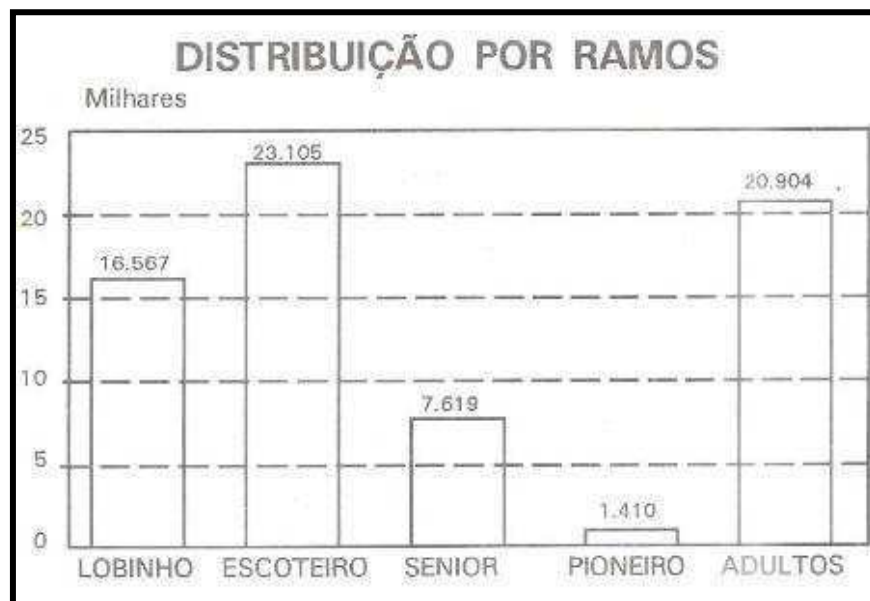
**Tabela 3: Dados do Censo Escoteiro de 1991 (fonte: Relatório Anual da UEB- Região da Paraíba)**

Os dados evidenciam que, nesse período, o GE General Sampaio congregava o maior número de membros, no ramo Sênior, totalizando um número de 20 participantes, o GE do Ar Santos Dumont registrava 17 membros, já o GE Baturité contava com apenas 11 membros, no referido ramo. O número reduzido de membros do ramo Sênior inviabilizava a tentativa da implantação do clã pioneiro. Com exceção do GE Mascarenhas Morais, que contava com dois membros pioneiros, os Grupos de Estado da Paraíba não tinham o ramo Pioneiro. Provavelmente, esses dois membros pioneiros, registrado no GE Mascarenhas Morais, eram escoteiros seniores que permaneceram, no Grupo, após completarem 17 anos.

Outra opção que se apresentava aos jovens que queriam permanecer, no Movimento Escoteiro, ao saírem do ramo Sênior, era participarem de cursos preparatórios, oferecidos pela UEB, para se tornarem escotistas (chefes de seção, assistentes, instrutores e auxiliares) ou dirigentes (diretorias, comissões fiscais ou

assembleias), citamos aqui, o exemplo de dois dos nossos entrevistados, que quando saíram do ramo Sênior optaram por permanecerem em seus respectivos Grupos, são eles, Edmar Cícero de Melo, que na época integrava o GE Baturité<sup>127</sup> e Sérgio Rodrigues Menezes de Freitas do GE Santos Dumont, ambos passaram por cursos preparatórios e até hoje são membros voluntários.

O censo escoteiro apresenta dados relevantes sobre o Movimento Escoteiro, no Estado paraibano, no ano de 1991. A análise desses dados nos possibilitou compreender algumas peculiaridades dos Grupos de Escoteiros da cidade de Campina Grande<sup>128</sup>. Devemos considerar ainda que, ao contrário do que ocorria, no ramo Pioneiro, o ramo Escoteiro é onde estava concentrado o maior número de membros, contudo essa não era uma peculiaridade do Movimento Escoteiro praticado, no Estado da Paraíba, conforme observamos no gráfico da figura 16:



**Figura 16: Distribuição de membros por Ramos no Escotismo.**  
(Fonte: Relatório da UEB, 1992, p.12).

<sup>127</sup> No início de 2013, Edmar Cícero de Melo saiu do Grupo de Escoteiros Baturité. Depois de 23 anos ininterruptos, devido a divergências de opiniões, Edmar optou por sair e ingressou no Grupo de Escoteiros General Sampaio.

<sup>128</sup> Constatamos que no ano de 1991, o Movimento Escoteiro, no Estado da Paraíba, tinha 896 membros filiados a UEB, distribuídos em treze Grupos de Escoteiros. Sendo que 272 desses membros estavam distribuídos nos Grupos de Escoteiros, General Sampaio, Santos Dumont e Baturité, localizados, na cidade de Campina Grande.

Outro aspecto que nos chamou a atenção, no censo, escoteiro da Paraíba do ano de 1991, foi a predominância de membros do sexo masculino. A ausência de meninas nos Grupos de Escoteiros do Estado da Paraíba, talvez decorra da associação arraigada, entre o Movimento Escoteiro e o militarismo, que existia nesse período e que ainda perdura até hoje<sup>129</sup>. Por está associada às Forças Armadas, fazia com que muitos pais achassem que as práticas escoteiras não serviam para as meninas. Os dados mostram que, no ano de 1991, os membros juvenis, do GE Baturité, eram todos do sexo masculino, entretanto, constatamos a presença do sexo feminino entre os membros adultos ou dirigentes. Provavelmente, essas mulheres eram mães de membros juvenis, que passaram a integrar o Grupo por causa dos filhos. A predominância do sexo masculino, não era peculiar ao Movimento Escoteiro campinense, isso, também ocorria em todo o país:

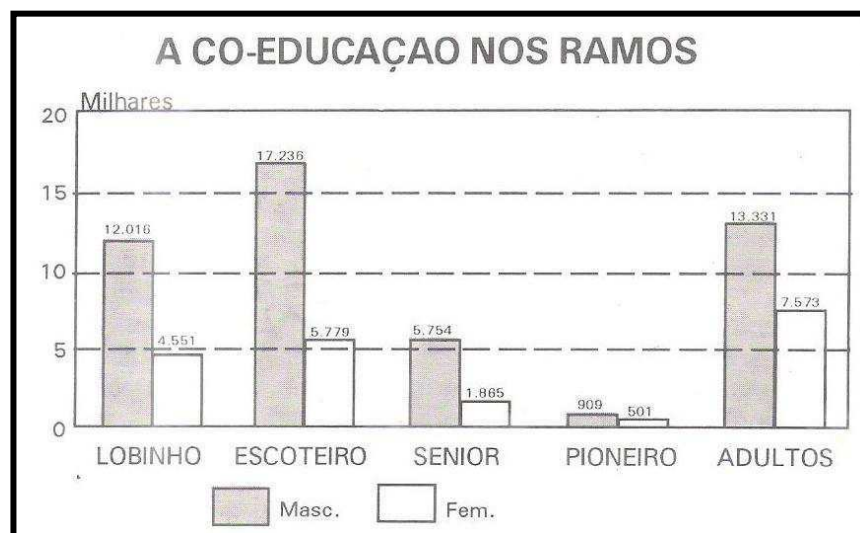


Figura 17: A coeducação nos ramos escoteiros (Fonte: UEB, 1992, p.13)

As discussões sobre a instituição das escolas mistas, no ensino escolarizado, durante as conferências mundiais de educação, na segunda metade da década de 1970, possibilitam pensar o Movimento Escoteiro como lugar de coeducação (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). A coeducação é definida pela UEB (2008) como sendo um processo, no qual meninos e meninas, rapazes e moças vivenciam um plano educacional para atingir um desenvolvimento harmônico da personalidade, favorecendo assim, à educação recíproca, onde estão presentes os princípios, o

<sup>129</sup> De acordo com a escotista, Janaína Maria da Costa Ferreira, atual Diretora-Presidente do GE Baturité, alguns pais ainda procuram o Grupo, achando que o Movimento Escoteiro é pré-requisito para as Forças Armadas. Entrevista concedida à autora no dia 24/08/2013.

propósito e o método de ensino escoteiro. Os dados do Relatório Anual da UEB, realizado, no ano de 1992, sugere que essa coeducação ainda estava começando a trilhar o seu caminho, visto que os Grupos de Escoteiros eram constituídos em sua grande maioria por pessoas do sexo masculino, tal como acontecia, no estado da Paraíba.

No Brasil, o processo de coeducação, no Movimento Escoteiro foi implantado entre os anos de 1979 e 1985, a partir de então, os Grupos de Escoteiros passariam, gradativamente, a admitir em seus espaços, lobinhas, escoteiras, guias e pioneiras<sup>130</sup> (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). Durante esse período, 16 Grupos de Escoteiros experimentais puseram em prática a coeducação, nos ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro. As dúvidas, sobre a viabilidade da coeducação no escotismo, foram esclarecidas, através das experiências desenvolvidas nesses Grupos<sup>131</sup>. Para um GE se transformar em um GE misto, era preciso optar por uma das alternativas:

A primeira seria as seções paralelas ou independentes, em que um Grupo Escoteiro com uma seção feminina realizaria atividades eventuais e progressivas com a Seção Masculina. A segunda, denominada seções integradas, agregaria meninos e meninas em uma mesma tropa, mas em patrulhas ou matilhas distintas por sexo. A terceira, chamada seções mistas seriam formadas por equipes mistas com equilíbrio numérico entre meninos e meninas, com Chefia Mista (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011, p.8).

Em Campina Grande, os Grupos de Escoteiros sempre foram mistos, mas inicialmente, predominou a primeira alternativa, ou seja, funcionavam nesses Grupos as chamadas seções paralelas, conforme relembra a nossa entrevistada Maria de Fátima Morais:

Naquela época, as atividades eram separadas. Não existia a tropa mista, depois é que apareceu. O Sampaio tinha duas tropas, uma masculina e

---

<sup>130</sup> Antes do processo de coeducação, as meninas só podiam integrar o Bandeirismo, Movimento destinado ao sexo feminino. O Movimento Bandeirante ou Movimento de Guias como foi denominado, na Inglaterra, surgiu devido ao interesse das meninas pelo escotismo. Baden-Powell com a ajuda de sua irmã Agnes Baden-Powell criou o Girl Guides (Meninas Guias), entretanto, coube a Agnes a incumbência de escrever o manual do Movimento. Posteriormente a esposa do fundador, Olave Baden-Powell, se junta a Agnes, no trabalho de consolidação do Movimento. É válido destacar que o Movimento Bandeirante compartilha dos mesmos princípios do escotismo, que tem como base a Promessa e a Lei elaborada por Baden-Powell. No Brasil, o Movimento Bandeirante foi fundado no ano de 1919, por iniciativa de Mário Cardim e Jerônima Mesquita (BOULANGER, 2011; BLOWER, 1994).

<sup>131</sup> As primeiras experiências de coeducação, no ramo Lobinho, ocorreram no ano de 1978 e foram oficializadas em 1982, já no ramo Escoteiro as experiências de coeducação foram iniciadas em 1980, no ramo Sênior a experiência com guias escoteiras ocorreram em 1981, quanto ao Ramo pioneiro as primeiras experiências ocorreram em 1968, sendo oficializada em 1979 (SANTOS; LESSA, SANTANA, 2011).

uma feminina, eu acho que a maior tropa feminina foi na época que eu fui escotista, eram 32 membros: quatro patrulhas de oito. Eu e minha assistente para organizar. Os escoteiros e as escoteiras só se encontravam no final da reunião.<sup>132</sup>

A mesma se refere ao final da década de 1980, período em que o GE General Sampaio tinha uma tropa composta somente por meninas. A tropa feminina e a tropa masculina não faziam a mesma atividade, as meninas e os meninos só se encontravam na cerimônia de abertura da reunião, quando todo o Grupo se reunia para o hasteamento da Bandeira, cantar o hino nacional e fazer uma oração, em seguida cada tropa se dirigia às suas atividades, voltando a se reunirem, no final da tarde, para o encerramento da reunião. A esse respeito, o escotista, Edmar Cícero de Melo, relembra:

A gente tinha patrulhas masculinas e femininas. Naquele tempo, existiam atividades para as meninas e atividades para os meninos. A gente nunca fazia atividade conjunta, só em acampamentos e algumas atividades especiais de sábado, sempre disputava meninos contra meninas [...] elas competiam por igual, não tinha aquela discriminação não, às vezes, as meninas ganhavam dos meninos, elas faziam rapel, escalada [...] quem cuidava da tropa feminina era uma chefe, ela sempre fazia aquelas atividades voltadas para o dia a dia de cada menina.<sup>133</sup>

As tropas femininas, preferivelmente, tinham que ser coordenadas por chefes mulheres, pois os dirigentes do escotismo consideravam que elas tinham a sutileza necessária para lidar com as garotas, que estavam vivendo as turbulências da pré-adolescência. As atividades entre meninos e meninas eram eventuais, a convivência entre eles, só aconteciam em acampamentos ou quando os chefes das patrulhas, masculina e feminina, decidiam fazer uma atividade conjunta, como por exemplo, um jogo que reunisse tanto os escoteiros quanto as escoteiras, para que as reuniões não ficassem repetitivas<sup>134</sup>. Entretanto, não era em todos os acampamentos que os meninos e as meninas realizavam atividades conjuntas, muitas vezes isso só acontecia nos acampamentos regionais (a exemplo do ELO), que envolviam todos os Grupos de Escoteiros da Paraíba.

Nesse sentido, o escotista Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, relembra que durante um bom tempo, no GE do Ar Santos Dumont, os acampamentos eram

---

<sup>133</sup> Entrevista de Edmar Cícero de Melo, concedida à autora, no dia 18/03/2013.

<sup>134</sup> Idem.



realizados, respeitando a separação entre os sexos. Deste modo, os acampamentos das patrulhas masculinas e femininas eram organizados em datas diferentes. Cabe ainda ressaltar que, nos acampamentos das patrulhas femininas, os chefes iam pernoitar no local, para fazerem rondas, assegurando assim, a tranquilidade do acampamento.

Quando eram realizados os chamados acampamentos de Grupo, tinha-se o cuidado de organizar jogos, brincadeiras que possibilitassem colocar meninos e meninas competindo em lados opostos, ou seja, mesmo que estivessem juntos, no mesmo acampamento, observa-se que ainda assim, havia certa separação entre os sexos:



**Figura 18: Acampamento do GE Baturité, na década de 1990.  
Fonte: Arquivo pessoal do chefe Oscar Henrique de A. Neto).**

Mas porque essa preocupação em separar meninos e meninas? Provavelmente, essa preocupação dos pais refletia uma preocupação comum nesse período, ou seja, a separação entre os sexos, masculino e feminino. Assim, os pais não achavam prudente deixarem suas filhas acamparem junto com os meninos, pois temiam que essa convivência estimulasse o namoro entre ambos. Outro ponto a considerar é que o escotismo, durante muito tempo, foi visto como uma atividade, tipicamente, masculina, talvez por isso, houve essa resistência inicial em juntar meninos e meninas, na mesma tropa. Muitas das meninas que integraram os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, principalmente, na década de 1980,

tinham irmão(s) que faziam parte desses Grupos, o que justifica em parte, o ingresso delas, no Movimento Escoteiro.

Parece-nos que a coeducação, nos Grupos de Escoteiros, era parcial e caracterizada por certa distinção entre os gêneros. Desta feita, observamos que as meninas ao mesmo tempo em que tinham o corpo disciplinado para que pudessem realizar atividades em acampamentos que lhes exigiam resistência física, elas também eram direcionadas a conquistarem especialidades que privilegiassem habilidades domésticas e artesanais, ou seja, “atividades voltadas para o dia a dia de cada menina”, conforme citou o escotista Edmar Cícero de Melo.

Essa divisão entre meninos e meninas, observadas nos ramos, Escoteiro e Sênior, não se estendia ao ramo Lobinho, onde as matilhas<sup>135</sup> eram mistas. Os chefes de seção do ramo Lobinho (Chamados de akelás) eram preterivelmente mulheres, devido à paciência e o instinto maternal que lhes são atribuídos. Mesmo quando os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, em meados da década de 1990, introduziram as tropas mistas, coube aos homens assumirem a liderança, já para as mulheres, pelo menos em um primeiro momento, foi imposta a função de assistente, denotando assim, a existência de um preconceito de gênero, no Movimento Escoteiro de Campina Grande.

Baden-Powell (1986) argumentava que a palavra chefe era apenas uma denominação, a posição do chefe escoteiro não deve ser a de um professor, mas sim a de um “irmão mais velho”, em quem o membro juvenil pudesse confiar e respeitar. Entretanto, na prática, o chefe escoteiro ocupa uma posição de poder hierárquico, uma figura de autoridade, que por vezes desperta até certo temor em alguns escoteiros, pelo menos é o que observamos, nos Grupos de Escoteiros de Campina Grande. Relembrando a experiência vivida durante a infância no GE do Ar Santos Dumont, o escotista Claudio Souza de Carvalho afirma:

Naquela época a gente encontrava chefes mais durões. Quando eu era do ramo Lobinho, eu tinha uma akelá (chefe dos lobinhos), que eu tinha medo dela. Eu gostava dela, amava, abraçava e tudo, mas eu tinha medo dela, eu sentia certo temor.<sup>136</sup>

<sup>135</sup> As matilhas são compostas por seis lobinhos. A soma de quatro matilhas forma a alcatéia, correspondente às tropas dos ramos: Escoteiro e Sênior.

<sup>136</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 15/06/2013.

Partindo da concepção de poder postulado por Foucault (1987), percebemos que o poder, no Movimento Escoteiro, não está centralizado na figura do chefe. As relações de poder se inscrevem, nas tramas da multiplicidade, nos micropoderes e não em um ponto específico.

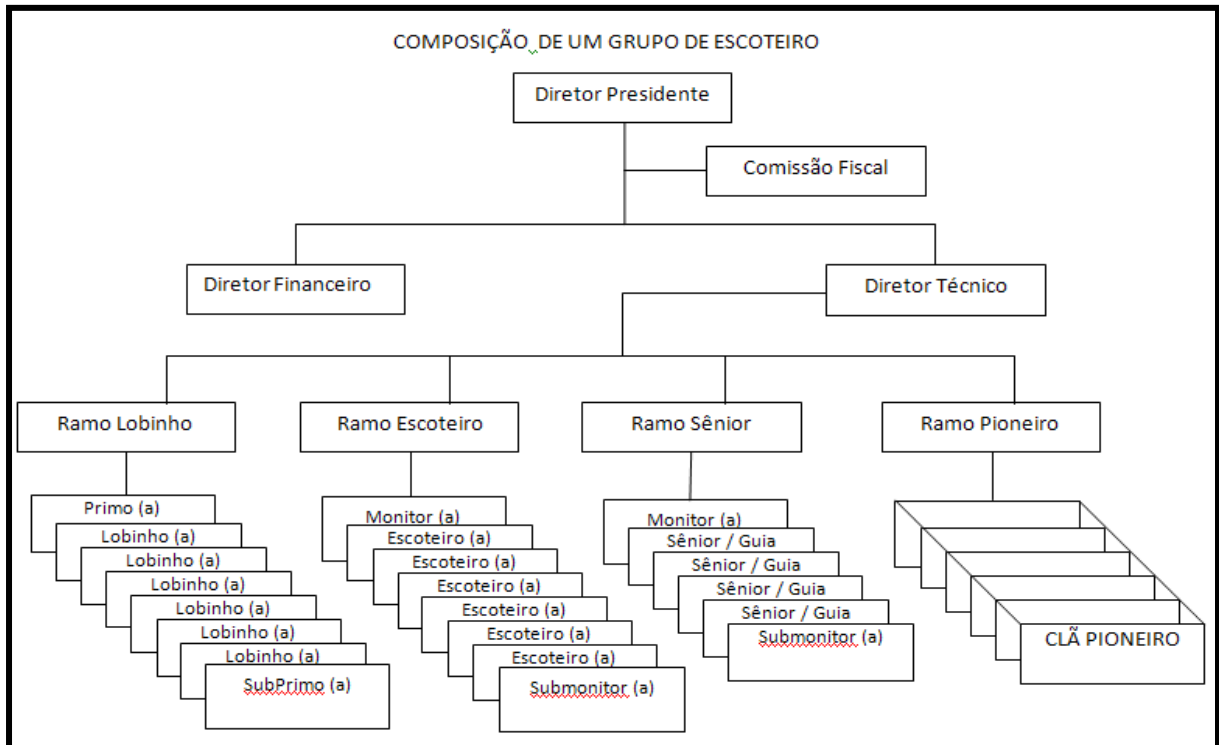


Figura 19: Composição de um Grupo de Escoteiros - Fluxograma elaborado pela autora.

Nos Grupos de Escoteiros, as relações de poder são observadas em todos os setores, haja vista que, do mesmo modo em que os escoteiros estavam submetidos à autoridade do chefe, eles também exerciam uma relação de autoridade com os próprios pares, um exemplo disso, é a figura do monitor e submonitor que lideram as patrulhas. No caso do chefe escoteiro, este também está submetido a outras instâncias e assim sucessivamente. Já o Diretor- Presidente também tem as suas decisões submetidas à comissão fiscal. Assim, o poder “nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, 2006, 183). Desse modo, os escoteiros circulam nas redes de poder, sendo que, ao mesmo tempo em que estão submetidos a esse poder, eles também têm condições de exercê-lo.

A circularidade do poder, também é evidenciada na **vida em equipe**, elemento

que compõe o Método Escoteiro. A vida em equipe é caracterizada pelo sistema de patrulha, que é considerada o sustentáculo do Movimento Escoteiro, uma vez que, ela se fundamenta na ideia de organização, na qual se baseia a pedagogia escoteira (BLOWER, 1994). “O sistema de patrulha é a formação de pequenos grupos permanentes, cada um sob a responsabilidade de um rapaz encarregado da chefia” (BADEN POWELL, 1908 apud PHILLIPPS, 2002). A esse respeito, o escotista, Edmar Cícero de Melo, asseverou:

Em cada seção, a gente tem um órgão que organiza e pune. No ramo Lobinho tem a roca do conselho<sup>137</sup>, onde eles resolvem qualquer dificuldade entre eles, no ramo Escoteiro e no ramo Sênior, tem a corte de honra<sup>138</sup>. Quando eu era do ramo Escoteiro, a nossa patrulha sempre se reunia, então, se tinha alguém que estava faltando com obediência tanto em casa como na sede, a corte de honra resolvia, tomava as providências antes de chegar aos ouvidos do responsável que era o chefe da seção.<sup>139</sup>

Apesar de o Movimento Escoteiro ser uma instituição marcada pela hierarquização, nota-se que o poder não está localizado em um ponto específico, dando assim, a possibilidade das relações de poder circular entre os membros do GE. A citação acima menciona a existência de um órgão dentro da seção ou ramo, formado pelos membros da patrulha ou matilha, que tem autonomia de tomar decisões e se for preciso “punir” o integrante que não agir de acordo com o que ficou estabelecido.

Cada patrulha é constituída de cinco a oito jovens, podendo ser masculina, feminina ou mista. A soma de quatro patrulhas forma uma tropa. As patrulhas são designadas por nomes de animais, estrelas ou constelações e são lideradas por um monitor e um submonitor, nomeados pelos próprios pares. Como monitor o jovem tem a capacidade de desenvolver a sua liderança, pois ele é uma espécie de líder, responsável pela administração, disciplina, treinamentos e atividades de sua patrulha. Sobre o sistema de patrulhas, Nascimento (2008, p. 55), asseverou:

[...] a patrulha não era um grupo que se organizava sem estabelecer objetivos e que apenas se destinava a cumprir ordens recebidas passivamente de superiores hierárquicos. Era uma unidade social compacta, na qual o próprio jovem adquiria as suas ideias iniciais acerca do que era trabalhar em grupo, solidariamente, satisfazendo-se ao executar uma tarefa, compartilhando o sucesso e as frustrações de todos.

---

<sup>137</sup> É a reunião onde os lobinhos tomam decisões referentes a sua patrulha.

<sup>138</sup> Reunião onde são tratados assuntos do interesse da patrulha escoteira ou sênior.

<sup>139</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/03/2013.

O sistema de patrulha é comum a todos os ramos do Movimento Escoteiro, mudando apenas as denominações<sup>140</sup>. Esse tipo de organização se aproxima daquilo que Foucault (1987) denominou de arte das distribuições, ou seja, a arte de distribuir os indivíduos em um determinado espaço através da utilização de diversas técnicas, a fim de colocar cada indivíduo em seu lugar, e em cada lugar um indivíduo:

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 1987, p. 122-3).

Os monitores ou primos realizam um trabalho de orientação, gozando de inteira liberdade para executar tarefas na sua patrulha ou matilha. As patrulhas são distribuídas em filas, onde cada membro escoteiro ocupa um lugar, o primeiro lugar da fila é ocupado pelo membro juvenil que exerce o cargo de monitor ou primo, já o último lugar da fila é ocupado pelo submonitor ou pelo subprimo, desse modo, os outros escoteiros ficam sob uma vigilância que é exercida pela liderança da patrulha ou da matilha. Em outras palavras nesse sistema hierárquico, todos se vigiam e se policiam, a educação é caracterizada pelo controle, pela disciplina e pela vigilância:

---

<sup>140</sup> No ramo Escoteiro e Sênior, as patrulhas formam respectivamente, a tropa escoteira e tropa sênior, já no ramo Pioneiro, as patrulhas formam o clã pioneiro, já no ramo Lobinho, as crianças na faixa etária, dos 7 aos 10 anos, também se reúnem em matilhas, lideradas por primos e subprimos, a soma das matilhas é chamada de alcatéia.



**Figura 20: Atividade realizada em comemoração aos 10 anos de fundação do GE do Ar Santos, em frente do Casa de Show Spazzio. (Fonte: Arquivo do GE do Ar Santos Dumont).**

Ao observarmos os escoteiros, temos a impressão que estamos diante de um contingente militar, visto que eles estão uniformizados e em “posição de firme”, o equivalente a “posição de sentido” dos militares. Ao distribuírem escoteiros em filas, organizados por patrulhas, cada uma sob as lideranças de um monitor e de um submonitor, os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, tornavam viável o controle de cada escoteiro e facilitava o trabalho em conjunto. Essa forma de distribuição define os espaços, facilita a vigilância e ainda interrompe as conversas paralelas, que podem interferir, no andamento da programação estabelecida. Assim, o sujeito passa a ser definido pelo espaço que ocupa e pela distância que o afasta dos demais:

A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, um intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 1987, p. 125).

Partindo da ótica foucaultiana, entendemos que a patrulha forma uma unidade, por meio da qual os escoteiros se distribuem, circulando em uma rede de relações. Como já foi citada anteriormente, a patrulha é constituída por cinco ou oito membros, que se distribuem em lugares específicos, como por exemplo, monitor, submonitor,



tesoureiro, almoxarife, escriba, etc.<sup>141</sup>, trabalhando em conjunto para o bom funcionamento da patrulha, essencial para que a mesma obtenha êxito, durante os acampamentos:



**Figura 21: Acampamento do GE do Ar realizado, em Jenipapo, no ano de 1988. (Fonte: Arquivo do GE do Ar Santos Dumont).**

A imagem registra um acampamento de patrulhas, realizado, no ano de 1988, em um ambiente campesino, localizado em Jenipapo<sup>142</sup>. Observamos uma patrulha, fazendo uma refeição, provavelmente, o almoço, que os próprios escoteiros cozinharam, já que, sobretudo, durante os acampamentos, a patrulha tinha que ser autossuficiente, preparando a própria alimentação, preparando o subcampo<sup>143</sup>, armando as barracas, dentre outras coisas. Observamos ainda o fim com que a estrutura do acampamento era pensada para que os escoteiros aprendessem a lidar com os seus limites físicos e emocionais, já que não oferecia o mínimo conforto. Os escoteiros tinham que se sentar no chão, ao sol quente, para puderem fazer as refeições e dormirem em barracas feitas de lonas, no chão de terra batida.

<sup>141</sup> Livro de Ata dos Conselhos de Patrulhas do GE do Ar Santos Dumont.

<sup>142</sup> Distrito localizado entre os municípios de Puxinanã e Lagoa Seca, na Paraíba.

<sup>143</sup> O subcampo é o espaço destinado para cada patrulha durante os acampamentos. Cerca-se o espaço com uma corda, onde são montadas as barracas, organizado o porta lenha, a qual será utilizada para fazer o fogo que cozinhará os alimentos, montada a cozinha, dentre outras coisas, é como se fosse “a casa” da patrulha. Os escoteiros utilizam a pioneria (construção feita com bambus ou madeiras amarradas com cabos ou sisal) para facilitar a vida no acampamento. Assim, constroem mesa, pontes, dentre outras coisas. Ver anexo 4.

Para Baden-Powell (1986), a convivência em pequenos grupos, compostos por indivíduos da mesma faixa etária, com objetivos em comuns, estimula o processo de sociabilização e a capacidade para a cooperação e liderança. Mas será que isso funcionava, na prática? Sobre a experiência do sistema de patrulha, o escotista, Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, comenta:

Eu era uma pessoa muito tímida. Para falar era uma negação, dificilmente eu fazia amigos e com o trabalho do Movimento Escoteiro, aonde você começa a trabalhar dentro do sistema de patrulha, convivendo com pessoas da mesma faixa etária de idade da sua, porém com pensamentos diferentes, cada um com características diferentes, então você começa a analisar situações aonde você tem que respeitar a opinião alheia, a respeitar diferenças [...] em algumas situações você vai ter que ir apresentar relatório, então você perde a inibição. Hoje eu consigo me expressar sem nenhum problema, falo em publico, não tenho preocupação nenhuma.<sup>144</sup>

De acordo com o nosso entrevistado, a convivência em patrulha lhe deu autoconfiança para superar a sua timidez, haja vista, que ele teve que lidar com situações adversas. Não obstante, o sistema de patrulha pode ser visto como uma preparação para a vida adulta em sociedade, haja vista, que o escoteiro tem que respeitar a opinião dos outros escoteiros da patrulha, ainda que não concorde com ela e cumprir com os seus deveres. Coadunando com essa ideia, o escotista, Harrison de Souza Farias, afirma:

[...] todo tempo sempre vinha o que eu via no Movimento Escoteiro: a questão da disciplina, horário, comportamento, honestidade [...] hoje eu trabalho em um escritório de contabilidade, a equipe é grande, média de doze pessoas e há conflitos, há o preguiçoso, há o que não tem coragem, há o chateado, mas sempre a gente vê aquele sistema de patrulha, que é o que acontecia naquele tempo e acontece naturalmente na escola, no curso, em uma especialização, sempre tem o preguiçoso, o que trabalha e o que vai atrás da equipe, e o que não vai; o que diz que está doente e não está. Então o que acontece no Movimento Escoteiro, acontece com os adultos.<sup>145</sup>

Parece-nos que os objetivos pretendidos por Baden-Powell, no sistema de patrulha, eram alcançados, pelo menos é o que sugere as falas dos escotistas Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas e Harrison de Souza Farias, ambos afirmam que a experiência vivida no sistema de patrulha foi relevante para adquirirem autoconfiança e autonomia, características que eles consideram fundamentais para adquirirem as qualidades desejadas e conseqüentemente o desenvolvimento pessoal.

<sup>144</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>145</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 16/03/2013.



O **desenvolvimento pessoal** é um dos elementos pretendidos pelo Método Escoteiro. Buscando estimular o desenvolvimento dos seus membros juvenis, os Grupos de Escoteiros organizam **atividades progressivas**, que levam em consideração os objetivos que são pretendidos. De acordo com a UEB (2005), as atividades e jogos escoteiros se caracterizam por serem atraentes e variáveis, os mesmos são realizados ao ar livre em contato direto com a natureza, e estimulam o jovem a enfrentar desafios e a superar seus limites. No escotismo, os jogos não são apenas lazer e diversão, eles são planejados com uma finalidade de desenvolver a saúde, o vigor e o aprimoramento do caráter (BADEN-POWELL, 2006), dito de outro modo, os jogos são pensados para o disciplinamento, não só do corpo, mas também das emoções. A fala do escotista Oscar Henrique de Andrade Neto vem corroborar com essa afirmação:

Todo jogo tem uma finalidade, toda atividade recreativa dentro do Grupo de Escoteiros, tem um por que, um final a ser atingido. Por exemplo, eu preciso realizar uma atividade que leve em consideração o caráter, o físico e o intelectual [...], então, eu coloco uma pelada, um jogo de futebol, assim, eu atinjo o caráter, pois verifico se ele vai ser companheiro dos demais colegas, se não vai trapacear em uma bola, ou seja, fazer um gol de mão ou derrubar um colega. Atinjo o intelectual, pois ele vai montar uma estratégia para driblar e chegar para fazer o gol. Atinjo o físico, pois estou vendo a coordenação motora dele. Eu quero fazer um jogo para alguns meninos da minha tropa que são muito retraídos, são tímidos demais, então, vou fazer uma peça de teatro.<sup>146</sup>

Os jogos são pensados para que as crianças e jovens sejam estimulados a lidar com alegrias e frustrações, a entender o significado de cooperação e a respeitar regras, por isso, é que os jogos são organizados de maneira que envolva todos os escoteiros e também para que sejam agradáveis, para que dessa forma, possa-se alcançar os objetivos pretendidos:

Estes jogos tem que ser atraentes e devem despertar o espírito de competição, pois é através deles que incutimos as noções de coragem, respeito às regras do jogo, disciplina, autodomínio, vivacidade, fortaleza de ânimo, liderança e auto-sacrifício em benefício da vitória de sua equipe, no jogo (BADEN-POWELL, 2006, p.67).

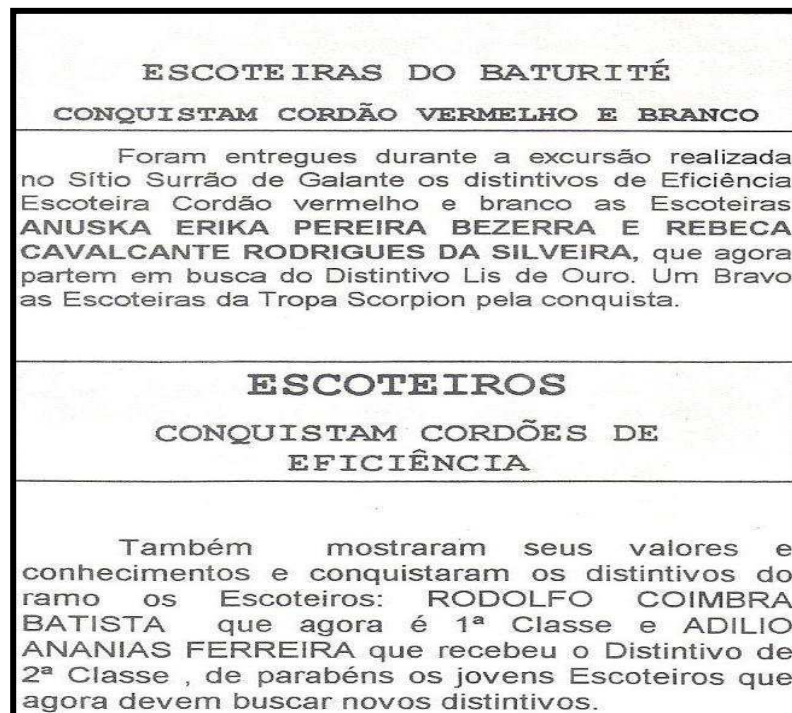
É válido ressaltar que, os jogos também geram competições que são estimuladas por recompensas, como por exemplo, os vencedores das competições que ocorriam nos acampamentos eram premiados com bandeirolas, o que se configura em um tipo de recompensa.

---

<sup>146</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/08/2013.

Antes de serem realizados com as crianças e jovens, as atividades e os jogos são testados pelos chefes de seção, para verificar os eventuais fatores de risco e certificar-se que os jogos são seguros. Os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, também incentivam o jovem a conquistar especialidades. De acordo com a definição do Minidicionário da Língua Portuguesa<sup>147</sup>, especialidade é trabalho, profissão ou ramo de atividade. Mas com que sentido essa palavra é utilizada dentro dos Grupos de Escoteiros? De acordo com a definição da UEB (2008, p. 7) “especialidade é um conhecimento ou uma habilidade particular que se possui sobre um determinado tema”. O programa de especialidades é estimulado por um sistema de distintivos e certificados<sup>148</sup>.

Nesse sentido, as especialidades podem ser vistas como uma forma de classificação e individualização do membro escoteiro, haja vista, que elas hierarquizam as competências e aptidões, diferenciando os membros, que passam a exibir em seus uniformes de forma quantificáveis as suas “habilidades”, “capacidades” e o seu nível de progressão:



**Figura 22: Informe Escoteiro, Mai/Jul, 1997. (Fonte: Arquivo pessoal de Edmar C. de Melo).**

<sup>147</sup> Melhoramentos Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997, p.203.

<sup>148</sup> Ver anexo 5.

A notícia, acima, exalta as escoteiras Anuska Erika Pereira Bezerra e Rebeca Cavalcante Rodrigues da Silveira, assim também, como os escoteiros, Rodolfo Coimbra Batista e Adilio Ananias Ferreira, por terem recebidos seus distintivos, todos escoteiros do GE Baturité. Percebemos também que os distintivos foram entregues, durante a realização de uma excursão, realizada na cidade de Galante, em um momento em que todo o Grupo estava reunido, para servir como um incentivo para os demais membros juvenis. Nesse sentido, as especialidades se aproximam dos pressupostos teóricos de Foucault (1987, p.154), sobretudo, o que ele denominou de “exame”, o qual “combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza”.

O exame é um dispositivo que controla, normatiza e vigia, permitindo posteriormente a qualificação, classificação e punição. Segundo Foucault (1987), o exame situa os indivíduos em uma rede de anotações escritas que os captam e os fixam. Nos Grupos de Escoteiros de Campina Grande, todo o sistema de progressão dos membros juvenis é anotado de forma detalhada e minuciosa, mapeando e registrando aspectos da “vida escoteira” desses membros, ou seja, todas as atividades, especialidades, acampamentos etc., colocando assim, o escoteiro em uma rede de registros escritos e de acumulação documentária:

(\*) Última anotação: 14/12/93 Registro na U.E.B. nº 04.700 em 19.89

Nome: Abraão Leal Farias

Residência: Rod. da Costa Lima, 138, Catolé Fone: 321-3814


Nascido em: 26.10.71 19. El. Natural de Capangá Grande Religião: Catolico

Pai: Nilson Lima de Farias Prof. Mecânico Fone: 321-3814

Mãe: Tarciana Leal Farias Prof. secretária Fone: 321-3814

Série Escolar: 1º grau Turno Tarde Instituição: Particular

Profissão: estudante Trabalha em: \_\_\_\_\_ Cargo: \_\_\_\_\_



**UNIAO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL**

REGIÃO PB DISTRITO Capangá Grande

Grupo 1ºes de Sr. Santos Dumont

**PEDIDO DE INSCRIÇÃO**

Solicitamos nossa inscrição como Sócios Colaboradores da União dos Escoteiros do Brasil, assumindo participar regularmente do Conselho de Grupo, do Conselho de País de Seção e atividades para País e Filhos no Grupo Escoteiro, buscar um contato frequente com os Escoteiros e cooperar com os órgãos do Escotismo, dentro de nossas possibilidades, pedindo o registro de meu (minha)  filho(a) ou  tutelado(a), identificando nesta ficha como Sócio Efetivo da UEB. Comprometemo-nos de apoiá-lo e ajudá-lo no cumprimento de seus deveres e obrigações como membro do Movimento Escoteiro e autorizamos, de um modo geral, seu comparecimento a todas as atividades escoteiras, excursões, acampamentos e acontecimentos.

Capangá Grande, 24 de junho de 1989

Nelson Lima de Farias assinatura da Mãe

Nelson Lima assinatura do Pai ou Resp.

DE ACORDO:

Nelson Lima de Farias assinatura do candidato

Ramo	Grupo	Inscrição	Dedicação	Classe	Data	Especialidade	Mês	Ano
	<u>1ºes de Sr. Santos Dumont</u>	<u>04.06.88</u>	<u>20.06.93</u>	<u>Pata-temal Prom.</u>	<u>10.11.88</u>	<u>Leitor</u>	<u>07</u>	<u>89</u>
	<u>Escoteiros S. Dumont</u>	<u>13.06.93</u>		<u>Lab. 1ª Estrela</u>	<u>17.06.89</u>	<u>Alfeta</u>	<u>07</u>	<u>89</u>
				<u>Lab. 2ª Estrela</u>	<u>26.08.89</u>	<u>Gerente</u>	<u>08</u>	<u>89</u>
				<u>Cruzeiro do Sul</u>	<u>15.02.91</u>	<u>Cachista</u>	<u>10</u>	<u>89</u>
				<u>Novicia Promessa</u>	<u>13.06.93</u>	<u>Qua. Matéria</u>	<u>04</u>	<u>90</u>
				<u>Esc. 2ª Classe</u>		<u>Pedagoga</u>	<u>05</u>	<u>90</u>
				<u>Esc. 1ª Classe</u>		<u>Preparadora</u>	<u>05</u>	<u>90</u>
				<u>Lis de Duro</u>		<u>Assessora</u>	<u>11</u>	<u>91</u>
				<u>Sênior Investido</u>				
				<u>Eficiência I</u>				
				<u>Eficiência II</u>				
				<u>Insignia Modalid.</u>				
				<u>Esc. da Pátria</u>				
				<u>Escudeiro</u>				
				<u>Plo Investido</u>				
				<u>Insignia B.P.</u>				
				<u>Verde Amarelo</u>				
				<u>Verm. Branco</u>				
				<u>Dourado</u>				

ADCF. TRAMENTO

Novo Modelo 120 (para membro juvenil) (\*) OS ITENS EM NEGRITO DEVERÃO SER PREENCHIDOS A LÁPIS

Figura 23: Ficha 120 (Frente). (Fonte: Arquivo grupo de escoteiros Santos Dumont).

VIDA ESCOTEIRA		CONTINUAÇÃO DA VIDA ESCOTEIRA	
Date	Trabalho Atividade, Edição, Múica e Funções	Date	
04 06 88	Membro da Malícia	01 09 92	Desfile C. Grande
01 11 88	Recessão	04 09 92	Conção de Escoteiros
26 04 89	Brasão Foz. Lucas (Goiás)	18 08 92	Acomodamento de T.P.P. (2M)
21 05 89	Laboratório (Foz. Lucas)	04 09 92	Trabalho com comunidade (T.P.P.)
10 06 89	Boia de Anelão (Foz. Lucas)	03 10 92	Trabalho comunitário - reunião - escoteiros
07 09 89	Dezênis Semana da Fé (Foz)	09 12 92	J.V. A.P.P. (3M)
17 04 89	Paradeiro Foz. Lucas - Foz. Lucas	18 10 92	CAMPANHA (Foz. Lucas) - Foz. Lucas
28 10 89	Montagem de Mural - Foz. Lucas	04 11 92	Vº Aniversário Santos Dumont (1M)
10 12 89	Apresentação Foz. Lucas - Foz. Lucas	14 12 92	acomodamento - Foz. Lucas (2M)
01 04 90	Atividade Semana Escoteira	21 03 93	CAMPANHA Foz. Lucas
08 05 90	Brasão - Braganças	04 04 93	escoteiros (Foz. Lucas)
20 05 90	Brasão - Foz. Lucas	04 04 93	Brasão de Foz. Lucas (Foz. Lucas)
16 06 90	Brasão - Foz. Lucas	05 04 93	acomodamento (Foz. Lucas) (2M) (CONCEIÇÃO)
09 07 90	Brasão - Foz. Lucas	19 04 93	Brasão (Foz. Lucas)
07 09 90	Brasão - Foz. Lucas	19 04 93	acomodamento de Foz. Lucas
03 10 90	Brasão Regional - Foz. Lucas	01 10 93	BRASÃO de Foz. Lucas (Foz. Lucas)
19 10 90	Brasão - Foz. Lucas		
05 04 91	Brasão - Foz. Lucas		
18 05 91	Brasão - Foz. Lucas		
03 08 91	Brasão - Foz. Lucas		
09 09 91	Brasão - Foz. Lucas		
21 09 91	Brasão - Foz. Lucas		
14 11 91	Brasão - Foz. Lucas		
15 12 91	Brasão - Foz. Lucas		
15 13 91	Brasão - Foz. Lucas		

RECOMENDA-SE QUE UMA CÓPIA DESTA FICHA FIQUE EM POSE DO PRÓPRIO MEMBRO JUVENIL

Figura 24: Ficha 120 (Verso). (Fonte: Arquivo grupo de escoteiros Santos Dumont).

A ficha do membro juvenil, a chamada ficha 120, é uma ficha individual, onde são registradas todas as informações concernentes à sua trajetória dentro do Grupo de Escoteiros em que ele está inserido. O membro adulto, também tem as suas atividades registradas, na chamada ficha 121. Parece-nos que o objetivo dessas fichas também consiste em um possível controle da vida pessoal dos membros escoteiros, uma vez que, nelas constam informações como endereço, grau de escolaridade, instituição onde estuda, nome e profissões dos pais.

### **2.3- Acampamentos: vigilância e diversão**

Baden-Powell (2006) assevera que, a principal atração do escotismo reside no contato com a natureza, na vida ao ar livre e nas habilidades manuais. Acampar se constitui no ponto alto do escotismo, e uma ótima oportunidade para ensinar aos jovens a confiança em si, o espírito de iniciativa além do quê, essa prática ainda fortalece a saúde:

O escotismo oferece ao jovem a oportunidade de tomar a sua mochila, o seu equipamento de campismo, e como uma dessas figuras dos sertões, lançar-se à aventura. Ele seguirá pegadas, acompanhará sinais de pistas, praticará sinalização, acenderá seu próprio fogo, armará a sua tenda e cozinhará sua “bóia”. Ele fará por si só muitas coisas no campo e dará “uma mão” em muitos trabalhos de pioneirismo [...] Sua companhia será a sua própria “turma” conduzida pelo seu próprio líder. Ele pode ser um dos da “turma”, mas terá a sua própria personalidade [...] o ar livre é, por excelência a escola de observação e compreensão das maravilhas deste grandioso universo. Ele revela aos jovens das cidades esse mundo de estrelas. Ele abre o espírito, habituando-nos a apreciar a beleza que está diariamente diante dos nossos olhos e que não vemos. Ele revela aos jovens das cidades esse mundo de estrelas que se escondem atrás dos arranha-céus e que as luzes da cidade e a fumaça das fábricas não permitem admirar (BADEN-POWELL, 2006, p. 35).

Em Campina Grande, nas décadas de 1980-1990, os Grupos de Escoteiros, General Sampaio, Santos Dumont e Baturité, apesar de toda a disciplina que os perpassavam, eram vistos pelas crianças e jovens, como possibilidade de lazer, visto que naquele período, o acesso aos meios de diversão era restrito. Constatamos que nesse período, foram organizados diversos acampamentos e excursões, no Estado da Paraíba. Nesse sentido, citamos o exemplo de duas excursões que foram organizadas pelo GE Santos Dumont: uma para a cidade do Recife e outra para a cidade de Parnamirim, no Estado do Rio Grande do Norte:





**Figura 25: Lobinhos do GE Santos Dumont, no ponto turístico “o maior Cajueiro do mundo”, na década de 1990. (Fonte: Arquivo do GE Santos Dumont).**



**Figura 26: GE Santos Dumont em excursão, na cidade do Recife, no ano de 1994. (Fonte: Arquivo do Ge Santos Dumont).**

As excursões e acampamentos se constituíam em momentos de lazer, em uma oportunidade de conhecer cidades e lugares, que talvez, se não fosse o escotismo, alguns dos escoteiros não teriam a oportunidade de conhecerem, a exemplo, da excursão para Parnamirim, onde os lobinhos conheceram o ponto turístico “o maior

cajueiro do mundo”<sup>149</sup>, assim também, como a excursão para Recife, onde os escoteiros tiveram a oportunidade de conhecer alguns pontos turísticos e um pouco de história da cidade. Entendemos que as excursões e acampamentos funcionavam como um tipo de recompensa para disciplina imposta.

Os acampamentos faziam parte do cotidiano escoteiro e ocorriam com frequência, podendo ser realizados entre os membros do próprio Grupo de Escoteiros, os chamados “acampamentos de Grupo”:

Foi realizado nos dias 25 e 26 de setembro no sítio Surrão de Galante o 1º acampamento misto, com as tropas de escoteiros e escoteiras do Grupo Baturité, foram dois dias de atividades bem desenvolvidas com a participação das Patrulhas Águia, Cisne, Surucucu, Jararaca, Cascavel e Sucuri. Ao final das atividades a Patrulha Sucuri conquistou a bandeirola de eficiência. A Patrulha Jararaca foi a segunda colocada e a Patrulha Águia ficou com o 3º lugar. Todas as Patrulhas receberam bandeirola de participação.<sup>150</sup>

Os acampamentos de Grupo podiam envolver todos os membros do Grupo: lobinhos, escoteiros e seniores, ou podiam ser restritos a um determinado ramo, conforme o exemplo, citado acima. Esses acampamentos eram organizados de forma que, envolvesse uma intensa atividade física para que, fortalecesse o espírito de equipe, liderança, democracia, e disciplinasse as emoções, uma vez que, durante os acampamentos, as crianças e jovens tinham que lidar com os sentimentos de vitória e também de derrota estimulados pela competição.

Os acampamentos também eram realizados em conjunto com os outros Grupos de Escoteiros do Estado da Paraíba. Esse tipo de acampamento envolvia todos os ramos, ocorrendo de dois em dois anos sendo denominado de ELO Nacional, seguindo esse mesmo formato regional, eram organizados: o ARELO (Acampamento Regional de Escoteiros Lobinhos), que reúne apenas os lobinhos, o ARPE (Acampamento Regional de Patrulhas Escoteiras) para os escoteiros e a Aventura Sênior Regional, que posteriormente, foi denominada de GAS (Grande Aventura Sênior), destinados aos seniores, todos realizados anualmente. Esses acampamentos regionais eram muito aguardados pelos membros escoteiros, haja

<sup>149</sup> O maior cajueiro do mundo, conhecido também como o cajueiro de Pirangi é uma árvore gigante localizada na praia de Pirangi do Norte, no município de Parnamirim, a 12 km ao sul de Natal-RN. Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Maior\\_cajueiro\\_do\\_mundo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maior_cajueiro_do_mundo)> Acesso em: 05/01/2014.

<sup>150</sup> Sítio Surrão de Galante sedia 1º acampamento misto escoteiro do GE Baturité. Correio UYTYQUE Mopyatá, I Ed, Outubro de 1993, p. 3.



vista, que esses eventos se constituíam em uma oportunidade de viverem novas aventuras, experiências e encontrar seus pares. A esse respeito, o escotista, Oscar Henrique de Andrade Neto, relembra:

Tinha muitos acampamentos, naquela época era mais fácil a gente sair para acampar, era menos perigoso, já que não tinha tanta criminalidade como hoje em dia, mas, mesmo assim, quando a gente saía era de praxe para todos nós fazermos os seguintes procedimentos: uma correspondência para os pais marcando uma reunião para passar informes do acampamento. Aí os pais vinham à gente falava o que ia ter, onde era o acampamento, quem ia e etc., na outra semana, a gente mandava, uma carta de autorização para que os pais assinassem, porque só podia ir para o acampamento quem entregasse essa autorização na mão do chefe.<sup>151</sup>

Nessa perspectiva, o escotista Edmar Cícero de Melo relembra que, passou dois anos no GE Baturité, só fazendo as atividades de sede, porque como a sua mãe não queria que ele participasse do Movimento Escoteiro, ele ia escondido e por isso, não podia acampar, já que não entregava a autorização exigida pelos chefes:

[...] mãe não gostava do Movimento, porque era muito caro e também porque ela tinha aquele receio de soltar o filho para ir para uma atividade, não tinha confiança, não conhecia o Movimento [...] eu saía nos sábados, levava escondido o meu uniforme para casa do monitor, dizia para mãe que ia jogar bola e ia para o GE. Até hoje eu não sei o que é uma bola (risos), eu passei dois anos fazendo só as atividades de sede. Entrei no grupo em 1990 e só em 1992 foi que comecei acampar, foram dois anos sem ter nenhum tipo de atividade extrassedo: nem de grupo, nem de patrulha, nem regional, nem nacional.<sup>152</sup>

Quando o nosso entrevistado cita que o escotismo era um Movimento caro, provavelmente, ele está se referindo aos gastos que o escotismo demandava, uma vez que, era obrigatório o uso do uniforme, o qual tinha que ser adquirido pelo próprio escoteiro, além disso, tinha as mensalidades e as despesas com acampamentos (alimentação, material individual), custos, que alguns pais não tinham condições de arcar.

Quanto à ficha de autorização que os Grupos de Escoteiros encaminhavam aos pais, esta tinha que constar o local, o horário de saída e de chegada do acampamento. Como os membros juvenis eram menores, fazia-se necessário a entrega da ficha de autorização devidamente assinada pelos pais ou responsável, para que o membro juvenil pudesse acampar.

<sup>151</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/08/2013.

<sup>152</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/03/2013.

Nota-se que havia uma preparação prévia para que tudo saísse conforme o planejado. Desta feita, umas duas semanas ou até mesmo um mês antes do acampamento, os chefes iam visitar o local para ver as condições do mesmo. Outra medida de segurança adotada era avisar com antecedência à Polícia Civil e à Polícia Militar, sobre o local e a data em que ia ser realizado o acampamento:

A gente comunicava sempre por ofício, a Polícia Civil, a Polícia Militar e também a polícia da cidade que a gente ia acampar. Sempre a gente deixava tudo bem comunicado, só podia sair para acampamento ou para bivaque<sup>153</sup>, se os pais soubessem e se tivesse comunicado à Polícia Militar e à Polícia civil. A praxe era essa, são regras de segurança.<sup>154</sup>

Tudo era pensado com antecedência para que nada saísse do controle, um ponto primordial, era a segurança, por isso, antes de acampar fazia-se necessário informar à Segurança Pública o local do acampamento e quantos escoteiros iam participar. Em algumas ocasiões, os escoteiros tinham que ir caminhando até o local do acampamento, como por exemplo, no acampamento de confraternização do GE do Ar Santos Dumont, realizado no Centro de Treinamento Batista, na cidade de Lagoa Seca, em dezembro de 1995. Por medida de segurança, foi solicitado a Companhia de Policiamento de Trânsito (CPTRAN), o apoio de três guardas para acompanhar cinquenta escoteiros, em uma caminhada noturna, do Parque do Povo até o local de acampamento<sup>155</sup>. Desse modo, os escoteiros testavam os seus limites físicos, essa caminhada se configurava em um teste de resistência, era uma forma de os chefes trabalharem os aspectos físico e psicológico dos escoteiros.

Os Grupos de Escoteiros (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité) se cercavam de vários cuidados para que não houvesse nenhum contratempo. Vejamos as recomendações, dadas pelo GE Baturité aos seus membros, sobre o material de acampamento:

- 1-Comece preparando uma lista de material que irá precisar. Anote tudo e depois confirme o que irá levar: roupas, talheres, cantil, lanterna, lanche, documentos de identificação;
- 2-Separe tudo em sacos plásticos para melhor organizar a sua mochila;
- 3-Coloque o material na mochila numa ordem em que você tenha a facilidade de pegar o que precise a qualquer momento;
- 4-Lembre-se que a sua mochila deverá pesar apenas um terço de seu peso;
- 5-Certifique-se de que as fivelas da mochila estão bem seguras e ajustadas

<sup>153</sup> Atividade escoteira, que envolve um pernoite, em abrigo natural ou improvisado.

<sup>154</sup> Entrevista de Oscar Henrique de Andrade Neto, concedida à autora, no dia 18/08/2013.

<sup>155</sup> Também foi solicitado o empréstimo de seis coletes para caminhadas noturnas para servirem de guia durante o evento. Informação consultada, no ofício de nº 007/95, pesquisado no arquivo do GE do Ar Santos Dumont.

para o seu tamanho proporcional para os dois lados;  
6-Finalmente lembre-se das regras de segurança e tenha um bom acampamento.<sup>156</sup>

Era importante que os escoteiros dessem a devida atenção à lista de material individual, distribuída pela patrulha. Todos os pertences (meias, cantil, lanterna, prato, talheres, copo, lençol, toalha, colchonete), inclusive a roupa individual, tinham que ser identificados com o nome do escoteiro, a fim de evitar eventuais trocas e perdas. Quaisquer recomendações médicas ou de consumo de medicamento deveriam ser comunicadas ao chefe, juntamente com a autorização prévia para a atividade, devidamente assinada pelos pais ou responsável. Não obstante, antes mesmo da realização do acampamento, os membros juvenis eram direcionados para procederem de acordo com o que era desejado. Assim, dias antes do acampamento, os escoteiros recebiam instruções de como armar e desarmar barracas, conforme observamos em uma correspondência, enviada pelo GE General Sampaio ao comandante do 31º Batalhão de Infantaria Motorizada no ano de 1982:

Tendo em vista a necessidade de fazermos acampamento para a tropa escoteira, nos próximos dias e considerando que temos de orientar os jovens de como é feita uma atividade escoteira, no campo, desde a pioneiria até a localização para armar e desarmar uma barraca, considerando e localizando a sua localização e posição dos ventos. Diante do exposto, mais uma vez venho à presença de V.S., solicitar seus atenciosos préstimos, no sentido de autorizar o setor competente, fornecer por empréstimo quatro barracas devidamente equipadas, com a finalidade de serem utilizadas no adestramento do próximo sábado dia 26 do corrente mês, cuja programação inclui como lidar com uma barraca, no campo [...].<sup>157</sup>

Além de saber manusear uma barraca, fazia-se necessário saber arrumar uma mochila, cozinhar, lavar panelas dentre outras coisas uteis, que facilitariam a vida ao ar livre. Percebemos que os escoteiros a todo o momento eram condicionados a seguir um padrão de comportamento ideal, ou seja, eram moldados para serem exemplos de obediência, disciplina e educação. Aos chefes e dirigentes dos Grupos de Escoteiros cabia a tarefa de escolher o local do acampamento, que deveria ser junto à natureza, inspecioná-lo, preparar a programação das atividades que seriam realizadas e dar as devidas instruções.

Apesar de os escoteiros enxergarem, nos acampamentos, um momento de aventura, lazer e diversão, essas atividades realizadas fora da sede, se

<sup>156</sup> Arrumando a mochila. Informe Escoteiro, nº2, Abril/99, p. 2.

<sup>157</sup> Ofício de nº 10/8 de 28/06/82, consultado no arquivo do GE General Sampaio.

configuravam em uma ótima oportunidade para os chefes praticarem o adestramento pleno das tropas, por isso, Baden-Powell (2006, p.75) adverte que: “o acampamento deve ser pleno de ocupações, atividades e movimentos, e não uma escola de ociosidade, sem objetivos”. Sendo assim, a programação realizada nos acampamentos era pensada com antecedência para que todo o tempo fosse preenchido com jogos e atividades, não deixando tempo livre que levassem à distração.

O poder se articula diretamente sobre o tempo, controlando-o e garantindo sua utilização eficiente, se inserindo nas próprias engrenagens do processo disciplinar e na produção do espaço. Nesse sentido, o Movimento escoteiro busca aproveitar o tempo, com diversas atividades e execução de jogos, durante o período de acampamento, para não deixar os escoteiros sem atividades, evitando assim, comportamentos indesejados. Vejamos a programação do II Aventura Sênior Regional, que reuniu todos os seniores do Estado da Paraíba, realizado na zona Sul de João Pessoa e na cidade do Conde, localizada na região metropolitana de João Pessoa, entre os dias, 9 e 11 de abril de 1993:

PROGRAMA:

Já foi cuidadosamente elaborado, tendo como base o emprego bem definido dos 04 (quatro) desafios seniores. A atividade será assim distribuída:

08/04/93 - 1º pernoite - Local: Campo Escola (João Pessoa)

- 16:00 - Liberação para armação do sub-campo, sob supervisão do C. Apóio
- 20:00 - Reunião de Chefia
- 21:30 - Reunião com Monitores
- 22:30 - Silêncio no Campo (Rondas)



09/04/93 (Sexta-feira)

- 03:30 - Alvorada
- 03:40 - Aquecimento matinal
- 04:20 - Café da manhã
- 05:00 - Abertura Oficial da atividade
- 05:30 - Início da Jornada (partida da 1ª Patrulha)
  - A cada 10 Min sairá uma patrulha;
  - Durante o itinerário do 1º dia de Jornada (30 Km), as patrulhas passarão por 05 (cinco) bases, onde terão missões p/ cumprir;
  - As patrulhas prepararão sua própria comida durante o trajeto.
- 17:45 - As patrulhas terão que estar obrigatoriamente no local destinado ao 2º pernoite (Cidade das Crianças - Conde/PB).
- 20:00 - Festival Musical
- 21:30 - Reunião com Monitores
- 22:00 - Reunião de Chefia
- 22:30 - Silêncio no campo (Início das rondas noturnas)

10/04/93 (sábado)

- 05:00 - Alvorada
- 05:30 - Café da manhã
- 06:00 - Reinício da Jornada (Partida da 1ª patrulha)
  - As patrulhas percorrerão neste dia 20 Km, tendo ao longo do percurso 04 (quatro) bases;
  - Segue-se os mesmos requisitos do dia anterior.
- 17:45 - As patrulhas terão que estar obrigatoriamente no Campo Escola, local destinado ao 3º pernoite
- 18:00 - Montagem dos Sub-campos. As patrulhas deverão procurar montar um sub-campo completo, pois no dia seguinte haverá inspeção, onde serão atribuídos pontuação para as patrulhas
- 19:00 - Jantar
- 19:30 - Reunião para o Fogo de Conselho
- 20:30 - Fogo de Conselho
- 21:30 - Continuação da Montagem dos Sub-campos
- 24:00 - Silêncio no Acampamento (Início das rondas noturnas)

11/04/93 (Domingo)

- 04:30 - Alvorada
- 04:40 - Educação Física
- 05:00 - Reinício da montagem dos sub-campos
- 06:30 - Café da Manhã
- 07:00 - BÓIA
- 07:20 - INSPEÇÃO
- 08:10 - Reinício das atividades
  - No Domingo as atividades serão realizadas no Campo Escola e proximidades;
  - Serão realizadas mais 02 (duas) bases.
- 11:00 - Reunião com Chefia + Monitores - Totalização dos pontos e classificação geral da atividade

Figura 27: Programação do II Aventura Sênior Regional, realizado em João Pessoa (zona Sul) e cidade do Conde, entre os dias 9 e 11 de abril de 1993. (Fonte: arquivo do GE do Ar Santos Dumont).

Na programação da II Aventura Sênior Regional, realizada no ano de 1993, pela Região da Paraíba, observamos que todo o horário foi preenchido de forma que não sobrasse nenhum intervalo de tempo entre uma atividade e outra. Controlar o tempo, era uma forma de evitar as burlas. Durante o evento, foi realizada uma jornada de 50 km, sendo que 30 km foram percorridos, no primeiro dia e outros 20 km, no segundo dia. Organizado em patrulhas, os seniores foram orientados por uma carta mapa, tendo que ao longo do percurso (Campo Escola dos escoteiros, as praias da Penha, de Barra de Gramame, do Sol, de Jacumã, cidade do Conde, os bairros de Valentina de Figueiredo e Mangabeira) que cumpriram diversas missões preestabelecidas pela coordenação de programas de atividade, além de terem que conduzir, durante o percurso, seus pertences individuais e também os da patrulha, não podendo receber ajuda de escotistas, por isso, fazia-se necessário que os jovens escoteiros prestassem atenção às orientações dadas, pois quem viesse com o excesso de peso “teria que arcar com as consequências”<sup>158</sup>. Isso evidencia o disciplinamento, investido no corpo, na mente e nas emoções desses jovens.

Ao estabelecer as datas e os horários das atividades realizadas no acampamento, o Movimento Escoteiro objetivava disciplinar os comportamentos dos jovens, adequando-os à norma estabelecida, além de estimular o sentimento de superação e de competitividade entre os mesmos, pois cabe lembrar, que no encerramento do evento, houve a entrega de premiações, certificados e distintivos. De acordo com Foucault (1987, p. 128), o controle do tempo a partir de estabelecimento de horário, busca medir o tempo, para que este não tenha impurezas, defeitos, mas que seja de boa qualidade, produtivo, no qual o corpo deva se aplicar em todo seu exercício. Nesse sentido, fazia-se necessário controlar o tempo para que as normas estabelecidas, no escotismo, não fossem transgredidas.

Se analisarmos os acampamentos escoteiros, através da perspectiva foucaultiana, passaremos a concebê-los como “quadros vivos”, um conjunto de barracas, ordenadas em filas, caracterizando a individualidade em meio à multiplicidade. A organização espacial do acampamento é estruturada de uma forma que os escoteiros são submetidos a uma vigilância constante, tanto por parte dos chefes, quanto dos próprios pares. Nesse esquema de vigilância, nem mesmo os

---

<sup>158</sup> Informativo da II Aventura Sênior Regional, produzidos pela região Escoteira da Paraíba. Consultado no arquivo do GE do Ar Santos Dumont.



chefes estão a salvo desse controle exercido pelo olhar, conforme assevera Baden-Powell (2006, P. 13):

O chefe escoteiro, sendo um herói para os jovens, maneja uma arma poderosa para o desenvolvimento deles, mas ao mesmo tempo assume uma grande responsabilidade. Os jovens são bastante perspicazes para perceberem e notarem os mínimos detalhes do seu caráter quer sejam eles qualidades e virtudes, quer sejam vícios e defeitos. [...] Portanto, para induzi-los a cumprir a Lei escoteira e tudo que nela repousa, o chefe deve, ele próprio, cumprir escrupulosamente seus preceitos em cada detalhe de sua vida cotidiana.

Para Baden-Powell (2006), o sucesso do adestramento dos jovens depende em grande parte do chefe, cabe a ele ensinar os jovens a respeitarem as “regras do jogo”. Sendo assim, não deve errar, nem falhar para não dar o mau exemplo, visto que “[...] é chefe, é líder, é mestre, é um exemplo a ser seguido e, dessa maneira, só pode colecionar acertos” (BURITI, 2002, p. 266). Fica evidente que, nos acampamentos, todos são observados para que estejam de acordo com o que se é esperado, a própria estrutura do acampamento conduz a essa finalidade, conforme, observamos, na imagem a seguir:



**Figura 28: VI Elo nacional realizado, no Parque de Exposições de Animais, em Campina Grande no ano de 1980. (Fonte: Diário da Borborema, 20/09/1981, p.8).**

As barracas dispostas lado a lado, possibilitam a vigilância hierárquica da chefia com os escoteiros, ao mesmo tempo em que os escoteiros também podiam observar os chefes e os demais colegas, estabelecendo assim, um sistema de vigilância onde todos se vigiam. Apesar dos acampamentos serem realizados ao ar livre, podemos comparar a sua organização espacial com o panóptico, projeto de

arquitetura, elaborado em fins do século XVIII, pelo jurista inglês Jeremy Bentham, citado por Foucault (1987), como modelo representativo da sociedade disciplinar.

A organização espacial do acampamento escoteiro está voltada à vigilância, para o controle dos indivíduos de tal forma que, depois de certo tempo, essa vigilância passa a ser internalizada, dispensando a presença física de um chefe, fazendo com que os escoteiros se autovigiem. Entretanto, a análise das fontes evidenciou que esse cotidiano escoteiro também apresenta algumas burlas. Para dar visibilidade a essas microrresistências, nos aproximamos dos apontamentos teóricos de Certeau (1994) que, argumenta que o homem ordinário se apropria ou reapropria do seu cotidiano para subverter a ordem dominante.

O cotidiano escoteiro preconizado pelos chefes está impregnado pelas táticas de alguns escoteiros, que com as suas “maneiras de fazer” vão alterando os objetos e os códigos estabelecidos, dando outro sentido às práticas escoteiras. Para Certeau (1994), essas “maneiras de fazer” são as criatividade, astúcias ou táticas, utilizadas pelo indivíduo comum a fim de modificar o espaço social que lhe é imposto. Nesse sentido, Maria de Fátima Moraes relembra:

Eu tinha uma escoteira que todo acampamento que era realizado fora da cidade e que envolvia outros Grupos, ela arranjava um namorado. Apesar de toda lição de moral que a gente dava [...], não tinha jeito, quando tinha outro acampamento ela fazia a mesma coisa. Era uma escoteira trabalhosa.<sup>159</sup>

Em meio a toda a vigilância que envolvia os acampamentos escoteiros, nota-se a existência de uma antidisciplina, caracterizada pelos desvios sutis que eram utilizados pela escoteira para escapar do lugar que lhe foi atribuído, ou seja, do lugar da disciplina, da passividade e da obediência. Mesmo sabendo que namorar, durante os acampamentos, não era permitido, ela dava um jeito de escapar aos códigos estabelecidos, dando novos significados para os acampamentos. Corroborando com a ideia da presença de uma antidisciplina, encontramos, no arquivo do GE General Sampaio, um comunicado endereçado aos pais de uma escoteira<sup>160</sup>, no qual suspendia a mesma por um período de dois meses, devido a mau comportamento, observado durante um acampamento realizado em julho de 1991. O comunicado ainda cita que, durante esse período, ela ficava proibida de

---

<sup>159</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.

<sup>160</sup> Não podemos precisar se é a mesma escoteira que foi citada pela nossa entrevistada.



usar o uniforme, os distintivos escoteiros e a participar de atividades como excursões, acampamentos, etc.. Sendo assim, apesar de todo o controle disciplinar que era imposto aos escoteiros, nota-se que havia uma criatividade escoteira que reinventava a norma imposta:

Nós fomos chamados para uma atividade na Liberdade (bairro), era uma comemoração do dia das crianças, eu não lembro se era da prefeitura ou se era de outro órgão público, sei que tinha brindes, brincadeiras e nós fomos chamados para ajudar [...] mas, a gente preferiu ficar jogando basquete do que ficar lá ajudando, tinha um escoteiro que era mais certinho e ficava chamando: ei pessoal, temos que arrumar algumas coisas, e a gente dizia: que nada, arruma você, a gente vai jogar basquete.<sup>161</sup>

Reportando-nos a Certeau (1994), podemos perceber que, alguns escoteiros jogam com os mecanismos da disciplina, alternando o seu funcionamento através de inúmeras táticas, tecendo uma rede de comportamentos que caracteriza uma antidiplina. A tática joga com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões. Sobre a transgressão das regras, o escotista, Claudio Souza de Carvalho, afirmou:

Aqui e ali a gente burlava claro, tinha que ter a brincadeira, a bagunça também. Nos acampamentos sempre teve aquela coisa de infringir um pouco as regras, mas nada que fosse maldoso, era uma coisa saudável, era aquela coisa de não deixar ninguém dormir, ficar rindo demais, ficar bagunçando, ficar contando muita lorota à noite toda, era bem interessante, sempre existiu e existe até hoje, às vezes correr, gritar, correr todo mundo pra barraca, era só para viver a graça do momento.<sup>162</sup>

Por meio de variadas práticas, alguns escoteiros burlaram as normas de vigilância e se apropriaram do espaço destinado à disciplina e a normatização. Sendo assim, entendemos que além da disciplina, vigilância e da hierarquia, os Grupos de Escoteiros também eram perpassados por outras “maneiras de fazer”. Em outras palavras, os escoteiros se “reapropriaram” das práticas escoteiras, “[...] reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres, uma arte de manipular e comprazer-se” (CERTEAU, p.50-1, 1994).

Os Grupos de Escoteiros, entendidos nesse estudo, como espaços disciplinares, intencionavam produzir um sujeito obediente e útil para a sociedade. Apoiado no Método Escoteiro, idealizado por Baden-Powell, Os Grupos de Escoteiros da cidade de Campina Grande, buscou disciplinar o corpo, a mente e as emoções das crianças e jovens campinenses. Entretanto, apesar de toda a disciplina

<sup>161</sup> Entrevista de Claudio Souza de Carvalho, concedida à autora, no dia 15/06/2013.

<sup>162</sup> Idem.

que permeavam esses espaços, observa-se que em alguns momentos os jovens usaram de táticas, para subverter a norma imposta não se deixando moldarem. No próximo capítulo, buscaremos investigar as práticas simbólicas escoteiras, problematizando a sua relevância para o processo das construções identitárias dos sujeitos escoteiros.

## CAPÍTULO III

### “UMA VEZ ESCOTEIRO SEMPRE ESCOTEIRO”: TRAÇOS DAS IDENTIDADES ESCOTEIRAS

Um símbolo é uma imagem ou figura que possui uma característica que lhe permite representar a realidade ou um conceito. Por isso existe em qualquer símbolo um significado e um significante. O significante é uma imagem perceptível de alguma coisa. O significado é o conceito a que se refere esse significante (BADEN-POWELL, 1998, p. 85).

#### 3.1- As práticas simbólicas escoteiras

Sábado, última noite do XV ELO, realizado no Campo Escola, na cidade de João Pessoa. Chegara o momento tão aguardado pelos escoteiros do Estado da Paraíba, era o momento do “fogo de conselho”, uma cerimônia de confraternização e despedida do acampamento. Na noite estrelada, a fogueira acesa, os escoteiros se reuniram em um semicírculo para a realização de jogos, brincadeiras, esquetes<sup>163</sup> e canções em um clima de camaradagem, alegria, descontração e desinibição.

O fogo de conselho é apenas mais uma representação, dentre as práticas simbólicas que perpassam o escotismo. Para Chartier (1990), as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Interessa-nos então investigar essas representações, ou seja, os símbolos, mitos e ritos escoteiros, problematizando a sua relevância para o processo das construções identitárias dos sujeitos escoteiros.

As representações escoteiras são frutos de uma “tradição inventada”, um processo de ritualização e formalização, que se refere ao passado, impondo práticas fixas, como a repetição. Para HOBBSAWM e RANGER (1997, p.9), as tradições inventadas são:

---

<sup>163</sup> Encenação teatral realizada, principalmente, durante os fogos de conselho.

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

A expressão “invenção das tradições” é utilizada em sentido amplo e inclui tanto as tradições propriamente inventadas e institucionalizadas, quanto, aquelas que surgem repentinamente e da mesma forma se estabelecem, permanecendo tal como as outras, como se sua origem fosse remota, ainda que durem relativamente pouco. De acordo com Hobsbawm e Ranger (1997, p.12), uma tradição pode manifestar-se de forma mais clara, quando “é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador, como é o caso do escotismo, criado por Baden Powell” uma vez que, ela foi instituída e planejada, sendo, provavelmente documentada. Já quando as tradições são inventadas por grupos fechados ou de maneira informal por certo período, é mais difícil identificar a sua origem, visto que é menos provável que o seu processo tenha sido documentado.

As “tradições inventadas” estabelecem uma continuidade artificial com o passado, devido à repetição, quase obrigatória de um rito. No exemplo, do escotismo, as tradições inventadas, expressas, nas formas de rituais, mitos, símbolos e normas de comportamento, são, constantemente, repetidas e ensinadas aos novos membros para dar continuidade ao Movimento. Sendo assim, a tradição e a memória estão diretamente imbricadas:

A tradição está ligada à memória, especificamente aquilo que Maurice Halbwachs denomina “memória coletiva”; envolve ritual; está ligada ao que vamos chamar de noção formular de verdade; possui “guardiães”; e, ao contrário do costume, tem uma força que combina conteúdo moral e emocional (GIDDENS, 2001, p.31).

Intencionalmente, produzidos por Baden-Powell, para legitimar os valores do escotismo, essas representações congregam o conteúdo moral e emocional, apresentando status de integridade e continuidade que resistem ao tempo. Nascimento (2004, p. 41) ao estudar o Movimento Escoteiro, no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, argumenta que o conjunto de mitos, ritos e símbolos presentes no cotidiano escoteiro, contribuíram para convencer “em alguma medida, os militantes a filiarem-se ao Movimento e a juntarem-se em prol de algo que os transcendia, algo místico”.

No recorte temporal (1980-1990) privilegiado em nosso estudo, esse conjunto de rituais, mitos, símbolos e condutas coletivas codificadas, produzidas por Baden-Powell, também se mostrou bastante relevante para a coesão dos Grupos de Escoteiros de Campina Grande, uma vez que, propiciou um sentimento de pertença entre seus membros. Ora, as representações atribuem sentido ao mundo social por meio das classificações, divisões e delimitações, essas representações “determinam posições e relações que constroem para cada classe, grupo ou meio, um ser perceptível constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 1990, p. 88). Desta feita, entendemos que através da articulação de uma produção simbólica, em torno da doutrina escoteira, pretendeu-se a construção de uma identidade para os escoteiros, a fim de diferenciá-los dos demais indivíduos:

O traje típico faz parte hoje da própria imagem do escoteiro. Você identifica o escoteiro por aquele fardamento, aquela roupa, aqueles rituais que tem de cantar o hino nacional [...] faz parte do contexto, como uma religião, que tem toda uma serie de coisas que são feitas durante uma missa, então o Movimento tem esse tipo de detalhes e de rotina.<sup>164</sup>

A simbologia acrescenta materialidade à doutrina escoteira, assim, o escotismo e o escoteiro passam a serem identificados pelos símbolos e rituais, tais como, uniforme, saudação, Promessa, lemas (Sempre Alerta, Melhor possível), fogo de conselho, dentre outros. A construção dessas práticas simbólicas se configura em uma estratégia para divulgar o escotismo para a sociedade e também para facilitar a inculcação dos valores propagados pela doutrina escoteira. Essas práticas simbólicas são caracterizadas pela sua repetição, talvez, devido a isso, o entrevistado, Rômulo Raimundo Maranhão Valle, tenha comparado o escotismo aos rituais religiosos. Sobre os ritos, Segalen (2002, p.32) assevera:

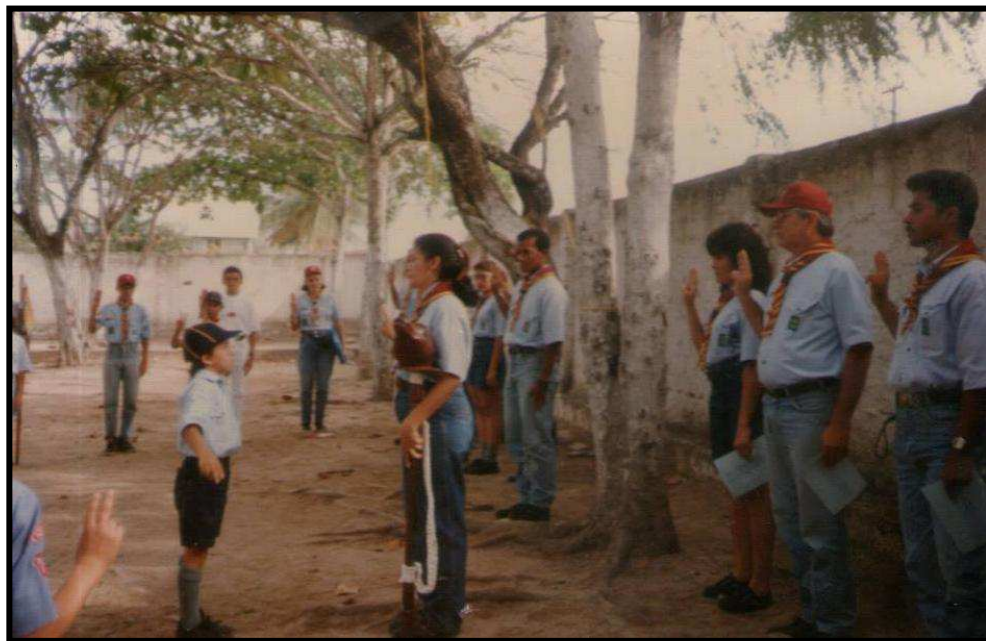
Enquanto conjuntos fortemente institucionalizados ou efervescentes, os ritos devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas.

O ritual evoca uma dimensão coletiva, visto que o mesmo só faz sentido para aqueles que compartilham do seu significado. Os rituais escoteiros são práticas simbólicas que se manifestam através de emblemas materiais e corporais, utilizados como um sistema de linguagens e comportamentos próprios, diferenciando os

---

<sup>164</sup> Entrevista de Rômulo Raimundo Maranhão do Valle, concedida à autora em 02/07/ 2013.

sujeitos escoteiros dos demais. Nesse sentido, citamos o ritual da cerimônia da Promessa, que pode ser caracterizado como um ritual de iniciação, já que marca a entrada do novo membro no Grupo. A mesma está carregada de simbologia, tendo até um sinal escoteiro próprio para a ocasião:



**Figura 29: Ritual da promessa escoteira no GE Baturité, na década de 1990. (Fonte: Arquivo do GE Baturité).**

O sinal escoteiro é feito com a mão direita, com os dedos, indicador, médio e anular, estendidos e unidos, permanecendo o polegar sobre o dedo mínimo. Os três dedos estendidos representam as três partes da Promessa escoteira: dever para com Deus, dever para com a pátria e dever para com o próximo. O ritual da promessa consiste na aceitação voluntária da Lei escoteira, um conjunto de regras de conduta preestabelecidas que devem ser seguidas:

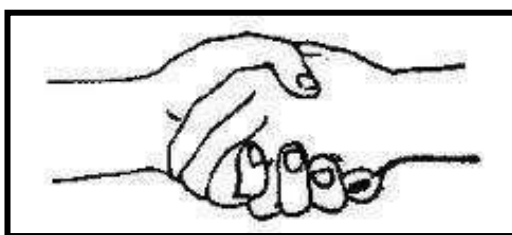
Eu fiz a minha Promessa como escotista, eu só não estou servindo à união dos Escoteiros do Brasil, mas todas as outras coisas estão dentro de mim, eu fiz e continuo sempre lembrando, são coisas que a gente nunca esquece, às vezes, muitas vezes em palestras que eu vou, em reunião que eu participo, até mesmo do movimento sindical, eu digo minha gente, a gente tem que fazer isso, porque a gente tem que lutar, porque a gente tem que deixar o mundo bem melhor do que a gente encontrou. São palavras, frases que eu aprendi no Movimento Escoteiro que a gente leva para o resto da vida.<sup>165</sup>

<sup>165</sup> Entrevista de Maria de Fátima Morais, concedida à autora, no dia 18/03/2013.

A fala acima é da entrevistada Maria de Fátima Morais, que atuou como membro voluntário, no GE General Sampaio, entre os anos de 1986 a 2007, durante esse período, exerceu várias funções dentro do Grupo, como por exemplo, chefe de seção do ramo Escoteiro, Diretora-Presidente dentre outras, tendo se afastado do Grupo devido a divergências de opiniões<sup>166</sup>, mas apesar disso, a nossa entrevistada alega que, mesmo tendo se desligado do GE, ainda se sente escoteira, conservando inclusive os princípios escoteiros, procurando pautar a sua vida em cima desses valores.

Depreende-se então, que para os membros do escotismo, o ritual da promessa está imbuído de conotação emocional e simbólica, se configurando em um comprometimento interior dos membros com os princípios da doutrina escoteira. Essas práticas simbólicas é a liga que une os escoteiros em torno de princípios e valores que estabelecem um código de conduta, que implica em uma maneira própria de ver o mundo, de agir e de pensar própria. Nesse sentido, as representações tornam-se uma força reguladora da vida coletiva, servindo como “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais” (PESAVENTO, 2005, p. 40).

Cabe destacar, também, o aperto de mão escoteiro, um aperto de mão diferenciado, feito com a mão esquerda, os três dedos médios separados do polegar e do mínimo, sendo o último entrelaçado ao do companheiro:



**Figura 30: Aperto de mão escoteira**  
(fonte:manual de Místicas e Tradições<sup>167</sup>)

São atribuídos dois significados para esse aperto de mão, o primeiro justifica que é feito com a mão esquerda porque é o lado do coração, já o segundo significado atribui o aperto de mão diferenciado ao povo ashanti, com o qual Baden-

<sup>166</sup> Atualmente, Maria de Fátima Morais não está registrada na UEB, devido a algumas divergências de opiniões, ela decidiu sair do GEGeneral Sampaio, no ano de 2007.

<sup>167</sup> Disponível em <[http://www.escoteirosmg.org.br/arquivos/crga/manuais/Manual\\_Modulo\\_Mistica\\_Tradicoes\\_Revisto2013.pdf](http://www.escoteirosmg.org.br/arquivos/crga/manuais/Manual_Modulo_Mistica_Tradicoes_Revisto2013.pdf)>. Acesso em 18/12/2013.

Powell teria tido contato durante uma expedição militar em Kumashi na África:

Dizem que ao entrar em Kumashi, Baden-Powell foi recebido por um dos chefes locais que ao cumprimentá-lo, ofereceu a mão esquerda explicando que era assim que eles saudavam os amigos, pois se com a mão direita eles seguravam a lança, com a esquerda seguravam o escudo que os protegiam dos inimigos. Assim, para apresentar a mão esquerda para o cumprimento o guerreiro deveria soltar o escudo, demonstrando a sua confiança na outra pessoa. BOULANGER (2011, p. 85).

Ainda de acordo com Boulanger (2011), Baden-Powell teria adotado esse aperto de mão, porque era uma forma dos escoteiros ao se cumprimentarem, dizer um ao outro, “sou seu amigo e confio em você”<sup>168</sup>. A esse respeito, Maria de Fátima Moraes asseverou:

[...] como é engraçado, quando a gente fala do aperto de mão, né? Porque nem toda hora eu estou dizendo que confio em você, então eu tinha essa história, quando eu estava tetetê (sic) com alguém do Movimento, eu dizia: então, hoje eu não vou apertar porque não estou confiando nesse camarada aí. O aperto de mão é uma coisa muito bonita, significa que eu confio em você. É fogo!<sup>169</sup>

A fala da nossa entrevistada evidencia a interiorização desses símbolos e sua carga de significado. Nesse contexto, o cumprimento escoteiro é mais que um aperto de mãos, ele adquire um significado especial para aqueles que compartilham dessas práticas. Ao se cumprimentarem é como se estivessem dizendo um ao outro: “eu confio em você, fazemos parte da mesma fraternidade”. Por isso, que a nossa entrevistada, imbuída desses significados, alega que quando tinha algum desentendimento com alguém não se sentia à vontade para fazer o cumprimento, reforçando assim, a hipótese da existência de fragilidades internas, no Movimento Escoteiro, em Campina Grande.

A saudação escoteira é mais uma “tradição inventada” por Baden-Powell. A saudação é feita com a mão direita, com o sinal escoteiro, levantada até a frente, com uma palma virada para frente. A saudação é realizada entre os membros escoteiros em qualquer ocasião, independente de estarem uniformizados ou não<sup>170</sup>.

<sup>168</sup> Baden-Powell não deixou nenhuma anotação que justifique o porquê da escolha desse aperto de mão. Outro aspecto curioso é o entrelaçamento do dedo mínimo no aperto de mão escoteiro, que é utilizado apenas no Brasil, não existindo no aperto de mão que foi idealizado por Baden-Powell. (BOULANGER, 2011).

<sup>169</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.

<sup>170</sup> De acordo com a UEB (2011, p.26), a saudação também é feita durante, as cerimônias de hasteamento e arriamento da Bandeira nacional, quando o hino nacional é tocado, entretanto, quando este for cantado, o membro escoteiro deve ficar parado de forma ereta, com as mãos para trás. A saudação também é utilizada para cumprimentar autoridades.



Para Nascimento (2008), a saudação escoteira é vista como uma forma de criar laços entre os escoteiros e manter em sua memória o sentimento de que pertencem ao mesmo grupo social. A fala do escotista, Claudio Souza de Carvalho, vem corroborar com essa assertiva:

“Uma vez escoteiro sempre escoteiro”, então assim, você nunca deixa de ser escoteiro, sempre que você encontra um escoteiro na rua e diz: ah! Eu fui escoteiro! Ele vai lá e te dar um aperto de mão escoteiro, faz uma saudação escoteira, é como se com isso, ele dissesse: ei cara, volta!<sup>171</sup>

O escotista, Claudio Souza de Carvalho, ingressou no GE do Ar Santos Dumont, na condição de lobinho, onde passou cinco anos. Já na idade adulta, ele retornou ao Grupo, levando as suas filhas para que pudessem vivenciar a mesma experiência, por considerar que era uma experiência válida. Ele nos contou que ser escoteiro foi uma experiência que lhe marcou, então sempre ficava pensando: “ah! eu fui escoteiro, e também sempre via alguns vídeos, na internet sobre o escotismo, que me despertavam a vontade de retornar”. Mesmo estando longe do Movimento Escoteiro, o nosso entrevistado compartilhava de seus significados, assim, o cumprimento e a saudação lhe remetiam a sua experiência vivida no escotismo, visto que, conforme argumenta Larrosa (2004, p.123), “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que é afetada de algum modo por aquilo que acontece, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”.

Com a mesma finalidade, Baden-Powell estabeleceu uma saudação para os lobinhos. A saudação simboliza as orelhas de um lobo, a mesma é utilizada para cumprimentar os lobinhos, os “velhos lobos”<sup>172</sup> e os demais membros do Movimento Escoteiro, ou seja, os seus pares: com a mão direita é levantado os dedos, médio e indicador, formando um “v”, encostando o polegar sobre os dedos anelar e mínimo:

---

<sup>171</sup> Entrevista de Cláudio Souza de Carvalho, concedida à autora, no dia 15/06/ 2013.

<sup>172</sup> Os chefes do ramo lobinho também são chamados de velhos lobos, simbolizando a experiência que estes têm e a sua capacidade de ensinar os mais novos.



**Figura 31: Lobinhos dos GE General Sampaio, durante acampamento, na década de 1990. (fonte: arquivo pessoal de Maria de Fátima Moraes).**

Vale ressaltar, que o ramo lobinho agrega crianças na faixa etária dos 7 aos 11 anos, e sendo assim, fazia-se necessário que fosse criado uma saudação que se aproximasse do lúdico, algo que fosse atrativo, tal qual a saudação em forma de orelha de lobo. Cabe ressaltar que, era interesse para os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, atrair as crianças dessa faixa etária, já que eram crianças que se encontravam na terra idade e sendo assim, pressupõe-se que eram mais fáceis de serem moldadas.

Devemos considerar que a produção de práticas de representações não é um processo neutro e desinteressado, visto que são sempre determinadas pelos interesses daqueles que as produzem. Dito de outro modo, o poder e a dominação estão sempre presentes, nesse processo. As representações não são discursos neutros, delas emanam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, legitimar um projeto reformador e ainda justificar escolhas (CHARTIER, 1990). Partindo desse princípio, entendemos que a construção das representações no escotismo atuava no sentido de legitimar o discurso escoteiro, estabelecer distinções, hierarquias e atrair novos membros, não obstante, essas representações ainda, eram utilizadas para forjar uma identidade fixa para os escoteiros.

Destacamos ainda, como parte dessas práticas simbólicas de representação, o lema dos escoteiros, o “sempre alerta” e o lema dos lobinhos, o “melhor possível”, cuja finalidade é condicionar o membro juvenil a estar sempre pronto para servir a Deus, a pátria e ao próximo, isso significava que os membros juvenis tinham que

“estar constantemente em um estado de atenção mental e corporal para cumprir o seu dever” (BADEN-POWELL, 2006, p. 44). Essas práticas simbólicas implicavam em um disciplinamento do corpo e da mente que condicionava o jovem a obedecer todas as ordens sem questioná-las.

### **3.2- Uniforme escoteiro: dispositivo de vigilância, controle e identificação**

O uniforme escoteiro caracteriza-se como uma representação que se reveste de um conjunto de significados. Provavelmente, ele foi instituído para se tornar um instrumento de controle dos membros e também de divulgação do Movimento:

Eu tinha uns dez anos de idade, quando eu vi pela primeira vez alguns meninos com uma farda diferente, aquilo ali me chamou a atenção, despertou a minha curiosidade, por coincidência tinha um colega meu que fazia parte de um Grupo, que era do GE Santos Dumont. Na realidade, no dia que eu vi essas crianças de farda, minha mãe estava comigo, então eu perguntei a ela o que era, e ela mesmo sem saber tentou explicar, foi ela mesma que descobriu que tinha esse amigo de infância que fazia parte do Grupo e foi ela mesmo que incentivou e me levou para eu fazer parte. Foi através dessa curiosidade que eu ingressei no Movimento Escoteiro, em 1990.<sup>173</sup>

A fala do escotista Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas dá indícios de que o propósito de divulgação do escotismo, na cidade de Campina Grande, através do uso do uniforme, alcançava o seu objetivo. Foi o uniforme que lhe chamou a atenção, que fez com que se interessasse pelo escotismo. Sua mãe, apesar de também não ter maiores informações sobre os Grupos de Escoteiros da cidade, incentivou o filho, e tomou as devidas providências para que ele ingressasse, no escotismo. Os escoteiros uniformizados representavam a imagem de garotos educados, obedientes e disciplinados, certamente, foi isso, que motivou o empenho da mãe do nosso entrevistado.

Fato semelhante também ocorreu com a escotista, Janaína Maria da Costa Ferreira, que foi atraída para o Movimento Escoteiro, após vê algumas jovens uniformizadas na rua:

Eu estava passando na Praça da Bandeira, saindo da escola. Eu estudava no Centro e sempre via algumas jovens lá, de uniforme, até que um dia eu fui perguntei, e na época, eles eram membros do General Sampaio. Só que para mim, pelo fato de eu morar em outro bairro, no catolé, era muito longe para os meus pais me deixarem ir para Bodocongó, e daí depois eu

<sup>173</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

esqueci. O tempo foi passando, até que a minha amiga de escola comentou: Vai ter um Grupo de Escoteiros aqui no catolé, vamos participar? Aí, eu adorei a ideia.<sup>174</sup>

Além de moldar o físico e a postura do indivíduo, o uniforme escoteiro padroniza, marcando uma identidade própria dos Grupos de Escoteiros diante da sociedade, isso aflora a sensação de pertença. Assim, acreditamos que foi o entrosamento e a aparente união que envolvia o grupo de garotas uniformizadas, que chamou a atenção de nossa entrevistada, ou seja, o que despertou o seu interesse não foi nem o escotismo em si, mas sim, a ideia de fazer parte de um grupo, onde, aparentemente, os participantes não tinham diferenças, e se identificavam com os mesmos interesses. O uso do uniforme representa pertencer a um grupo social, pressupondo um envolvimento afetivo com o mesmo.

O compartilhamento dessas práticas simbólicas escoteiras, a exemplo do uso do uniforme, tem por finalidade a construção de uma identidade para os membros do Movimento Escoteiro. Esses símbolos servem como um elo, uma liga sentimental que promove uma identificação entre os mesmos:

Na linguagem de senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (HALL, 2000, 106).

É a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia que ele assume uma posição, ou seja, uma identidade. Deste modo, as tradições inventadas por Baden-Powell, ajudam a internalizar as regras, emoções e afetividades. Em um primeiro momento, vai ser o uniforme que vai chamar a atenção, atraindo crianças e jovens para o Movimento, contudo, havia toda uma preparação inicial antes que o novo membro fosse autorizado a usá-lo, conforme explica o escotista, Claudio Souza de Carvalho:

As crianças entravam no Grupo como aspirantes, e, entrando como aspirantes, tinha que cumprir algumas etapas para se “promessar”. E nessa época, era diferente, hoje a criança entra e já pode fazer o uniforme. Antigamente a criança vestia um shortinho azul, um meião cinza, geralmente nós usávamos kichute<sup>175</sup>, não que fosse padrão, mas tinha que

<sup>174</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/ 2013.

<sup>175</sup> Kichute é um calçado produzido no Brasil, misto de tênis e chuteira, feito de lona e solado com cravos de borracha todo ele na cor preta. Virou mania entre os meninos, pois era usado tanto para ir à escola quanto para a prática do futebol. Devido ao grande cadarço, era comum entrelaçá-lo na canela antes de amarrá-lo, ou mesmo

ser um tênis preto e uma camiseta regata branca. Só depois de fazer a promessa é que podia usar o uniforme, por cima desse aí. Então quer dizer que o short nós usávamos por cima do shortzinho e a camisa do uniforme por cima da camiseta, assim, uma coisa bem parecida com que os militares faziam.<sup>176</sup>

O uniforme se configurava ainda como um tipo de recompensa, visto que o aspirante a escoteiro só poderia usá-lo depois que cumprisse algumas etapas e se “promessasse”, em outras palavras, está apto a usar o uniforme significava estar disciplinado e dócil, pronto para seguir as regras estabelecidas. Durante o período introdutório, o aspirante só podia usar a chamada “roupa de campo”<sup>177</sup>, conforme observamos na imagem a seguir:



**Figura 32: Escoteiros do GE Santos Dumont em atividade ao ar livre, na década de 1980. (Fonte: Grupo de Escoteiros Santos Dumont).**

A imagem registra os escoteiros do GE do Ar Santos Dumont, em uma atividade realizada fora da sede. Observamos que todos estão em fila indiana, contudo, notamos certa distância entre os mesmos: na frente, estão os garotos que estão trajando o uniforme e atrás estão os garotos usando a roupa de campo, provavelmente, os que ainda não eram “promessados”. Apesar da roupa de campo ser utilizada por todos os membros durante, a execução de jogos e atividades físicas, percebe-se que havia uma distinção entre os que já eram “promessados” e

---

dar voltas nele próprio, passando pelo solado. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kichute>> Acesso em 20/12/2013.

<sup>176</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 15/06/ 2013.

<sup>177</sup> No escotismo, a roupa de campo é o nome dado à roupa usada por baixo do uniforme, composta por short azul, camiseta branca, tênis preto e meião cinza.

os aspirantes, principalmente, quando eram realizadas atividades em espaços públicos. Certamente, isso estimulava o aspirante a cumprir todas as etapas para que pudesse fazer a promessa e assim, puder usar o uniforme e se igualar aos demais.

Apesar de Baden-Powell argumentar que, uniformizar era o modo de nivelar todos os membros, uma vez que, “o uniforme eliminava visualmente as indicações de classe socioeconômica (o equivalente às atuais roupas de grife); em uniforme, não havia rico ou pobre, mas apenas o Escoteiro” (UEB, 2013), nota-se que o uso do uniforme atendia a vários interesses. Além da divulgação do Movimento e de nivelar os membros, o uso do uniforme ainda possibilitava a vigilância, o disciplinamento, a adesão e a submissão das regras do escotismo:

A farda escoteira, pela sua uniformidade, constitui agora um laço de fraternidade entre os rapazes do mundo inteiro. O uso correto do uniforme e a elegância na aparência de cada escoteiro, individualmente, torna-o um motivo de crédito para o nosso Movimento. Mostra que está orgulhoso de si mesmo e da sua Tropa. Por outro lado um escoteiro desleixado e mal vestido, pode causar, aos olhos do público, uma péssima impressão sobre o Movimento. Mostrem-me um desses tipos e lhes afianço que provarei que ele é um daqueles que não conseguiu pegar o verdadeiro espírito escoteiro e não se orgulha de ser membro de nossa grande fraternidade (BADEN-POWELL, 2006, p. 51).

É evidente que o uso do uniforme dava visibilidade para o Movimento, mas também funcionava como elemento disciplinador, uma vez que, tinha a pretensão de padronizar as atitudes e comportamentos dos escoteiros. Ao vestirem os símbolos que os identificavam, esperava-se que os membros escoteiros valorizassem e honrassem o Movimento, agindo idoneamente, para que fossem exemplos dos princípios e da filosofia do escotismo, servindo dessa forma, de vitrine para o Movimento. Isso implicava em atenção à higiene e a moral, pois o cuidado com o uniforme ia muito além da higiene. Exigia-se que os escoteiros tivessem um comportamento adequado em toda e qualquer ocasião. Sendo assim, nas atividades realizadas, fora da sede do Grupo, os escoteiros deveriam se distinguir não só pelo uniforme, mas também, pelo bom comportamento:





**Figura 33: GE do Ar Santos Dumont durante a realização de atividades no Açude Novo, em Campina Grande (fonte: GE do AR Santos Dumont).**

“Os uniformes são indicadores extremamente eficazes da decodificação de regras, apropriação de conduta e a sua internalização” (CRAICK apud FARIAS, 2010, p. 8). Partindo desse princípio, compreendemos que o uniforme escoteiro colocava os escoteiros sob censura, estando uniformizados em espaços públicos, os mesmos tinham que se comportarem de forma exemplar, já que eles estavam representando o Movimento, e sendo assim, as consequências de suas atitudes recairiam sobre o Grupo. Apesar da sua função disciplinadora, o uniforme reforçava a identidade de Grupo e criava laços significativos de pertença entre os membros. Entretanto, o uniforme escoteiro, ao mesmo tempo em que dava uma identidade ao escoteiro, também o diferenciava das demais pessoas, caracterizando-o como aquele que era diferente, conforme evidencia o escotista Claudio Souza de Carvalho:

Na minha época, eu tinha aqui e ali vergonha de andar fardado, porque às vezes, quando eu passava, um ou outro menino mexia. Eu acredito que hoje, algumas crianças sentem isso também, eu acredito que de repente havia um pouco mais de discriminação pelo menos em Campina Grande. Por exemplo, uma criança passava uniformizada na rua e era muito fácil encontrar outras crianças que riam ou mexiam, ou bagunçavam, brincavam, tiravam onda e isso irritava bastante pelo menos a mim. E hoje, eu vejo que as pessoas valorizam um pouco mais, buscam, procuram. Eu ouvi falar através de uma sobrinha minha, que em João Pessoa ainda há muito dessas brincadeiras, desses xingamentos, e eu não consigo ver isso em Campina Grande, não sei se é porque as minhas filhas andam de carro. Eu não sei se de repente andando a pé com as meninas eu me deparasse com

isso. Mas, quando nós vamos ao supermercado, fardados, às vezes, elas falam: não painho, entrar assim fardadas! Às vezes, elas têm vergonha, mas eu não vejo problemas, agora, eu sou adulto. Algumas pessoas se interessam, vêm perguntar sobre o Movimento, querem saber aonde é a sede, é até uma forma de divulgar, mas as crianças sentem essa vergonha, eu não sei se é porque ainda há xingamentos ou porque estando uniformizadas elas sabem que estão chamando atenção.<sup>178</sup>

Os escoteiros eram vistos como os diferentes, aqueles que eram apontados, na rua, por estarem vestidos de forma diferenciada. O interesse do Movimento era justamente esse, diferenciar, marcar uma identidade para os escoteiros, uma postura diante da sociedade, criar a imagem de um Movimento que agregava a disciplina e a obediência. Entretanto, com suas práticas simbólicas próprias, os escoteiros causavam certa estranheza nos demais transeuntes, isso explica o fato de algumas crianças fazerem brincadeiras e até ofenderem verbalmente os escoteiros na rua.

Nesse sentido, o nosso entrevistado afirma que isso o incomodava bastante, na época em que era membro juvenil, contudo, diz não perceber mais esse tipo de comentário e atualmente não vê nenhum problema em andar uniformizado, contudo alega que suas filhas<sup>179</sup> não se sentem confortáveis em transitar em outros espaços, quando estão uniformizadas. Certamente, isso não o incomoda no momento, porque já é um adulto, já suas filhas são adolescentes, ou seja, estão em uma fase de autoafirmação, por isso, que andar uniformizadas lhe trazem certo desconforto, situação semelhante a que ele vivenciou, no período em que era membro juvenil.

O processo de articulação da identidade é estruturado em relação à diferença, sendo que “a marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão” (WOODWARD, 2000, p. 39). Isso justifica a preocupação com o “olhar do outro”. A identidade vive desse reconhecimento, dessa alteridade, visto que ela se constrói através do diálogo do “eu” com o “outro”. É a partir desse “olhar” que o escoteiro se sente reconhecido ou depreciado pelas demais pessoas. A esse respeito, o escotista, Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, afirmou:

Infelizmente, nós que somos do Movimento Escoteiro, somos rotulados, as pessoas, às vezes, esquecem que somos seres humanos, que podemos

<sup>178</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 15/06/2013.

<sup>179</sup> O nosso entrevistado tem três filhas, uma criança, que integra o ramo Lobinho e duas adolescentes, uma no ramo Escoteiro e outra no ramo Sênior, no GE General Sampaio.



errar como qualquer outro ser humano e que podemos cometer falhas e às vezes você é criticado por isso. Eu lembro que uma vez eu estava em uma gincana da escola e eu participei de uma peça de teatro, então uma pessoa chegou para mim e disse: você não pode fazer isso você é escoteiro! Eu respondi: posso sim, é só um papel em uma peça, então ele disse: não, não pode! Isso é coisa para gente gaiata. [...] é comum você ser rotulado, ser visto de forma diferente pelo fato de você ser escoteiro. Isso não é incomum e não vai ser diferente por muito tempo.<sup>180</sup>

Percebemos que esse estranhamento era uma coisa que incomodava os nossos entrevistados. Provavelmente, a propagação das práticas simbólicas escoteira resultou na construção de uma imagem, que caracterizava os escoteiros como garotos disciplinados, obedientes e “bonzinhos” e sendo assim, jamais poderiam cometer falhas. Para o escotista, Oscar Henrique de Andrade Neto, “a sociedade vê o escoteiro de forma diferente, até com certos rótulos: ah! os escoteiros são os anjinhos, eles fazem tudo certo!”<sup>181</sup>.

Essa representação era tão disseminada, na sociedade, que o escotista, Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, quando era membro juvenil, foi repreendido ao participar de uma peça teatral durante uma gincana da escola, ou seja, na concepção dessa pessoa que o repreendeu, o ambiente descontraído da gincana, propício para algazaras estudantis, não condizia com a imagem do escoteiro, “certinho”. Depreende-se então, que os escoteiros viviam sob uma constante vigilância, que extrapolava os limites dos Grupos de Escoteiros. Nesse sentido, a escotista Janaína Maria da Costa Ferreira, comentou:

Se você chegar a um lugar e falar que é escoteira, teoricamente, a sua credibilidade é maior, como já aconteceu comigo. Eu coloco, no currículo, que sou escoteira, que participo da organização e faço parte da diretoria. Então já fui para uma entrevista, onde o entrevistador olhou meu currículo e disse: Ah, você é escoteira? Então eu sei que você é uma pessoa honesta.<sup>182</sup>

É como se a palavra escoteiro tivesse virado sinônimo de obediência, disciplina, honestidade, amor aos animais dentre outros. Entretanto, não devemos esquecer que essas representações são frutos dos discursos fabricados por, Baden-Powell, para legitimar o escotismo. Devemos considerar ainda que, a identidade não é algo inato, mas sim, um discurso construído pelo contexto histórico e cultural (HALL, 2005). Assim, depreendemos que a identidade escoteira é construída a partir

<sup>180</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29/05/2013.

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Entrevista concedida á autora, no dia 24/08/2013.

de recursos simbólicos que são utilizados e acionados para mobilizar o sentimento de pertença, visto que, conforme afirma De Decca (2002, p. 8), em seu estudo sobre a identidade brasileira, “um grupo forma-se normalmente por sinais externos e por um conjunto de símbolos e valores a partir dos quais se opera uma identificação”.

### 3.3- Peculiaridades da simbologia escoteira

“A identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento” (PESAVENTO, 2005, p. 89). Partindo dessa premissa, ressaltamos aqui a relevância das práticas simbólicas, visto que elas são os fios condutores que levam ao reconhecimento mútuo dos membros e a construção do vínculo de pertença ao escotismo.

O processo de construção simbólica do escotismo se assemelha ao processo de construção das identidades nacionais, no qual, são utilizados símbolos, hinos, bandeiras, brasões e mitos fundadores para dar estabilidade e fixar a identidade de grupo. A “identidade” escoteira é um discurso construído, que está em constante processo de reafirmação e fixação tal quais as identidades nacionais, que precisam ser inventadas e imaginadas<sup>183</sup>, por isso, foi construído em torno do escotismo todo um universo simbólico que permitiu “ligar” os membros escoteiros em torno de um sentimento em comum.

Segundo Hall (2005, p. 50), “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações. quanto as concepções que temos de nós mesmos”. Esses discursos são responsáveis pela criação de mitos fundadores que remetem a origem, ao momento crucial do passado do grupo social:

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o

---

<sup>183</sup> Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 85) recorre à teoria de Benedict Anderson sobre as “comunidades imaginadas”, para explicar como funciona o processo de construção das identidades nacionais. Para ANDERSON (2008) as comunidades e nações podem ser imaginadas em torno de práticas culturais compartilhadas. Ver ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Cia das letras, 2008.

movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente (CHAUÍ, 2000, p.10).

Nesse sentido, constatamos que o escotismo também tem o seu mito fundador, personificado na figura de seu fundador. A figura de Baden-Powell é revestida de representações que legitimam a criação do escotismo. As narrativas sobre a sua vida, são constantemente repetidas e ressignificadas para darem sentido a uma identidade de grupo. Nessas narrativas, o general inglês é representado como um super-herói, um homem de visão, virtuoso, notável pelas suas façanhas e virtudes:

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (B-P) foi um “herói” militar do Império Britânico que, no início do século XX, ao voltar de uma campanha na África, encontrou a Inglaterra imersa em graves problemas econômicos e sociais. Ao ver a juventude inglesa completamente desorientada, começou a pensar no que poderia contribuir para mudar esse cenário (UEB, 2011, p.7).

No mito fundador do escotismo, estão contidas virtudes físicas e morais que devem servir como modelo de conduta para os membros escoteiros. Na literatura escoteira, a vida de Baden-Powell é narrada de forma edificante, por vezes, se aproximando da sacralidade, visto que, conforme asseverou Chauí (2000), a perspectiva divina é determinante para a elaboração do mito fundador:

Muita coisa se diz a respeito do que o Fundador do Escotismo teria dito e feito, por vezes chegando, em exagero, a aproximar-se de um caráter hagiológico (relativo aos santos), ou atribuindo-lhe citações não confirmadas pelos seus textos publicados, para atender a conveniências (UEB, 2013, p.9).

A criação do mito fundador se configura em uma “tradição inventada”, que tem por finalidade situar a origem do escotismo, em um passado glorioso. Por isso, os discursos que remetem a Baden-Powell, são revestidos de ações grandiosas, heroicas, quase divinas. A crença em um passado em comum orienta os escoteiros para a formação de uma coletividade, constrói sentidos e possibilita um modo compartilhado de pensarem e de se comportarem.

A autobiografia do fundador do Escotismo, intitulada “Lições da escola da vida”<sup>184</sup>, constantemente utilizada pelos escotistas para servir de exemplo para os novos membros, cumpre a função da narrativa primordial do Movimento. Nela, estão

<sup>184</sup> BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. **Lições da Escola da vida**: autobiografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.

narrados os feitos heroicos de Baden-Powell e a criação do escotismo. Deste modo, além de explicar a origem do Movimento Escoteiro, a “tradição inventada” do mito fundador, passa a servir de modelo de conduta para os escoteiros. Para Chauí (2000, p. 9), o mito fundador “não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo”. Sendo assim, as repetições das narrativas míticas da vida de Baden-Powell, que perpassam o cotidiano dos Grupos de Escoteiros de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité), intencionam instaurar valores e comportamentos.

De acordo com Lenharo (1986), a política da instrumentalização do mito em um terreno cultural, preparado pelo uso das imagens e dos símbolos, tem a intenção de espalhar uma carga emotiva e sensorial, a fim de atingir facilmente o público receptor, detonando respostas emotivas que se traduzem em estados de aceitação, contentamento, satisfação, reações passivas e não críticas. Para que esse sentimento de identificação entre os membros escoteiros seja aflorado é preciso criar práticas simbólicas de representação que, despertem entre eles, o sentimento de pertença, haja vista, que “os símbolos são instrumentos por excelência da integração social” (BOURDIEU, 1989, p.10).

Era necessário criar uma identificação que desse sentido de grupo aos membros escoteiros, dito de outro modo, era pertinente manter uma unidade de grupo, fabricando para tanto, uma identidade que fosse chamada de escoteira. Assim, os ritos, mitos e símbolos se constituem em elementos de crucial importância para se forjar essa identidade. Nesse sentido, destacamos a flor-de-lis, o símbolo escolhido para representar o escotismo a nível mundial. De acordo com Baden-Powell (1986, p. 63), esse símbolo foi escolhido, porque “aponta a direção certa (para o alto), não se desviando nem para a direita, nem para a esquerda”, indicando o norte, o rumo que o jovem deve seguir:



Figura 34: Flor de lis: símbolo do escotismo mundial (Fonte: <http://escoteiros.webs.com/simbologia.htm>): Acesso em 18/12/2013.

O símbolo se reveste de significados para dar legitimidade ao escotismo. Desse modo, cada parte da flor de lis é mobilizada para lembrar e reforçar os princípios escoteiros. Para distinguir as nacionalidades, os países adicionam a flor-de-lis, o emblema nacional. No Brasil, foi adicionado o selo da República, com círculo de estrelas e o cruzeiro do Sul. Sob a faixa, na qual se observa o lema, “Sempre Alerta”, está o nó, para lembrar ao escoteiro que ele deve fazer uma boa ação, diariamente. Propositadamente, o emblema da flor-de-lis é representado, nas seguintes cores: verde, amarela, branca e azul, ou seja, as cores da bandeira nacional, isso evidencia a intenção em fazer uma associação entre a identidade escoteira e a identidade nacional brasileira:



**Figura 35: emblema que representa o escotismo no Brasil. (fonte: <<http://escoteiros.webs.com/simbologia.htm>>: Acesso em 18/12/2013).**

Esses símbolos constroem significados, que se inscrevem na construção da memória coletiva, despertando um sentimento fraterno que tem como objetivo unir os membros escoteiros em torno da doutrina de Baden-Powell, ou seja, são essas representações, frutos das tradições inventadas, que fazem com que os escoteiros se identifiquem como coletividade, visto que compartilham e atribuem significados e sentidos afetivos aos mesmos símbolos, possibilitando dessa forma, que um escoteiro campinense, um escoteiro paulista, um escoteiro português, um escoteiro inglês, etc., tenham os mesmos sentimentos de pertença quando, por exemplo, escutam o “sempre alerta” ou quando veem a flor-de-lis e outros símbolos escoteiros. A fala do escotista, Edmar Cícero de Melo, explicita essa ideia:

O nome já diz, o Movimento é uma coisa que não está parada, é uma coisa que você está sempre se movimentando. Você hoje está aqui e de repente você pode estar viajando para outro Estado, e lá você pode ir para outro GE, ou pode ir morar em outro país e chegar lá e ingressar em outro Grupo. Eu conheço gente que foi membro do GE Baturité e que hoje está morando em Portugal e participa de um GE de Portugal.<sup>185</sup>

As representações criam laços imaginários que “unem” todos os membros do Movimento. Certamente, um escoteiro campinense, não acampa com todos os escoteiros do mundo ou mesmo do Brasil, contudo imagina-os como pertencendo ao mesmo grupo, a uma mesma coletividade, apesar das diferenças geográficas e

<sup>185</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/03/13.

culturais que os distinguem. Nas entrevistas, que realizamos, foi comum a referência às amizades feitas com os escoteiros de outras localidades:

No Movimento Escoteiro, a gente não recebe nada financeiro, o que a gente recebe são essas alegrias. Dentro do Movimento Escoteiro, a gente tem a segurança de uma amizade duradoura. Até hoje, as amizades que eu tenho, permanecem. Tenho amigos, no Rio Grande do Sul, Fortaleza, Natal. Quando viajo, não fico em hotel. Fui pra Fortaleza a trabalho e me hospedei na casa de Djalma, fiquei lá três dias, fui para Curitiba e fiquei hospedado, em praticamente um palacete, na casa de um colega. Saía daqui para Recife e ficava na casa de outros chefes, em João Pessoa ficava na casa de Hermógenes. Tenho uma amizade muito boa com todos. Até hoje, vem gente pra cá se hospedar em minha casa, na casa de outros escotistas.<sup>186</sup>

O Movimento Escoteiro me proporcionou conhecer pessoas, viajar a lugares que talvez eu nunca tivesse tido a oportunidade ou recurso financeiro pra ir. Então, hoje eu conheço pessoas do sul, pessoas de praticamente todas as capitais do Nordeste, amigos que eu devo ao Movimento Escoteiro. É essa fraternidade que faz com que eu não saia do Movimento.<sup>187</sup>

Esse sentimento de pertença também resulta em práticas de sociabilidades, aproximando as pessoas a partir do compartilhamento dessas práticas simbólicas, provavelmente, se não houvesse esse compartilhamento, essas pessoas nunca estabeleceriam esses laços afetivos. Entretanto, não podemos esquecer que essas representações foram cuidadosamente elaboradas para promover uma coesão entre os escoteiros, divulgar o Movimento e também para moldar os comportamentos, regulando assim, o modo de agir e de pensar dos membros escoteiros.

Faz-se necessário citar que, além dessa simbologia que é comum a todos os escoteiros, existe ainda uma simbologia que é peculiar a cada GE. Esses Grupos buscam imprimir traços de identidade, buscando assim, uma individualidade dentro da coletividade. Os Grupos de Escoteiros de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité) se distinguem um do outro pelo lenço e pela bandeira, nos quais estão exarados os símbolos que os identificam. Obsevamos, a seguir, esses símbolos:

---

<sup>186</sup> Entrevista de Oscar Henrique de Andrade Neto, concedida à autora, no dia 18/08/2013.

<sup>187</sup> Entrevista de Janafina Maria da Costa Ferreira, entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.



Imagem 36: símbolos dos Grupos de Escoteiros de Campina Grande-PB (Fonte:< [www.escoteiros.org.br](http://www.escoteiros.org.br)>: Acesso em 18/12/2013).

Esses símbolos fortalecem a identidade dos membros em nível local. No símbolo, que representa o GE General Sampaio, foi utilizada a imagem do monumento “os pioneiros da Borborema<sup>188</sup>” para representar o Grupo, conforme explica Maria de Fátima Moraes:

O Sampaio foi um grupo muito privilegiado, com o nome, com o símbolo, que é os Tropeiros da Borborema, quem fundou o grupo teve uma grande sensibilidade e uma criação muito grande de escolher, porque essas estátuas para Campina Grande têm toda história, então o símbolo do Sampaio é aquele ali também.<sup>189</sup>

Acreditamos que a intenção dos fundadores do GE General Sampaio era gerar uma identificação entre o recém-fundado Grupo e os campinenses, facilitando dessa forma, a legitimação do escotismo na cidade. Já o GE Santos Dumont, faz uma referência à modalidade do ar. Em seu símbolo, observamos uma águia, que faz alusão à aviação e por trás a flor de lis, o símbolo do escotismo. O nome GE Baturité é de origem tupi-guarani<sup>190</sup>, significa montanha verdadeira, seu símbolo remete a elementos da natureza. Além dos símbolos os Grupos recebem também um

<sup>188</sup> O monumento intitulado “os pioneiros da Borborema” foi inaugurado no dia 11 de outubro de 1964, uma homenagem ao centenário da cidade. O monumento é constituído de três figuras representativas, o tropeiro, a catadora de algodão e o índio. O índio representa a origem primitiva da cidade e sua força de luta. A catadora de algodão representa a força da mulher e o acentuado desenvolvimento industrial da cidade gerado pelo Ciclo Algodoeiro, na Paraíba. O tropeiro personifica a conquista da região, o comércio e a resistência do povo campinense. Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7ude\\_Velho](http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7ude_Velho) >: Acesso em 18/12/2013.

<sup>189</sup> Entrevista concedida à autora em 18/03/2013.

<sup>190</sup> ybytira: serra, montanha+ etê:serra por excelência, a grande serra, logo, ybytiraetê: montanha verdadeira. Disponível em <http://escoteirosbaturite.blogspot.com.br/>, acesso em 18/12/2013.



número<sup>191</sup>, que é determinado pela UEB, contribuindo para uma distinção entre os Grupos de Escoteiros.

Entretanto, apesar de haver significados coletivos que caracterizam o escotismo e a figura do escoteiro, cada sujeito atribuirá um sentido às práticas e experiências escoteiras que determinará um grau maior ou menor de autoidentificação afetiva e emocional. Vale ressaltar, que a construção de sentidos também é determinada pela subjetividade, já que a mesma “permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade” (WOODWARD, 2000, p. 55).

### 3.3- “O Escotismo fica no sangue”? <sup>192</sup>

Observamos que, durante a realização das entrevistas, foi recorrente o uso da palavra mística, utilizada pelos nossos entrevistados para tentar explicar ou justificar o sentimento de pertença ao Movimento. De acordo com a UEB<sup>193</sup>, a mística escoteira é uma ligação espiritual que envolve os membros, criando entre eles uma identidade em comum:

Eu tento entender qual a mágica do Movimento Escoteiro qual o barato da história, que faz com que você não deixe o Movimento. Tem o fato de às vezes as pessoas se afastarem por conta do trabalho ou um curso superior e depois acabar voltando com o filho, isso é comum. A gente ver, a pessoas que ficaram afastadas cinco, seis anos do Movimento Escoteiro, mas depois quando os filhos estão na idade para ingressarem, no movimento, acabam retornando.<sup>194</sup>

Por ser um discurso construído, a identidade escoteira está em constante processo de reafirmação e fixação. Segundo Silva (2000), a produção da identidade oscila entre dois movimentos: o processo que tende a fixá-la e estabilizá-la e o processo que tende a desestabilizá-la e subvertê-la. Cabe-nos então indagar, como fica essa “identidade” ou seria melhor dizer essa identificação com o escotismo,

<sup>191</sup> O GE General Sampaio é o 9º PB, o GE do Ar Santos Dumont é o 17º PB e o GE Baturité é o 7º PB.

<sup>192</sup> Entrevista de Cláudio Souza de Carvalho, concedida à autora, no dia 15/06/2013.

<sup>193</sup> Módulo técnico de mística e tradições disponível em:

[http://www.escoteirosmg.org.br/arquivos/crga/manuais/Manual\\_Modulo\\_Mistica\\_Tradicoes\\_Revisao2013.pdf](http://www.escoteirosmg.org.br/arquivos/crga/manuais/Manual_Modulo_Mistica_Tradicoes_Revisao2013.pdf): Acesso em 18/12/2013.

<sup>194</sup> Entrevista de Sérgio Rodrigo de Menezes Freitas, concedida à autora, no dia 29/05/2013.

após o membro deixar o GE? Outro dado evidenciado, na citação acima, que merece ser analisado, é o fato de que a maioria das pessoas retorna ao Movimento depois de um longo período de afastamento. A esse respeito, o escotista, Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, assevera:

Eu acho o seguinte: o escotismo é uma coisa assim tão bacana, tão legal, onde você pode ajudar outras pessoas aonde você possa se sentir útil, aonde você vai lembrar que aquilo foi importante para o desenvolvimento do seu caráter. Então, você percebe que pode ser importante na vida de outra pessoa, para aquela pessoa desenvolver também o caráter dela, eu acho que a linha é essa aí. Você poder prestar o serviço a outras crianças, o mesmo serviço que já foi prestado a você enquanto você foi membro juvenil. É comum a gente receber visitas de ex-membros do Grupo, agradecendo: “Olha o que eu aprendi aqui, serviu pra minha faculdade, serve pra minha profissão, questão do trabalho em equipe, aprender a trabalhar em grupo, dividindo as responsabilidades, é por isso, que eu estou trazendo meu filho pra cá, porque eu quero que ele possa ter a mesma experiência, a mesma oportunidade que eu tive, pra poder deixar a timidez de lado, pra conseguir falar em público”. Então, eu vejo que é nessa linha aí, mas, só vivenciando mesmo pra saber, para que você possa descrever. É uma questão do coração mesmo, que entra e você não tem como explicar, detalhadamente.<sup>195</sup>

A citação, acima, aponta para o alcance e a eficácia das representações escoteiras, pois apesar de estar longe das atividades do GE, parece-nos que os sujeitos não conseguem esquecer o conjunto de práticas simbólicas que perpassam o escotismo. Já adultos, retornam ao Movimento, trazendo seus filhos para o Grupo, e acabam tornando-se membros voluntários, assumindo a posição de chefes escoteiros, ou alguma função administrativa dentro do Grupo, conforme explicou o escotista Harrison de Souza Farias:

Quem me levou para o Movimento foi meu pai, ele já tinha visto os escoteiros em algum lugar, achou interessante e quis me levar. Então, ele decidiu levar eu e também a minha irmã mais velha para o GE General Sampaio. Entrei como lobinho, depois sai da equipe de lobinho e passei para a equipe de escoteiro, onde passei média de seis meses, mas tive que me afastar, porque a minha irmã, eu não sei exatamente qual foi o motivo, deixou de ir, conseqüentemente, eu também, porque eu dependia dela, tinha que pegar ônibus.<sup>196</sup>

Apesar de ter passado pouco tempo no Movimento Escoteiro, o nosso entrevistado assegura que a sua experiência foi muito gratificante, pois conseguiu absorver os princípios que lhe foram ensinados como, por exemplo, a valorizar o meio ambiente, o ser humano, a ajudar o próximo, valores que considera importante,

<sup>195</sup> Entrevista de Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, concedida à autora, no dia 29/05/13.

<sup>196</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 16/03/2013.

por isso, decidiu retornar ao Movimento, levando dessa vez, o seu filho, para que ele também aprendesse esses princípios. O escotista, Claudio Souza de Carvalho relembra, os motivos que o teriam levado a deixar o Movimento Escoteiro:

Uma chefe (sic) entrou para comandar a tropa escoteira que eu participava na época, e ela tinha uma predileção por um dos escoteiros, esse escoteiro conseguia alcançar todas as suas etapas de forma muito rápida e nós nos matávamos de correr atrás das coisas para conseguir, e ela simplesmente ou titubeava ou não entregava os certificados de primeira classe, segunda classe, então isso aí foi uma coisa que aconteceu, fiquei sabendo que não só comigo, e, além disso, para completar, ela realizou um acampamento em Lagoa Seca e era um acampamento para promessados, nessa época, havia isso (só os promessados vão para o acampamento ou todo mundo vai para o acampamento). Nesse acampamento a minha patrulha, só tinha dois “promessados”, os demais eram aspirantes, então, a minha patrulha ficou com dois escoteiros para brigar por posições dentro do acampamento, contra patrulhas com cinco, seis escoteiros, que tinham mais facilidade pela quantidade de pessoas, de fazer as rondas noturnas, de dividir os horários, de fazer a comida e tudo mais. Isso me desgastou, esse acampamento terminou por selar todos os problemas que eu estava sentindo no que diz respeito a tropa. Depois do acampamento, eu não fui mais [...] então, a gente vê como um chefe pode marcar e definir os rumos de um membro juvenil.<sup>197</sup>

Ao referir-se as disputas de patrulhas, que ocorriam nos acampamentos, o nosso entrevistado, deixa transparecer o espírito de competitividade que existia entre os membros escoteiros, o qual era constantemente estimulado por meio das atividades, jogos dentre outros. A vitória resultava em distintivos e em distinção para a patrulha vencedora.

Depois de adulto, o nosso entrevistado retornou para o Movimento, levando as suas filhas. Segundo ele, o escotismo lhe proporcionou muitos momentos de alegria, por isso, decidiu retornar para tentar reviver essa experiência, não obstante, o intuito de se tornar uma pessoa melhor também pesou na hora de decidir retornar, pois achava que deveria melhorar em alguns aspectos de sua vida e considerava que o Movimento Escoteiro tinha os elementos necessários para isso. Entretanto, lamenta por não ter conseguido realizar algumas etapas na progressão escoteira:

Sinto uma lacuna enorme por ter me afastado. Eu sinto falta disso, puxa vida, eu não fui atrás do meu **Lis de ouro**, não fui atrás do meu **Escoteiro da Pátria**, não fui atrás da minha **insígnia de BP**, agora voltei, espero que as minhas filhas corram atrás disso, não que eu vá me realizar nelas, isso é uma conquista delas. Hoje, na condição de chefe, estou atrás da minha **Insígnia de Madeira**, mas, sinto que aquela parte da minha vida eu não

---

<sup>197</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 15/06/2013.

vivenciei.<sup>198</sup>

Lis de ouro, Escoteiro da Pátria e Insígnia de B.P, são, respectivamente distintivos, de grau máximo, dos ramos: Escoteiro; Sênior e Pioneiro. Já a Insígnia de Madeira é o distintivo máximo para os adultos voluntários. Para ter direito a receber esses distintivos é necessário cumprir várias etapas. Esse sistema de distintivos gerava uma distinção e, conseqüentemente, uma competitividade, entre os membros escoteiros. Os distintivos e as distinções somam-se às práticas simbólicas escoteiras. É essas “tradições inventadas” por Baden-Powell, que garantem a permanência de alguns membros nos Grupos de Escoteiros, apesar das adversidades cotidianas, tais como, emprego, estudo, e até mesmo as ofensas verbais citadas anteriormente.

Eu nunca saí do Movimento, são 23 anos sem interrupção, como já havia falado, é difícil de explicar porque as pessoas não conseguem deixar o Movimento, eu me lembro de uma frase que um chefe uma vez me falou, ele olhou para mim e disse assim: o escotismo é uma droga! Na hora eu me assustei, mas depois eu entendi. Então perguntei: Como assim é uma droga? Ele respondeu: Quando vicia, você não consegue parar!<sup>199</sup>

Essas práticas simbólicas são subjetivadas de formas diferentes. O grau de interiorização dessas representações vai depender do contexto social e cultural no qual o membro escoteiro está inserido. Não obstante, essa interiorização ocorre de uma maneira muito sutil, quase imperceptível, uma vez que, a difusão dessas práticas simbólicas ocorre de forma sistemática e repetitiva. Sendo assim, os escoteiros são, desde a mais tenra idade, condicionados a conhecerem, inculcarem e repetirem os símbolos, mito e ritos, que estão condensados nos gritos de guerra, orações, promessa e Lei escoteira, dentre outros elementos que compõe o universo simbólico escoteiro:

O nosso grito de guerra no Santos Dumont, tinha uma coisa que, no final, dizia assim, “uma vez escoteiro sempre escoteiro”, então, você nunca deixa de ser escoteiro, sempre que você encontra um escoteiro e diz: eu fui escoteiro! O escoteiro vai lá e te dá um aperto de mão escoteiro, faz uma saudação, é como, se com isso, quisesse dizer: ei cara, volta. É interessante vê alguns chefes de Estados ou pessoas de renome internacional que foram escoteiros e que se orgulham realmente em dizer que foram escoteiros, que aquilo ali contribuiu para formação deles, é uma coisa que não tem como explicar. Eu voltei, voltei muito, muito apaixonado, com o olhar adulto sobre o Movimento Escoteiro [...] voltei para ficar, só quero sair no dia que Deus me levar para ser escoteiro. Então, vou pedir para que Jesus faça um subcampo para mim lá em cima, não precisa fazer

<sup>198</sup> Entrevista de Claudio Souza de Carvalho, concedida à autora, no dia 15/03/13.

<sup>199</sup> Entrevista de Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, concedida à autora, no dia 29/05/2013.

uma morada como ele faz para todo mundo, basta fazer um subcampo com uma barracazinha que eu já me dou por satisfeito, quero acampar até o fim da vida, até a eternidade (risos). O Movimento Escoteiro é algo que uma vez que você entrou você não consegue se desvencilhar. O escotismo fica no sangue e é um orgulho você dizer que foi escoteiro, ou que é, ou que permanece.<sup>200</sup>

Convém também aludir, sobre o exemplo de Janaína Maria da Costa Ferreira, que, diferentemente dos outros entrevistados mencionados, anteriormente, não passou pela experiência de ser membro juvenil, quando ela ingressou, no Movimento, já foi na condição chefe de seção do ramo Lobinho, no GE Baturité, em maio de 1990, ou seja, um mês depois da sua fundação. Mas, devido a problemas pessoais teve que sair do Grupo, no ano de 1998. Ela nos relatou que nunca se desligou totalmente do Grupo, pois no tempo em que esteve afastada, sempre se manteve informada sobre as atividades escoteiras, conforme explica: “Norma, a diretora do Grupo, sempre que ia ter acampamento, me ligava, sempre estava me avisando para não deixar a coisa esfriar”<sup>201</sup>.

A citação evidencia que essas práticas simbólicas são constantemente resignificadas para que possam adquirir sentido, daí a importância da repetição. Notamos ainda, que a escotista Janaína Maria da Costa Ferreira, estava sempre sendo informada das atividades do GE Baturité, isso servia para que não perdesse o vínculo emocional com o escotismo. Depois de oito anos de afastamento, ela retornou ao Grupo, na condição de Diretora-Presidente, função que exerce até os dias atuais:

A gente costuma dizer que foi acometido por este mal. Eu fiz tatuagem no meu corpo com motivo escoteiro eu tenho duas e vou fazer a terceira, então as pessoas me perguntam: o que é isso? Eu digo: Símbolo do movimento escoteiro. [...] Então eu pretendo realmente ser enterrada de uniforme, para eu não sair disso aqui. Eu realmente amo o Movimento Escoteiro. As pessoas brincam dizendo que a minha genealogia é de B-P (Baden-Powell), acho que pelo fato de eu não ter sido membro juvenil, já ter entrado como chefe.<sup>202</sup>

A citação, acima, reforça o alcance e a eficácia do dispositivo simbólico escoteiro, pois mesmo não tendo a experiência de ter sido membro juvenil, a nossa entrevistada inculcou essa simbologia, fator que certamente, pesou na sua decisão de voltar para o Movimento. Não obstante, ela acabou decidindo inscrever em seu

<sup>200</sup> Entrevista de Claudio Carvalho de Souza, concedida à autora, no dia 15/06/2013.

<sup>201</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

<sup>202</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

corpo esses símbolos, ela fez duas tatuagens, duas flor-de-lis, e como mencionou, pretende fazer uma terceira. Como foi citado, anteriormente, a flor de lis é o símbolo que representa o escotismo a nível mundial, sendo assim, entendemos que ao fazer essas inscrições simbólicas, em seu corpo, a nossa entrevistada está afirmando a sua identificação, sua vinculação ao escotismo, ou seja, a tatuagem nesse caso é uma forma de marcar, de afirmar sua identidade escoteira. Sobre a sua ligação com o Movimento Escoteiro, Maria de Fátima Morais explica:

Sabe em que eu resumo isso aí? **Uma vez escoteiro sempre escoteiro!** Essa é a resposta. A gente não consegue se desligar do Movimento totalmente, eu acho que Baden-Powell era muito inteligente, porque quando coloca essa frase, **uma vez escoteiro sempre escoteiro**, não tem para onde correr. Eu digo isso, porque, no coração é para sempre, não é questão de voltar [...] eu acho que a história do se desligar não significa que você esqueceu os ensinamentos que aprendeu no escotismo. É aquela história de coração, aquilo que você viveu (Grifo nosso).<sup>203</sup>

A nossa entrevistada utiliza uma frase muito disseminada dentro do Movimento Escoteiro: uma vez escoteiro sempre escoteiro, para justificar o sentimento de pertença ao escotismo. Essa frase é de autoria do marechal e diplomata inglês Lorde Kitchene, grande entusiasta do escotismo, e foi proferida pela primeira vez, no ano de 1911, em um encontro de escoteiros em Leicester, na Inglaterra, com o intuito de incentivar os jovens a continuarem com o estilo de vida aprendido no Movimento Escoteiro, mesmo quando não mais estivessem nele<sup>204</sup>. A frase passa a ideia de continuidade, de permanência, ela é mais uma estratégia para inscrever nos corpos e nas mentes dos membros escoteiros a doutrina de Baden-Powell.

### 3.4- “O Movimento Escoteiro requer renúncias e sacrifícios”<sup>205</sup>:

Cabe-nos então compreender porque um Movimento caracterizado pela disciplina, que estabelece tantas regras de comportamento, atrai tantos membros voluntários. A esse respeito, o entrevistado, Rômulo Raimundo Maranhão Valle, teceu o seguinte comentário:

<sup>203</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.

<sup>204</sup> Informação disponível em <<http://celsoneves.blogspot.com.br/2009/01/uma-vez-escoteiro-se.html>>: Acesso em 23/12/2013.

<sup>205</sup> Entrevista de Maria de Fátima Morais concedida, à autora no dia 18/03/13.

Eu acho que as pessoas que se dedicam voluntariamente ao Movimento Escoteiro, é uma coisa louvável, a gente tem que parabenizar esse pessoal, que se esforça tanto sem ganhar nada, digamos assim, só por um ideal, por entender que é importante, mas acho que isso só faz aumentar a integração entre eles.<sup>206</sup>

Será que é esse o motivo que leva as pessoas a dedicarem parte de seus horários livres ao escotismo? Será que o escotismo vira um ideal de vida para essas pessoas? Certamente sim! As práticas simbólicas ficam tão sedimentadas, nessas pessoas, que elas acabam pautando as suas vidas a partir dos princípios escoteiros. Corroborando com esse entendimento, a escotista, Janaína Maria da Costa Ferreira, afirma que nem sempre a família entende a sua dedicação ao GE Baturité e por isso, há sempre uma cobrança por parte de alguns familiares:

De certa maneira, essa cobrança atrapalhou a minha vida pessoal, o meu casamento. Eu casei com um militar, mas em algumas situações, ele não aceitava, assim, tantas saídas, tantos acampamentos tantas coisas, então houve aquela cobrança e eu sempre falava: Você me conheceu dentro do Movimento Escoteiro, então eu não posso deixar. Não é que eu iria sacrificar um ou sacrificar o outro, mas houve uma falta de compreensão. Então, claro que esse não foi o motivo da separação, mas, de certa maneira atrapalhou, mas hoje estou bem, quem sabe me caso com um escoteiro (risos).<sup>207</sup>

O envolvimento de nossa entrevistada com o escotismo chegou a atrapalhar a sua vida conjugal. Talvez as cobranças devessem-se ao fato de o seu marido não fazer parte do Movimento Escoteiro e sendo assim, não compartilhava das representações escoteiras tão valorizadas por ela. Já o escotista Edmar Cícero de Melo, relembra que a sua namorada, Cristiane (atual esposa), não compreendia a sua dedicação ao Movimento, ela sempre se chateava com as ausências, conforme explicita a seguir:

A namorada não gostava quando eu ia acampar, porque eu desaparecia na sexta-feira, e só aparecia, no domingo, ou na segunda-feira. Eu chegava a casa dela para namorar, sentava no sofá e começava a cochilar, ela dava tanto soco em mim, acho que até hoje ainda estou com a costela quebrada (risos). Ela ficava com raiva e me mandava ir embora para casa, ficava a semana todinha com raiva de mim. Mas, depois comecei a convidar ela para ir para umas sorvetadas, para churrasco no GE Baturité, comecei a cativar, ela devagarzinho, ela dizia que aquilo não prestava. Mas, agora já teve até acampamento que ela foi e eu não fui.<sup>208</sup>

<sup>206</sup> Entrevista de Rômulo Maranhão Vale, concedida à autora, no dia 02/07/2013.

<sup>207</sup> Cerca de quatro meses após essa entrevista, Janaína Maria da Costa Ferreira, casou-se com o chefe de um dos Grupos de Escoteiros de João Pessoa. Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

<sup>208</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/03/2013.

A solução encontrada por nosso entrevistado foi aproximar a sua namorada do GE do qual ele fazia parte. Ele nos relatou que aos poucos começou levá-la para às reuniões, nas tardes de sábado, como também para as comemorações do Grupo. Isso fez com que ela, posteriormente, ingressasse no Movimento<sup>209</sup>. É obvio que esse ingresso é resultado da inculcação das práticas simbólicas de representação que perpassam os Grupos de Escoteiros. Já Maria de Fátima Morais, argumenta que as pessoas que não fazem parte do Movimento Escoteiro, não conseguem mensurar a responsabilidade dos membros voluntários que se dedicam ao escotismo.

O Movimento Escoteiro requer renúncias e sacrifícios, e nem todos os adultos querem se doar, estarem todos os sábados no Grupo de Escoteiros, como eu passei, foram mais de vinte anos, é muita responsabilidade. Eu sempre ficava preocupada, quando chegava uma pessoa casada ou noiva, porque a gente se doa tanto, que eu já vi muitas vezes, pessoas estragarem o relacionamento por causa disso. Tinha uma chefe (sic) lá no Grupo que era casada, mas o marido dela não fazia parte do Grupo, então quando tinha acampamento, ela desaparecia no meio do mundo, nós saíamos na sexta-feira, e só voltávamos, no domingo, isso fazia com que o marido dela se aborrecesse. Aqui em casa também tinha conflito, o povo aqui de casa não entendia, porque eu era no meio do mundo, aqui era cheio de coisa do GE. No dia que saíamos para acampar, eu começava a fazer a comida aqui dentro de casa, as panelas de comida, já iam quase todas prontas [...]. As vezes, se você não souber levar, termina atrapalhando a vida pessoal.<sup>210</sup>

Para a nossa entrevistada, ser membro voluntário, significa assumir um compromisso que requer muita dedicação e tempo, coisa que, na maioria das vezes, os familiares não compreendem. É válido ressaltar que, como o Movimento Escoteiro é voluntariado, os membros voluntários têm que arcar com os custos dos acampamentos, do transporte para participarem de cursos de formação dentre outras coisas. Nesse sentido, o nosso entrevistado, Oscar Henrique de Andrade Neto, relembra que, na cidade de Campina Grande, praticamente, não eram realizados cursos de formação, por isso, os membros voluntários se deslocavam para João Pessoa ou até mesmo para outros Estados:

Curso de formação aqui, em Campina Grande, até que tinha, mas com certa raridade, digamos assim, devido à falta de pessoal capacitado. Então, a gente tinha que se deslocar para outras cidades para fazer os cursos. Nesse tempo, passagem aérea era para quem tinha dinheiro, para você ter uma ideia, daqui de Campina Grande para Recife era cinco horas de

<sup>209</sup> Cristiane ingressou no Movimento Escoteiro, no ano de 2005, no GE Baturité, onde passou seis anos, atualmente é assistente de seção do GE General Sampaio.

<sup>210</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/13.



ônibus, porque a estradazinha não era tão boa, e também não tinha tanta facilidade de ônibus para João Pessoa.<sup>211</sup>

Corroborando com essa ideia, a escotista, Janaína Maria da Costa Ferreira, explica que durante as décadas de 1980-1990, não existia a facilidade que tem hoje, uma vez que, atualmente a UEB já disponibiliza até cursos a distância via online:

Naquele tempo, os cursos de formação aconteciam com menos frequência, por exemplo, um por ano. Era bem difícil, a nossa formação. Então a alternativa era ler a literatura, a gente debatía, estudava, levava as dúvidas, tinha as fichinhas de atividades que a gente já pegava de outros Grupos e ia montando os jogos em cima daquilo.<sup>212</sup>

Essas pessoas que se dedicavam ao Movimento Escoteiro, além de ter de disponibilizarem de tempo livre, enfrentarem algumas cobranças de familiares, também tinham que arcar com as despesas financeiras, isso explica o comentário do escotista Edmar Cícero de Melo: “eu posso dizer que o Movimento Escoteiro, é o único Movimento do mundo que você paga para ser voluntário”<sup>213</sup>. Então como explicar tamanha dedicação dessas pessoas a esse Movimento? Questionada a esse respeito, Janaína Maria Costa Ferreira, respondeu:

Salário no Movimento Escoteiro a gente não tem, o nosso salário é a satisfação de uma criança e esse salário é pago em dia. Então, você saber que está contribuindo para o desenvolvimento do jovem, saber que você tem amigos verdadeiros, tudo isso você deve ao Movimento Escoteiro.<sup>214</sup>

As respostas dos outros entrevistados sinalizam para o mesmo caminho, eles atribuem tamanha dedicação à satisfação de saber que estão sendo úteis à sociedade, as amizades que construíram dentro do Movimento e ao sentimento de pertença a uma fraternidade.

Entretanto, constatamos ainda, outro aspecto que merece ser citado, observamos que a aproximação dos adultos com o Movimento Escoteiro comumente ocorre por causa dos filhos, essa é uma realidade que independe do fato de os pais já terem sido membros escoteiros ou não. Mesmo aqueles indivíduos que nunca tiveram a experiência de serem escoteiros durante a infância e/ ou adolescência, ao levarem os seus filhos para o Movimento, acabam também se tornando membros,

<sup>211</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/08/2013.

<sup>212</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

<sup>213</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/03/2013.

<sup>214</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/08/2013.

conforme explica o entrevistado Rômulo Raimundo Maranhão Valle:

Acho que foi em 1995, mais ou menos, o meu menino Wladimir M. do Vale, que, atualmente, é chefe do GE General Sampaio, ele devia ter uns 11 anos de idade, mais ou menos, a gente veio em um fim de semana aqui para a universidade e ele viu o GE General Sampaio aqui dentro, eu nunca tinha visto os escoteiros aqui, na universidade. Ele viu os escoteiros e disse que queria entrar no Grupo, eu não tinha muitas informações sobre o Movimento Escoteiro, mas, a partir daí entrei em contato com o pessoal dirigente e o trouxe para cá. Não tinha nenhuma experiência pessoal anterior. Como toda a rotina de todo pai que leva os filhos para o Grupo, eu também fui atraído para o Movimento. Os pais são atraídos para o Grupo e o pessoal tenta trazer o pai também para ajudar, no Movimento, para ajudar, na direção. Eu não entrei, imediatamente, na direção, meu primeiro registro foi feito em 1997, quer dizer, só depois de dois anos [...] e então a partir dessa data foi que eu me envolvi com a organização mais burocrática do grupo, como chefe dirigente.<sup>215</sup>

Os pais começam a acompanhar os seus filhos nas reuniões aos sábados à tarde, muitos deles, permanecem, no local até o final da reunião. Nessa convivência, os pais são incentivados pelos dirigentes do Grupo, que por sua vez, precisam de voluntários, para auxiliar nas atividades. Assim, os chefes vão, inicialmente, envolvendo os pais, no desenvolvimento das atividades durante as reuniões, sugerindo que esses pais façam cursos de formações. De acordo como o escotista, Oscar Henrique de Andrade Neto, quando eram realizados acampamentos, os pais eram convidados para fazerem parte da equipe de apoio, e que muitos deles aceitavam o convite, gostavam e posteriormente, acabavam tornando-se membros voluntários<sup>216</sup>. O exemplo da nossa entrevistada, Maria de Fátima Morais, também coaduna com essa ideia, ela nos relatou que o ingresso de sua filha no escotismo, motivou-a a se tornar membro voluntário:

Eu entrei como mãe, através de Fabrícia. Com pouco tempo eu fui convidada para entrar no conselho fiscal. Quando eu entrei já foi o período de assembleia e de nova gestão então eu entrei como membro do conselho fiscal e logo mais, pela necessidade do Grupo que precisava de voluntários, eu entrei para ser assistente de seção, como assistente do ramo Escoteiro. [...] fiz curso para assistente do ramo Lobinho, do ramo Escoteiro, só não fiz para o ramo Pioneiro. Nós entramos em março de 1986, então, nesse mesmo semestre, eu já estava integrada como chefe de seção.<sup>217</sup>

Para Rômulo Maranhão Vale, o Movimento Escoteiro acaba fortalecendo a relação entre pai e filho, pois de certa forma acaba aproximando ambos, uma vez, que a tendência é o pai começar a acompanhar o filho nas reuniões e

<sup>215</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 02/07/2013.

<sup>216</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/08/2013.

<sup>217</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.

acampamentos:

O Movimento é bonito, é um Movimento que ajuda, na formação dos jovens, complementa a educação e termina também ajudando a relação entre pai e filho, pois possibilita a integração entre ambos, porque o pai começa a acompanhar o filho nas reuniões, alguns até para acampamentos, ficando mais próximo dele, o menino se sente satisfeito, isso termina fortalecendo a relação.<sup>218</sup>

Ainda de acordo com o nosso entrevistado, o Movimento Escoteiro facilitou a entender a “meninada mais jovem”, porque lhe possibilitou lidar com crianças e adolescentes, coisa que não tinha tido oportunidade de vivenciar, trabalhando como professor universitário<sup>219</sup>: “Então me ajudou, me deu uma visão diferente, enriqueceu a minha visão sobre a educação de jovens que eu não tinha. Nesse aspecto, isso, foi muito bom”<sup>220</sup>.

Destarte, o envolvimento dos membros adultos com o Movimento Escoteiro se dá, em grande parte, por causa dos filhos. Os pais veem nessa convivência uma forma de ficarem mais próximos dos filhos. Alguns desses pais já foram escoteiros em tempos anteriores e retornam ao Movimento porque consideram que é uma experiência válida e por isso, querem que seus filhos a vivenciem. Ao retornarem ao Movimento, todas as suas representações escoteiras são reatualizadas, ativando o sentimento de pertença. Já os pais que nunca tiveram nenhum tipo de envolvimento com o Movimento Escoteiro, ao levarem seus filhos para o Movimento, acabam também sendo cooptados e terminam ingressando no GE, onde provavelmente, vão internalizar os mitos, ritos e símbolos escoteiros, ou seja, as “tradições inventadas” por Baden-Powell, para dar legitimidade ao escotismo e inculcar entre os membros, os valores, os princípios e as regras do escotismo.

---

<sup>218</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 02/07/2013.

<sup>219</sup> Rômulo Maranhão Valle é professor do departamento do curso de Engenharia elétrica da universidade Federal de Campina Grande.

<sup>220</sup> Entrevista concedida à autora em 02/07/2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**“Não é mais que um até logo, não é mais que um breve adeus. Bem cedo junto ao fogo tornaremos a nos ver.”**

**(Trecho da Canção da despedida escoteira<sup>221</sup>)**

Domingo à tarde, encerramento de acampamento, chegara a hora dos escoteiros, arrumarem a mochila, desarmarem as barracas, retornarem para as suas casas. Depois de dois dias de intensas atividades físicas, jogos, canções e muitas brincadeiras, os escoteiros estão exaustos, mas sentem-se felizes, por terem vivido mais uma experiência, criado laços de sociabilidade, etc..

Tal qual o acampamento escoteiro, chegara a hora de encerrar esse estudo, depois de dois anos de muito trabalho, estou muito feliz, por ter vivido essa experiência, que produziu marcas, afetos e efeitos, na minha vida pessoal, intelectual e acadêmica.

O principal objetivo deste trabalho constituiu-se em problematizar as práticas escoteiras vivenciadas, na cidade de Campina Grande-PB, durante as décadas de 1980-1990, refletindo sobre o disciplinamento do corpo e a construção de identidades nos Grupos de Escoteiros (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité). Desse modo, o nosso estudo buscou preencher mais uma página, na historiografia da cidade de Campina Grande, registrando alguns fragmentos de sua história que ainda não havia sido contemplada pela academia.

No primeiro capítulo, investigamos a emergência das práticas escoteiras, na cidade de Campina Grande. Para tanto, percorremos os caminhos que levaram à fundação do primeiro GE, denominado General Sampaio, fundado, no início da década de 1980, período em que Campina Grande vivenciava os reflexos da recessão econômica que, assolava todo o país, naquele momento. Nesse período, no Brasil, estava em curso o processo de abertura política iniciado no governo de

---

<sup>221</sup> Canção geralmente cantada no encerramento do fogo de conselho. Ver canção completa no anexo 6.

Ernesto Geisel, no final da década de 1970, já o quadro econômico brasileiro era de dívida externa e desemprego, gerado, sobretudo, pelo “milagre econômico”.

É nesse contexto militar, caracterizado pelo desemprego, violência, déficit habitacional e alto índice de crianças, na faixa etária entre os 7 e os 14 anos, que o escotismo ganhou visibilidade, na cidade de Campina Grande. A educação disciplinadora do escotismo acenou como uma alternativa para incutir, nas crianças e jovens campinenses a obediência, o civismo e o patriotismo, valores caros naquele momento tão conturbado.

Com o apoio dos Poderes Públicos o GE General Sampaio exerceu diversas atividades escoteiras, na cidade, logo passou a figurar em desfiles cívicos e em ações sociais promovidas, na cidade, uma estratégia para divulgar o Movimento e assim, atrair novos membros. Em 1984, é fundado o GE do Ar Santos Dumont, entretanto, entre o período de 1981 a 1983, as fontes confirmaram que foram fundados o GE Tiradentes e o GE Almirante Saldanha, Grupos que tiveram existência efêmera e que deixaram poucos registros, dificultando assim, a nossa análise. Em 1990, a fundação do GE Baturité vem confirmar a expansão do escotismo campinense. No entanto, essa expansão não se deu de forma harmoniosa, uma vez que, os dois últimos Grupos foram fundados devido a divergências de opiniões dos membros voluntários, promovendo assim, o desmembramento dos Grupos já existentes.

É válido ressaltar que não pudemos nos aprofundar nos motivos que levaram a essas divergências, visto que nossos entrevistados não consideraram relevante trazer a público essas divergências internas, preferindo o silêncio. Certamente, os não ditos, os silêncios e o esquecimento com os quais nos deparamos, durante a realização das entrevistas, foram formas encontradas, para silenciar prováveis fragilidades do Movimento, haja vista, que apesar dessas divergências internas, observou-se que, os Grupos de Escoteiros, General Sampaio, Santos Dumont e Baturité, procuraram passar para a sociedade a imagem de um Movimento unido, onde imperava a fraternidade e o sentimento de pertença entre os membros.

Esses Grupos realizaram um esforço de divulgação em conjunto para promover o escotismo na cidade. Essa divulgação era uma forma de atrair as crianças e jovens para o escotismo e de legitimar o Movimento, na cidade.

Observamos ainda que, os pais associavam o escotismo ao militarismo, devido à estreita ligação dos escoteiros com os militares. Não obstante, apesar de os membros dirigentes desses Grupos negarem as características militares, constatou-se que a ordem, a disciplina e o uso do uniforme indicavam a incorporação dos princípios militares pelos Grupos Escoteiros da cidade.

No segundo capítulo, nos propusemos a discutir o Método Escoteiro, posto em prática no Grupo de Escoteiros de Campina Grande. Sendo caracterizada como um tipo de educação não formal, a prática educativa escoteira intencionou disciplinar o corpo, a mente e as emoções das crianças e jovens campinenses. Um dos principais instrumentos utilizados para alcançar esse objetivo foi o Método Escoteiro, composto pela promessa e Lei escoteira; desenvolvimento pessoal; aprender fazendo; vida em equipe e atividades progressivas, idealizado por Baden-Powell, no início do século XX. Inspirada, sobretudo, pelas reflexões de Foucault (1987) sobre o poder disciplinar, percebemos indícios de dispositivos disciplinares presentes no Método Escoteiro, tais como, vigilância hierárquica, sanção normalizadora, exame e controle do tempo.

A educação não formal, ministrada, nesses Grupos de Escoteiros, estava pautada em um sistema de recompensas, tais como o uso do uniforme, especialidades, distintivos, distinções, excursões e acampamentos, que estimulava o disciplinamento e a obediência. Entretanto, em meio à rígida disciplina que caracterizava esses Grupos de Escoteiros, Constatamos algumas situações do uso de táticas (CERTEAU, 1994) empregadas pelos sujeitos escoteiros, que podem ser interpretadas como um modo de resistência, como uma forma de imprimir outros sentidos e significados às práticas escoteiras, diferente daqueles pretendidos pelo Movimento Escoteiro.

Também foi problematizada a coeducação nesses Grupos de Escoteiros. Nesse sentido, constatamos que a coeducação no Movimento Escoteiro em Campina Grande era parcial e caracterizada por certa distinção entre os gêneros. Havia dentro dos Grupos: General Sampaio, Santos Dumont e Baturité, a existência de tropas femininas e masculinas. As tropas femininas do ramo escoteiro e Sênior, assim como o ramo Lobinho, eram preferivelmente, coordenadas por chefes do sexo feminino, devido à paciência e o instinto maternal que eram comumente atribuídos

às mulheres. Essa resistência em juntar meninos e meninas na mesma tropa, talvez possa ser explicada, devido ao fato de que, o escotismo era visto como uma atividade tipicamente masculina, devido, sobretudo, as suas características militares.

Nesse capítulo, discorreremos ainda, sobre os acampamentos que se configuravam em um misto de vigilância e diversão. Os acampamentos era o ponto alto do escotismo, era o momento por excelência de disciplinamento dos jovens, uma vez, que possibilitava o desenvolvimento, dentre outras coisas, da autoconfiança, da liderança, do trabalho em equipe e das habilidades mateiras. As fontes pesquisadas revelaram ainda, que no recorte temporal estudado (1980-1990), foram realizados vários acampamentos tanto a nível local quanto regional (acampamentos de Grupo, ELO, ARPE, ARELO, GAS) e também excursões. Enquanto para os membros dirigentes dos Grupos de Escoteiros, os acampamentos eram sinônimos de sanções disciplinares, vigilância, e controle do tempo, a fim de que, fossem coibidas possíveis burlas, para os escoteiros, os acampamentos e excursões se traduziam em uma oportunidade de vivenciarem novas aventuras, experiências, de encontrarem seus pares e de conhecerem cidades e até mesmo Estados, que provavelmente, pelo menos naquele momento, a maioria deles, não teria a oportunidade de conhecerem.

No que concerne ao terceiro e último capítulo, foram problematizadas as práticas simbólicas que perpassam o escotismo. Subsidiadas pelas contribuições teóricas de chartier (1990) sobre as representações, verificamos que foi articulada toda uma produção simbólica em torno do escotismo, a fim de que fosse construída uma identidade escoteira. Esse conjunto de rituais, símbolos e condutas coletivas codificadas, se constitui em uma “tradição inventada” (HOBBSAWM; RANGER, 1997) por Baden-Powell, para legitimar o Movimento Escoteiro e inculcar valores e padrões de comportamento. Essa simbologia acrescenta materialidade à doutrina escoteira, assim, o escotismo e o escoteiro passam a ser identificado pelos símbolos e rituais, tais como, uniforme, saudação, Promessa, o lema “Sempre Alerta”, fogo de conselho, dentre outros.

Buscando imprimir uma individualidade aos Grupos de Escoteiros da cidade, o GE General Sampaio, o GE do Ar Santos Dumont e o GE Barurité, criaram símbolos que os representassem, imprimindo assim, uma individualidade dentro da

coletividade. Deste modo, os Grupos se distinguiram um do outro pelo lenço e pela bandeira, nos quais eram exarados o símbolo do Grupo, e também pelo numeral determinado pela UEB. Essa simbologia peculiar ao Grupo, contribuiu para fortalecer o sentimento de pertença entre os membros.

Destacamos ainda, a relevância do uniforme escoteiro, um instrumento de controle dos membros escoteiros e também de identificação do Movimento, visto que, ao mesmo tempo em que o uniforme dava visibilidade para o escotismo, também funcionava como elemento disciplinador, já que tinha a pretensão de padronizar as atitudes e comportamentos dos escoteiros. Destarte, as práticas simbólicas contribuía para construir uma identidade para o escoteiro, que o caracterizava como disciplinado, obediente e “bonzinho”.

O escoteiro vivia sob uma vigilância constante, o controle disciplinar era tão exacerbado que, extrapolava os espaços dos Grupos de Escoteiros. Assim, esperava-se que o escoteiro tivesse uma conduta exemplar independente de estar uniformizado ou não, ou seja, o escoteiro não podia cometer nenhum tipo de falha, ou mesmo, se envolver em atividades que fossem consideradas inadequadas a sua condição de escoteiro. Esses estereótipos que cercavam a figura do escoteiro eram tão disseminados que, em certos momentos, chegavam a incomodar alguns membros juvenis.

Não obstante, essas práticas simbólicas davam sentido à doutrina escoteira, criando um sentimento de pertença, que estabelecia a coesão dos Grupos de Escoteiros. Os rituais, os acampamentos, o uniforme, os distintivos, as amizades construídas dentro do escotismo, dentre outras coisas, deixaram marcas, produziram alguns afetos e efeitos (LARROSA, 2002), nas vidas dos sujeitos escoteiros. Expostos a essa experiência escoteira, alguns desses sujeitos deixaram se afetar mais do que os outros, fazendo dos valores escoteiros um ideal de vida, tornando-se desse modo membros voluntários, atuando como chefes escoteiros ou membros dirigentes.

Outros deixaram o GE do qual faziam parte, contudo depois de se tornarem adultos, pais de família, retornaram ao GE com seus filhos, para que os mesmos fossem tocados pela mesma experiência. Temos ainda, os pais que nunca vivenciaram essa experiência, mas que foram atraídos para o Movimento a partir do



momento em que seus filhos tornaram-se membros escoteiros, permitindo assim, serem tocados pelo escotismo. Percebemos ainda que, para alguns pais, serem membros voluntários do Grupo de Escoteiro, do qual os seus filhos faziam parte, era também uma forma de estreitar a relação com os seus filhos, uma maneira de estar mais próximo deles.

Durante as décadas de 1980-1990, muitos sujeitos passaram pelos Grupos de Escoteiros de Campina Grande. Desta feita, constatamos que muitos desses sujeitos se deixaram moldar pelo escotismo, incorporando em suas vidas, os valores que lhes foram ensinados, o que sinaliza para uma possível eficácia da educação não formal proposta pelo Movimento Escoteiro.

O escotismo é um tema pouco privilegiado, na academia, conforme citou Zuquim e Cytrynowicz (2002), é uma temática menosprezada pela historiografia brasileira. Pouquíssimos são os pesquisadores que se debruçam sobre a temática. Deste modo, as pesquisas são recentes e concentram suas análises nas práticas escoteiras da região Sudeste, basicamente nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Esperamos que o nosso estudo sirva de incentivo para o desenvolvimento de novas pesquisas, pois o Movimento Escoteiro oferece várias possibilidades de análises. Há muito ainda o que ser pesquisado, afinal de contas, não podemos esquecer que o Movimento Escoteiro tem mais de cem anos. Com certeza, durante esse período o Movimento passou por reformulações para se adequar a distintos contextos e temporalidades, imprimindo assim, peculiaridades ao escotismo de cada região, ou mesmo cidade.

Enfim, esse é um tema muito instigante, por isso, as pesquisas sobre o escotismo não se encerram aqui, sendo assim, o ponto final, nesse estudo, “não é mais que um até logo, não é mais que um breve adeus”, pois sabemos que logo, estaremos adentrando em novas trilhas, em novos caminhos sinalizados, pela temática do escotismo.

## REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3 ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALEIXO, Ramon de Alcântara. **Das representações docentes nas tramas de mnemosine**: Cartografias de “sedução” e “sedução” nos caminhos e atalhos da História da Educação na ditadura militar (1964-1985). 2013, 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDERSON, Benedict, **Comunidades imaginadas**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Cia das letras, 2008.

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. **Escotismo para Rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição Comemorativa ao centenário do Escotismo- 1ª edição 1908).

\_\_\_\_\_. **Guia do Chefe Escoteiro** Tradução Gen. Leo Borges Fortes. 7.ed. Curitiba: Ed.Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. Lições da Escola da vida: autobiografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.

BERGMANN, Cinara Lino Colonetti. **A Pedagogia Escoteira no Grupo Escoteiro Tangará pelas memórias do guardião de sua história em Criciúma/SC (1963-1973)**. 2011, 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma.

BLOCH, Marc. Apologia da história, ou, O ofício de historiador, tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BLOWER, Bernard David Almirante. **História do Escotismo Brasileiro: Os primórdios do Escotismo no Brasil**. Vol. I- 1919-1924. Rio de Janeiro: CCME, 1994

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**, 5ª edição. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOULANGER, Antonio. **O Chapelão: Histórias da vida de Baden-Powell**. 3 ed.- Rio de Janeiro. Letra Capital, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2008 .

BRASIL. **Livro do Mobral do município de Campina Grande**. João Pessoa, UNIGRAF- União Artes Gráficas Ltda, 1984.

BRASIL. **Relatório anual da Educação Municipal de Campina Grande**, 1981.

BRASIL. **Plano Educacional de Educação**-biênio 1984-1985.

BURITI, Iranilson. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). 2002, 348f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação de História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

\_\_\_\_\_. Foucault com Vargas: corpos domados In: **Foucault com outros nomes**: lugares de enunciação; organização de Daniel de Oliveira Gomes, Pedro de Souza. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas** / Peter Burke (Org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** ; tradução Sergio Goes de Paula. 2. ed. rev. e ampl.- Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**. RJ: Campus, 1997.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Sampaio: um homem de dois mundos. **Revista DaCultura (FUNCEB- Fundação Cultural do Exército brasileiro)** Ano XI, nº 18, Maio de 2011, p. 43-53.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**; tradução de Cristina Antunes. 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora

Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUVEAU, Agnés; TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**; tradução Ilka Stern Cohen. São Paulo. EDUSC, 1999.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Cidadão, mostre-me a identidade!** Caderno Cedes, Campinas, n. 58, p. 7-20, dez., 2002. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br/caderno/cad/cad58.htm> >. Acesso em: 25/08/2012.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Uniforme de trabalho: de elemento rotineiro a um enigmático e complexo artefato. II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (II CONINTER). Disponível em <<http://www.2coninter.com.br/trabalhos?gt=gt06-economias-e-trabalho>> Acesso em: 10/01/2014.

FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n.99, p. 614-617, maio/ago. 2007. Disponível em <[HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>: Acesso em: 15/04/2012.

FERREIRA, Marieta Moraes (Cord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERRO, Luiz Alexandre Fidelis; SILVA, Marcos Augusto de Castro. **Padrões de Acampamento**, Centro Cultural do Movimento Escoteiro, Rio de Janeiro, 2011.

FRANK, Robert. Questões para as Fontes do Presente. In: CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

FONTOURA, Amaral. **Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Aurora, 1960.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9. Ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pos-tradicional. In, **Em defesa da sociologia**: ensaios, interpretações e réplicas; tradução Roneide Venâncio Majer, Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio**: avaliação política pública da Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Educação não formal um novo campo de atuação. **Revista**

**Ensaio:** avaliação política e pública da Educação, Rio de Janeiro, v.6, n. 21, p.511-526, out./dez. 1998.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio: DP&A, 2005

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**; tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 ed.-São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed., 2002.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (organizadores). **A Invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante.3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.

\_\_\_\_\_, **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed.. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação** nº 19. São Paulo, 2002.

LIBANÊO, José Carlos. Pedagogias e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar** nº 17, p. 153-176. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

LIMA, Elisabeth Cristina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

LIMA, Paulo Gomes & DIAS, Isabel de C. Gonçalves. Educação não-formal: um intertexto sobre sua caracterização. **Revista de Ciências da Educação – UNISAL-Americana/SP - Ano X - Nº 19 - 2º Semestre/2008**, p. 141-173.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In. PINSKY, Carla Bressanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

LOURO, Guaracira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

MARCELINO, Mariane Amboni. **A Ditadura Militar e os livros didáticos de História**. Monografia (Especialização em História)- Faculdade do extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, Santa Catarina, 2009.

Melhoramentos Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

NAGY, Laszlo. **250 milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos

Escoteiros do Brasil, 1987.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: Movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). In: **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo: SBHE, p. 44-70, n. 7, 2004.

\_\_\_\_\_. **História e liturgias políticas: o repertório simbólico escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**; Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE): Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), IV, 1, ISBN: Português, Meio digital, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sempre Alerta! O movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. 2002, 108f. Monografia (Bacharelado em História)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**. 2004, 173f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo horizonte.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

PEREIRA, Ana Paula Costa. **Educação não-formal tendo como exemplo de modelo pedagógico o método escoteiro**. Monografia de conclusão de curso de graduação como Bacharel em Pedagogia. Rio de Janeiro: Univercidade, 2004.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PHILLIPPS, Roland E.. **O sistema de Patrulhas**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora Escoteira, 2002.

PISNK, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed.- São Paulo, Contexto, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Associação de Pesquisa e documentação histórica. São Paulo: Editora dos Tribunais, 1988.

RAPOSO, Bruno Martins. **Escotismo e Educação Integral em Juiz de Fora: O grupo Cayuás Do Instituto Metodista Granbery (1927-1932)**. 2008, p.78. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.

SANTOS, Aldenise Cordeiro ; LESSA, Lívia Lima; SANTANA, Anthony Fábio Torres . **Mulheres nas tropas escoteiras: um movimento para pensar a co-educação no escotismo**. Disponível em:

<<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%202/PDF/Microsoft%20Word%20%20MULHERES%20NAS%20TROPAS%20ESCOTEIRAS.pdf>.: Acesso em 15/03/2013.

SEGALEN, Martine. 2002. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Dário Bonfim da. Escotismo um Método Educativo. **Escotismo Campinense**. Publicação trimestral: jul./set. de 1981, nº 2, p. 4.

SILVA, Giselda Brito. História e Linguística: algumas reflexões em torno das propostas que aproximam a História da Análise do Discurso. **SAECULLUM- Revista de História** [11]; João Pessoa, ago./dez. 2004.

SILVA, Luciana Estevam da. **Cidade e violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do mão branca nos jornais**. 2010, 109f. (Mestrado em História) Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOARES, Carmem Lúcia. Apresentação. **Caderno Cedes nº 48**. Corpo e educação. 1. ed, 1999.

SOUZA, Rosa Maria de. **A militarização da Infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira**. Campinas, Cadernos CEDES, V. 20, nº 52, Nov. 2000.

THOMÉ, Nilson. Escotismo em Caçador (SC): História de uma instituição extra-classe. In: **Anais da VI Jornada do HISTEDBR- História, Sociedade e Educação no Brasil**, em Ponta Grossa (PR), Campinas: Histedbr, 2005.

\_\_\_\_\_. Escotismo História de uma prática educativa extra-escolar. In: Anais do VI Congresso **Luso-Brasileiro de História da Educação-COLUBHE 2006**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/ Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Educação/ Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação/ Sociedade Brasileira de História da Educação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extra-Escolar**. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.

UEB (União dos Escoteiros do Brasil). **As Características essenciais do Escotismo**. Tradução e adaptação: Fernando Brodeschi e Melissa Martins Casagrande. Curitiba, 2005.

\_\_\_\_\_. **De lobinho a pioneiro**. UEB: Editora Escoteira, 1995.

\_\_\_\_\_. B-P pediu unidade ao Escotismo brasileiro. **Sempre Alerta! Informativo da União dos Escoteiros do Brasil**, nº 62, Fev. 2007, Edição especial (Edição Especial dos 100 anos de Escotismo), p. 8.

\_\_\_\_\_. **Clã Pioneiro em ação**. Curitiba, 2012.

\_\_\_\_\_. Fogo de Conselho. **Série ser Escoteiro é**, vol. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. **Guia de Especialidades e da Insígnia Mundial do Conservadorismo**, 12º ed.- Curitiba, 2008.

\_\_\_\_\_. Místicas e Tradição (Apostila de Módulo Técnico). Disponível em: <[http://www.uebmg.org.br/arquivos/crga/manuais/Manual\\_Modulo\\_Mistica\\_Tradicoes\\_Revisao2013.pdf](http://www.uebmg.org.br/arquivos/crga/manuais/Manual_Modulo_Mistica_Tradicoes_Revisao2013.pdf)>. Acesso em: 20/11/2013.

\_\_\_\_\_. **POR- Princípios, Organização e Regras**. Curitiba, 2008

\_\_\_\_\_. **Projeto Educativo do Movimento Escoteiro**. Curitiba, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ramo Sênior em Ação**. Curitiba, 2011.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual da União dos Escoteiros do Brasil**- Região da Paraíba, 1991.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual da União dos Escoteiros do Brasil**, 1992.

\_\_\_\_\_. **Tropa Escoteira em ação**. Curitiba, 2010.

\_\_\_\_\_. “100 anos de escotismo”. **IN: Sempre Alerta**. Informativo da UEB nº 162 – fevereiro de 2007.

ZUQUIM, Judith & CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia do civismo (1914- 1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.35, p. 43-58, jul. 2002.



**FONTES IMPRESSAS:**

A honra para o escoteiro é ser digno de confiança. **Informe Escoteiro**, nº 3, maio, 1999.

Arrumando a mochila. **Informe Escoteiro**, nº 2, Abril/1999, p.2.

Campina Grande ganha o terceiro Grupo de Escoteiros. **Jornal da Paraíba**, 10/04/1990, p.5.

Cumpra a Parahyba auxiliar os bravos conterrâneos. **Correio da Manhã**, 9/11/1923.

Desfile cívico-militar encerra as comemorações da Pátria. **Jornal da Paraíba**, 07/09/1994, p.5.

Escoteiros da Borborema. **Jornal da Paraíba**, 22/03/1993, p.4.

Escoteiros abrem atividades do XIV ELO Nacional da cidade. **Jornal da Paraíba**, 18/08/1991, p.4.

Escoteiros no trânsito. **Jornal da Paraíba**, 29/09/1987, p.5.

Escoteiros realizam o IV ELO Nacional. **Diário da Borborema**, 20/09/1981, p.8.

Escoteiros recebem campo de formação das mãos de governador. **Jornal Correio**. Campina Grande, 30 Mar. 1994. Caderno 2, p.2.

Lutando contra a raiva”. **Jornal da Paraíba**, 26/09/1987, p.1.

Seja um escoteiro promessado. **Correio Utyque Mopya-tá**, I edição, out. 1993, p. 2.

Semana da Pátria é aberta hoje. **Diário da Borborema**, 01/07/1987, p. 7.

Sítio Surrão de Galante sedia 1º acampamento misto escoteiro do Grupo de Escoteiros Baturité. **Correio UYTYQUE Mopya-tá**, I Ed, Outubro de 1993, p. 3.

“O dia/inter” do nosso escoteiro. **Jornal da Paraíba**, 24/04/83, p. 4.

**ENTREVISTAS:**

ANDRADE NETO, Oscar Henrique de. Entrevista concedida à autora em 18/08/2013.

CARVALHO, Claudio Souza de. Entrevista concedida à autora em 15/06/2013.

FARIAS, Harrison de Souza. Entrevista concedida à autora em 16/03/2013.

FERREIRA, Janaína Maria da Costa. Entrevista concedida à autora em 24/ 08/2013.

FREITAS, Sérgio Rodrigo Menezes de. Entrevista concedida à autora em 29/05/2013.

MELO. Edmar Cícero de. Entrevista concedida à autora em 24/03/2013.

MORAIS, Maria de Fátima. Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.

VALLE, Rômulo Raimundo Maranhão do. Entrevista concedida à autora em 02/07/2013.

**SITES CONSULTADOS:**

<<http://escoteiros.wikia.com>>: Acesso em 25/05/2012.

<[https://www.google.com.br/#q=ilha+de+brownsea+ >](https://www.google.com.br/#q=ilha+de+brownsea+>): Acesso em 25/07/2012.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escoteiros-Mirins>>: Acesso em 10/12/2012.

<[http://www.uebmg.org.br/noticias\\_historia\\_dos\\_elos.html](http://www.uebmg.org.br/noticias_historia_dos_elos.html)> acesso em 10/12/12.

<<http://www.escoteiros.org/institucional/>>: Acesso em 05/05/13.

<<http://museucobras.wordpress.com/2012/11/09/xiv-elo-nacional-1991/>>: Acesso em 27/06/2013.

<<http://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos>>.htm acesso em 07/08/2013>: Acesso em 7/08/2013.

<<http://escoteiros.webs.com/simbologia.htm>>: Acesso em 7/08/13.

<[http://www.stemes.org.br/infra\\_estrutura.html](http://www.stemes.org.br/infra_estrutura.html)>: Acesso em 01/12/2013.

<[www.escoteiros.org.br](http://www.escoteiros.org.br)>: Acesso em 18/12/2013.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7ude\\_Velho](http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7ude_Velho) >: Acesso em 18/12/2013.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kichute>>: Acesso em 20/12/2013.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Maior\\_cajueiro\\_do\\_mundo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maior_cajueiro_do_mundo)>: Acesso em: 05/01/2014.

<<http://celsoneves.blogspot.com.br/2009/01/uma-vez-escoteiro-se.html>>: Acesso em 23/12/2013.

**ARQUIVOS CONSULTADOS:**

Centro Cultural do Movimento Escoteiro;

GE Baturité;

GE do Ar Santos Dumont;

GE General Sampaio;

Museu Histórico de Campina Grande

Região Escoteira da Paraíba.

ANEXOS:

Anexo 1:  
Certificado de participação do XIV ELO

**União dos Escoteiros do Brasil**  
Região da Paraíba

**Certificado**

Conferimos a O SENIOR LEONARDO BENICIO DA SILVA REG:04717/89  
por sua participação no XIV ELO NACIONAL - COMUNITARIO  
DE 18 A 25 DE AGOSTO DE 1991.

certificado n.º 055/91

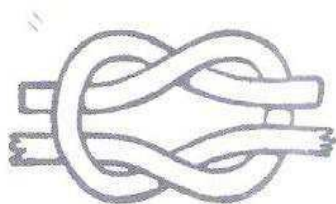
Campina Grande - Pb, 25 / AGOSTO D / 1991

  
Comissário Distrital

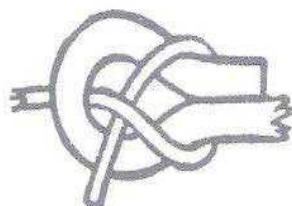
  
Comissário Regional

## ANEXO 2:

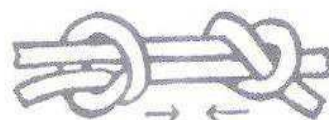
## Nós e amarras



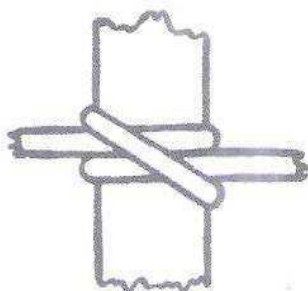
*NÓ DIREITO – para emendar ataduras e emendar cabos.*



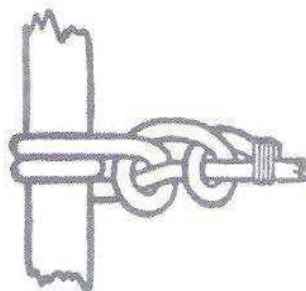
*NÓ DE ESCOTA – para emendar cabos de diâmetro igual ou desigual.*



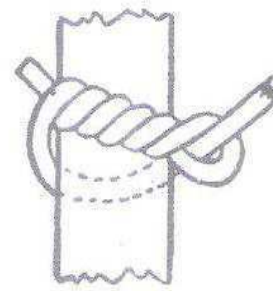
*NÓ DE PESCADOR – para emendar duas linhas molhadas ou escorregadias.*



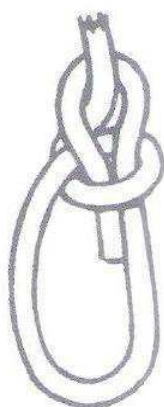
*VOLTA DO FIEL – para amarrar o cabo à vara de madeira nos trabalhos de pioneiria.*



*VOLTA REDONDA COM DOIS COTES – para amarrar um cabo a uma estaca.*



*VOLTA DA RIBEIRA – para amarrar o chicote de um cabo a uma vara de madeira ou a um tronco.*



*LAIS DE GUIA – formar uma laçada que não corre. É usado para salvamento.*



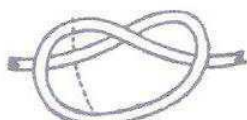
*LAÇADA CORREDIÇA – pode ser aumentada ou diminuída conforme seja necessária. Usa-se como esticador para armar toldos ou barracas.*



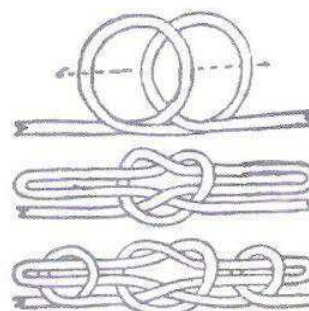
*VOLTA DO FIEL DUPLA – é usada em lugar da simples volta de fiel e para amarrar cabos de retenção e espias.*



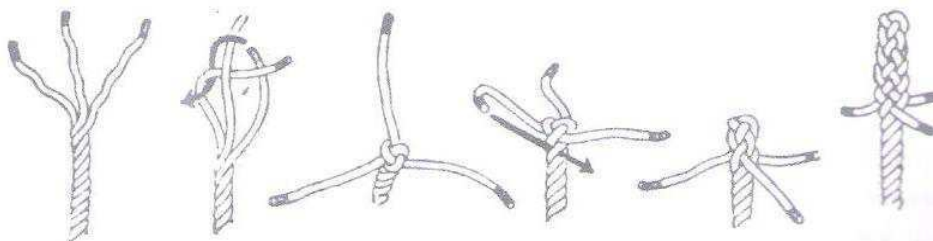
*CATAU – para encurtar ou esticar um cabo, frouxo.*



*NÓ DE ARNEZ – faz uma alça de puxar num cabo de reboque ou sirga.*

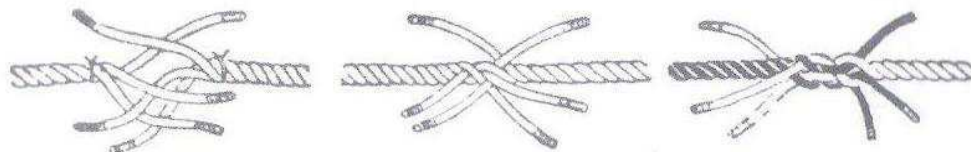


*NÓ DE CADEIRA DE BOMBEIRO – tem duas alças para descer uma pessoa.*

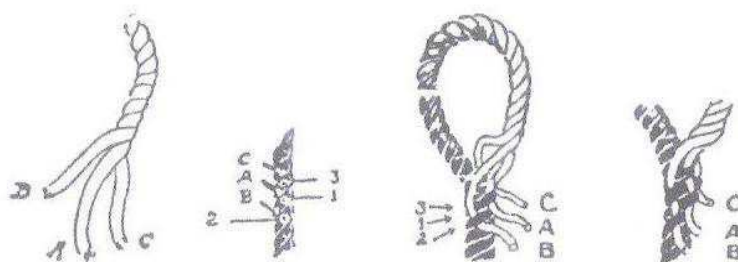


*FALÇAÇA INGLESA – para evitar que os cabos de desacochem. Destorça o cabo e entrelace os cordões numa coroa. Passe depois cada cordão por cima do cordão contíguo e por baixo do cordão seguinte, sempre em direção contrária àquela em que o cabo está acochado. Repita isto três vezes.*

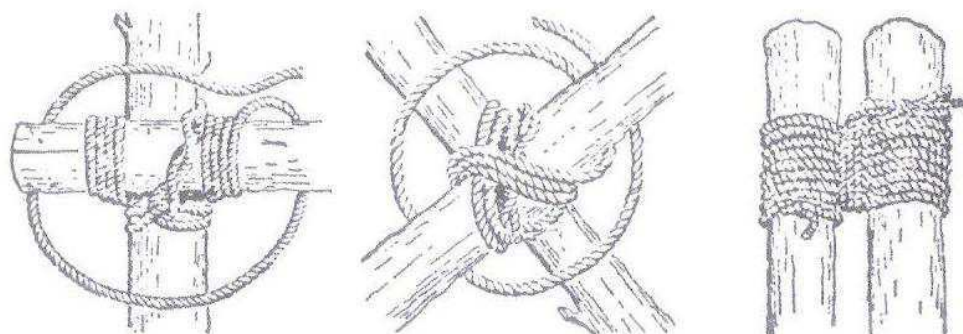




**COSTURA SIMPLES** – para unir dois cabos. Desacoche os chicotes dos cabos, que depois se juntam com os cordões entrelaçados. Passe cada cordão por cima do cordão contíguo e por baixo do cordão seguinte, sempre em direção contrária àquela em que o cabo está acochado. A seguir faça o mesmo com os cordões do outro cabo. Repita a operação algumas vezes.



**COSTURA DE ALÇA** – para fazer uma alça permanente no chicote de um cabo. Desacoche o chicote do cabo e forme então a alça de tamanho suficiente. Enfie cada cordão por sua vez debaixo do cordão a que se sobrepõe, sempre em direção contrária àquela em que o cabo está acochado. Depois continue como na falçaça inglesa. Repita três vezes.

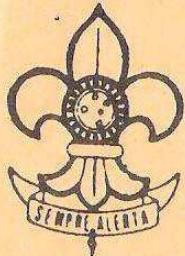


**AMARRA QUADRADA** – começa com a volta do fiel. Fazer as voltas de ajuste perpendicularmente às voltas principais. Terminar a amarra com a volta do fiel.

**AMARRA DIAGONAL** – começa com a volta da ribeira em torno das duas varas. Fazer as voltas em redor das forquilhas. Dar as voltas de ajuste. Terminar com a volta do fiel.

**AMARRA PARALELA** – Volta do Fiel em torno de uma vara. Depois as voltas em torno das duas varas. Voltas de ajuste. Termine com a volta do fiel em torno de uma vara.

ANEXO 3:  
Certificado de Promessa



UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Região PARAIBA Distrito 1º BOBB.


Grupo Escoteiro 17º GRS SANTOS DUMONT.


**Certificado de Promessa de Lobinho**

O (A) lobinho/lobinha PRISCILA DAIANE MENDES DA SILVA  
(nome completo)

fez nesta data sua Promessa de Lobinho.

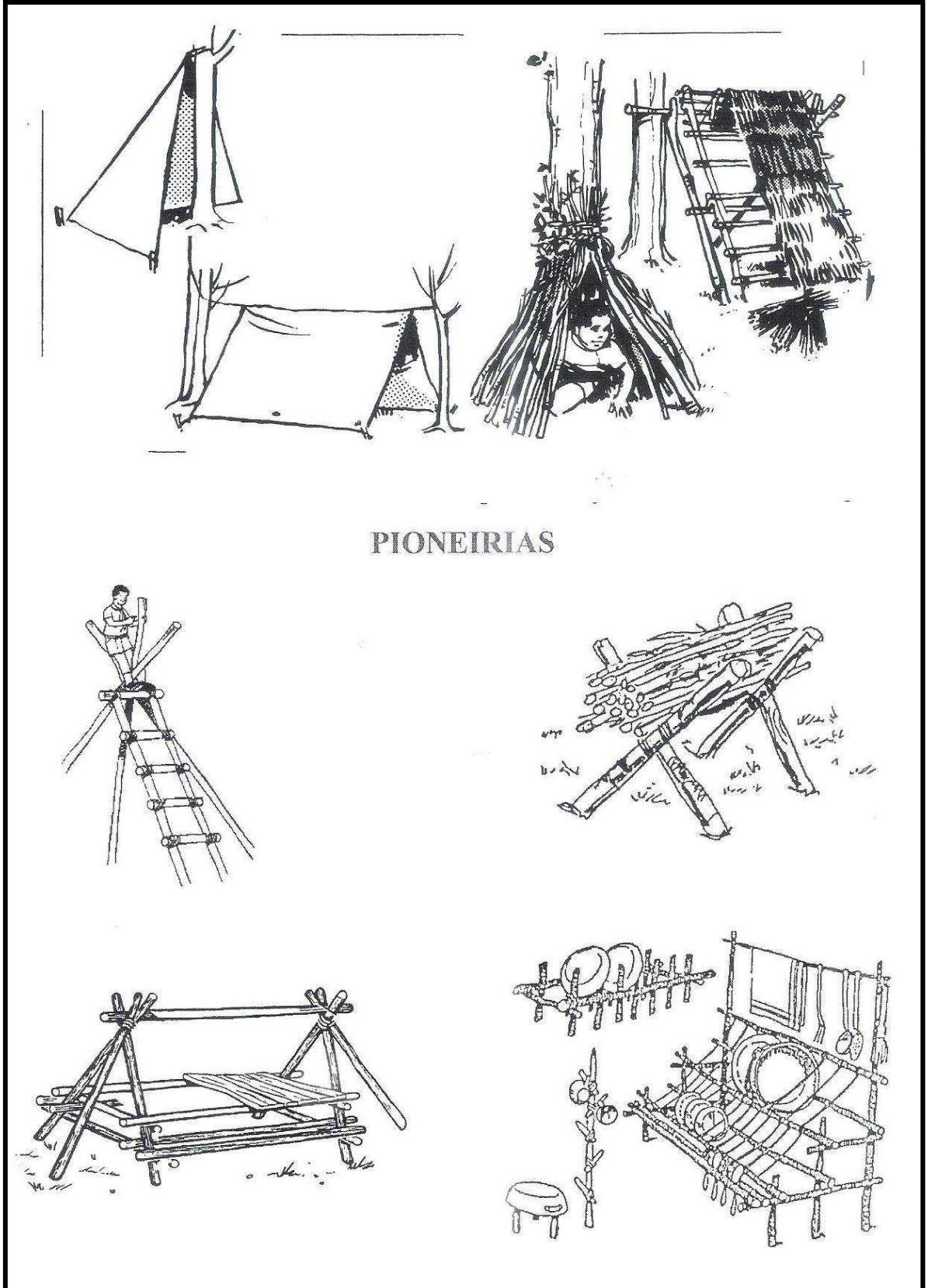
Campina Grande, 27 de MAIO de 19 96

  
Akela

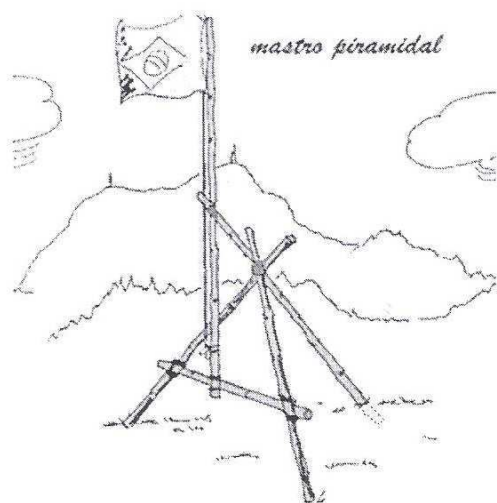
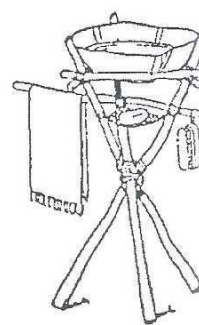
  
Chefe de Grupo

Mod. 101

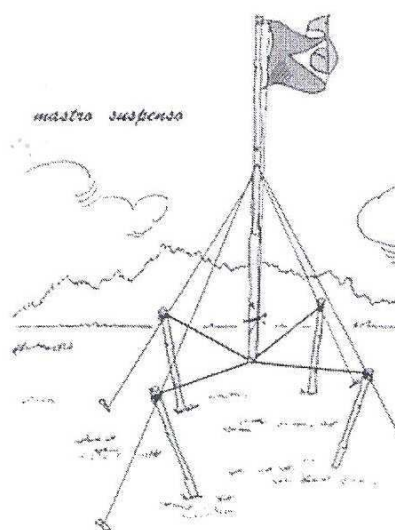
ANEXO 4:  
Pionerias



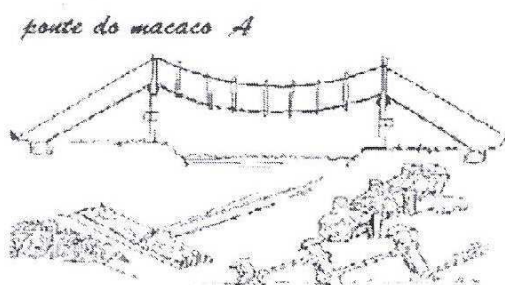




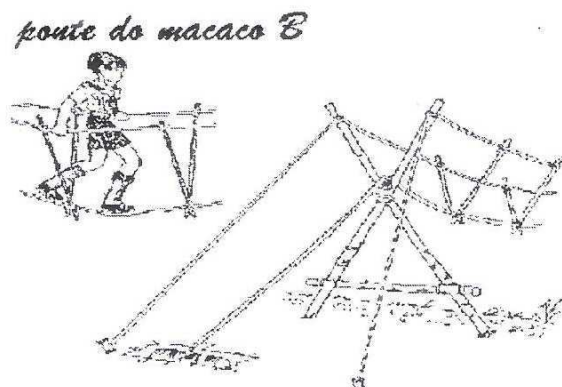
*mastro piramidal*



*mastro suspenso*



*ponte do macaco A*



*ponte do macaco B*

Anexo 5  
Certificado de Especialidade

**UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL**

Região PARAIBA Distrito BORBOREMA  
Grupo Escoteiro SANTOS DUMONT

**Certificado de Especialidade**

O (A) LOBINHO RENAN L. DE OLIVEIRA  
(lobinho, lobinho, escoteiro, escoteira, sênior, guia escoteiro) (nome completo)

com registro na UEB n° \_\_\_\_\_ realizou satisfatoriamente  
todas as etapas regulamentares, pelo que lhe é passado o presente  
Certificado da ESPECIALIDADE de ARTISTA

CAMPINA GRANDE, 15 de OUTUBRO de 19 97  
(cidade)

Jonas da Silva  
Chefe de Grupo

Jonas da Silva  
Chefe de Seção

Com. Distrital ou Regional  
nome, qualificação e endereço do examinador no verso.

Novo Mod. 115

## ANEXO 6:

## Canção da despedida

Por que perder a esperança?

De nos tornar a ver?

Por que perder a esperança

Se há tanto querer?

Não é mais que um até logo,

Não é mais que um breve adeus.

Bem cedo, junto ao fogo,

Tornaremos a nos ver.

Com nossas mãos entrelaçadas,

Ao redor do calor.

Formemos nesta noite

Mais um círculo de amor.

Pois o senhor que nos protege

E nos vai abençoar

Um dia, certamente,

Vai de novo nos juntar.

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Quando foi a primeira vez que você ouviu falar sobre o Movimento Escoteiro?
2. Em que ano você ingressou no Grupo de Escoteiros? Quantos anos você tinha?
3. Onde eram realizadas as reuniões, o dia e o horário? Tinha alguma preparação especial antes da reunião?
4. Como eram as relações sociais dentro do grupo?
5. Quantos anos você ficou no Grupo? Porque saiu?
6. Você acha que a sua experiência como escoteiro contribuiu de alguma forma, para o seu desenvolvimento pessoal?
7. Quais praticas vivenciadas no escotismo disciplina os corpos, as mentes e as emoções dos participantes ?
8. E hoje, como você vê o Movimento Escoteiro?
9. Você acha que os escoteiros se sentem pessoas diferentes do resto da sociedade?
10. Por que as pessoas não conseguem se desligar do movimento, já que, posteriormente, algumas delas retornam com os seus filhos?

## TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL.

CEDENTE: \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, profissão \_\_\_\_\_, portador da Cédula de Identidade RG/ Cédula de Identificação de Estrangeiro nº \_\_\_\_\_, emitida pelo \_\_\_\_\_, e do CPF nº \_\_\_\_\_, domiciliado e residente na Rua/Av./Praça \_\_\_\_\_.

CESSIONÁRIO: Andressa Barbosa de Farias Leandro, residente á Natanael Nóbrega de Lucena, nº 110, Rocha Cavalcante, Campina Grande- PB.

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente cedida à estudante Andressa Barbosa de Farias Leandro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG a ser utilizada como dissertação no período 2013/2014.

DO USO: Declaro ceder a Universidade Federal de Campina Grande- UFCG sem quaisquer restrições quanto a seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, num total de \_\_\_\_\_.

A estudante Andressa Barbosa de Farias Leandro, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Campina Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Depoente/ Cedente



